



# CULTURA E CLIMA



# CULTURA E CLIMA

REALIZAÇÃO



OUTRA  
ONDA  
CONTEÚDO

PARCERIA TÉCNICA







Ribeirinha é vista torrando farinha em uma comunidade próxima ao município de Iranduba, Amazonas  
© Bruno Kelly



# FICHA TÉCNICA

## SUPERVISÃO GERAL

---

**Mariana Resegue**

C DE CULTURA

**Eduardo Carvalho**

OUTRA ONDA CONTEÚDO

## EQUIPE C DE CULTURA

---

**Ricardo Leal**

FUNDADOR E PRESIDENTE

**Gustavo Pereira Vidigal**

CONSULTOR DE PESQUISA

**Marina Barbosa**

ANALISTA DE PROJETOS

**Haline Farias**

ANALISTA DE COMUNICAÇÃO

**Sueli Silva**

AUXILIAR ADMINISTRATIVA

## INSTITUTO VEREDAS EXECUÇÃO DA PESQUISA

---

**Laura dos Santos Boeira**

COORDENAÇÃO METODOLÓGICA

**Bruno Graebin de Farias**

**Laura Krebs Alvares**

**Pedro de Souza Gomes**

**Sandra Vivian Dias**

**Sherlen Borges**

## SESSÃO DE APRIMORAMENTO

---

**Amazônia de Pé**

**Kayeb**

**Outra Onda Conteúdo**

**Perifa\_lab**

**O Clima é de Mudança**

## ARTICULISTAS

---

**Ana Toni**

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE  
E MUDANÇA DO CLIMA

**Trinidad Zaldivar**

BANCO INTERAMERICANO  
DE DESENVOLVIMENTO - BID

**Andrew Potts**

HERITAGE ADAPTS

**Shirley Krenak**

INSTITUTO SHIRLEY  
DJUKURNÃ KRENAK

**Naine Terena**

PESQUISADORA CNPQ/FAPEMAT

**Diosmar Filho**

IYALETA E UFBA

**Eloísa Artuso**

INSTITUTO FEBRE

**Marcele Oliveira**

PERIFALAB

**Georgia Haddad**

INSTITUTO PROCOMUM

## PROJETO GRÁFICO

---

**Danilo de Paulo**

MERCURIO.STUDIO

## ILUSTRAÇÕES

---

**Thiago Limón**

## FOTOS

---

**Alex Fisberg**

**Bruno Kelly**

## SITE

---

**Webinhood**

## TRADUÇÃO

---

**Confluence Translations**

**Lais Mendes**

## REVISÃO

---

**Erica de Oliveira**

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	<b>15</b>
<b>INTEGRANDO AS AGENDAS DE CULTURA E CLIMA: RESUMO DE EVIDÊNCIAS</b>	<b>19</b>
<b>A crise climática como ameaça à preservação do patrimônio cultural e à proteção dos direitos e das expressões culturais</b>	<b>21</b>
Terra das Culturas POR DIOSMAR FILHO	<b>24</b>
Por que a cultura é importante nas ações contra as mudanças climáticas? POR SHIRLEY KRENAK	<b>29</b>
Os setores culturais e criativos enquanto importante ativo para promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo POR TRINIDAD ZALDIVAR	<b>33</b>
<b>O ciclo de impacto entre políticas climáticas e práticas culturais</b>	<b>34</b>
A Cultura como plataforma de ação climática POR ANA TONI	<b>42</b>
A Virada Cultural para conscientização climática POR MARCELE OLIVEIRA	<b>46</b>
<b>Como a expressão cultural pode promover conscientização, apoiar na comunicação dos riscos e propor soluções relacionadas à crise climática?</b>	<b>48</b>
Cultura, Natureza e o comum: soluções para o bem viver no Sul Global POR GEORGIA NICOLAU	<b>50</b>
<b>A cultura na resiliência pós-desastres</b>	<b>52</b>



**Potencialidades e barreiras para a conciliação  
entre as agendas políticas e sociais de cultura e clima** 57

**Marcos normativos e oportunidades de indução  
do debate internacional** 62

A COP30 precisa de uma vitória política para a cultura  
POR ANDREW POTTS 68

**Equidade e inclusão social na integração  
das agendas de cultura e clima** 73

Reflorestar mentes para novas posturas ecológicas  
POR NAINÉ TERENA 74

Justiça climática e direitos das mulheres na cadeia da moda  
POR ELOISA ARTUSO 78

## **RECOMENDAÇÕES** 81

**Entrevista com Márcio Tavares, Secretário Executivo  
do Ministério da Cultura do Brasil** 83

**Apêndice 1 - Metodologia** 89

**Apêndice 2 – Glossário de termos-chave** 91

**Apêndice 3 – Mapeamento preliminar de iniciativas  
de integração de cultura e clima** 95







Pescador é visto em sua canoa próximo a cidade de Tefé, Amazonas, Brasil © Bruno Kelly







Ribeirinhos são vistos durante banho no rio Negro próximo à Manaus, Amazonas © Bruno Kelly





Acúmulo de resíduos plásticos e poluição no rio Pinheiros em São Paulo - 2018 © Alex Fisberg



# APRESENTAÇÃO

O ano de 2024 vai ficar marcado na história do Brasil pela intensidade de eventos climáticos extremos registrados em diversas partes do país. Chuvas deixaram milhares desabrigados e devastaram cidades no Rio Grande do Sul, ceifando centenas de vidas. Queimadas impactaram a rica biodiversidade em biomas como o Pantanal e o Cerrado, possivelmente afetando seus recursos hídricos. A seca histórica na Amazônia ilhou ribeirinhos e modificou a paisagem drasticamente - pelo segundo ano consecutivo.

Um cenário que não é só no Brasil. Pelo mundo, furacões mais intensos, enchentes devastadoras em cidades europeias e termômetros registrando o dia mais quente desde o início das medições feitas pelo Copernicus, programa europeu de observação da Terra. A ciência alerta que é só o começo, bem como evidencia a insuficiência das ações de adaptação da vida em um planeta que ferve cada vez mais.

A percepção da população global sobre a crise climática começa a mudar, principalmente porque seus efeitos afetam o cotidiano - e o bolso. Mesmo o assunto estando cada vez mais presente na mídia, o debate em torno de soluções se restringe a espaços com pouco acesso ao cidadão comum, com linguagem técnica, pouco compreensível e baixa representatividade.

É importante ressaltar que este é um debate que precisa incluir e reverberar as necessidades e os saberes das populações, deixando de lado interesses individuais e aumentando as ambições ligadas ao desenvolvimento de políticas capazes de mitigar e adaptar os impactos de um planeta mais quente, garantindo saúde e segurança para todas as pessoas, além de combater a desigualdade social resultante do novo regime climático global.

## Mas por que falar de Cultura diante da urgência das mudanças climáticas?

Diante do contexto que se apresenta, a Cultura se destaca como um importante elemento na construção do bem viver das populações e um fator estruturante para o desenvolvimento de qualquer política que pretenda ser efetivamente sustentável.

É imprescindível pensar nos impactos das mudanças climáticas no patrimônio cultural material e imaterial e no pleno exercício dos direitos culturais, bem como inserir neste debate a Cultura como plataforma para a ação climática.

Pela cultura é possível humanizar mensagens, com a empatia como matéria-prima, para criar contexto sobre fatos e políticas que influenciam todos os aspectos da vida. Isso pode ser eficaz no chamado à ação, convidando as pessoas a se tornarem parte da solução, sem culpar o indivíduo pelos dilemas atuais.

A crise climática atinge a todas as pessoas e sabemos que aquelas e aqueles em maior estado de vulnerabilidade sofrerão mais. Assim como os impactos serão sentidos por todos, as soluções precisam ser pensadas incluindo todos os saberes.

É nesse contexto que acreditamos e pesquisamos sobre a importância da Cultura como agente provocador e transformador da sociedade em meio à crise climática, fomentando a expansão do debate, rompendo bolhas pela necessária mudança em governos e integrando os diferentes sistemas de conhecimento.

## A pesquisa Cultura e Clima

Diante desse cenário, o C de Cultura e a Outra Onda Conteúdo se juntaram para pensar uma pesquisa que pudesse sistematizar as principais evidências disponíveis sobre a conexão das agendas de clima e cultura, suas convergências e divergências, bem como as principais barreiras para a implementação de iniciativas que unam as temáticas. A seguir, apresentamos importantes destaques deste trabalho que vão nortear nossas próximas discussões:

- Apesar de muitos artistas e organizações culturais estarem conectados a pautas ambientais, boa parte das políticas culturais ainda não fomenta a ação climática de forma sistêmica e efetiva, para além de algumas poucas experiências em nível local.
- **O contexto de mudanças climáticas demanda a construção de uma governança cultural para a agenda climática, envolvendo fazedores de cultura, povos indígenas, comunidades tradicionais e detentores de bens culturais, de modo a gerir efetivamente os riscos de desastres para o patrimônio cultural e natural e promover a garantia do pleno exercício dos direitos culturais.**

- **Para passar do discurso à prática, é essencial o mapeamento e o registro de aprendizados de iniciativas locais e internacionais que possam ser adaptadas para os diversos contextos brasileiros. Modelos inovadores de financiamento das práticas de integração de cultura e clima devem ser um esforço colaborativo entre governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil envolvidas no investimento social privado.**
- Os principais instrumentos e os pactos de integração de cultura e clima são mantidos, em boa parte, por coalizões da sociedade civil, com baixa perspectiva atual de institucionalização em políticas públicas.
- A escassez e inadequação de mecanismos e fluxos de financiamento nacionais e internacionais consiste num dos principais entraves para a ação climática baseada na cultura.
- Necessidade de formação de agentes públicos (em todas as esferas de governo) e gestores culturais sobre a pauta climática.

Nossa pesquisa é apenas o começo de uma mobilização que deseja fomentar cada vez mais um debate em que a cultura seja protagonista em soluções para reduzir os efeitos das mudanças climáticas.

Os próximos passos serão desafiadores: em uma nova fase da pesquisa, tentaremos entender como uma amostra da população brasileira interpreta narrativas que envolvem a pauta ambiental e climática e se essas histórias contadas em teatros, museus, cinemas ou na rua geram impactos positivos transformadores.

Além disso, vamos expandir nossa coletânea de iniciativas brasileiras que atuam dentro do binômio de cultura e clima, dando rostos e visibilizando aquelas e aqueles que trabalham para tornar nossa existência melhor e para que o mundo seja mais solidário, justo e menos impactado pelo aumento da temperatura.

Com a cultura, conseguimos reimaginar a realidade e relembrar que somos parte da natureza – e não estamos à parte dela –, ao despertar emoções e sentimentos.

Um último lembrete: não podemos perder a esperança. Ela é fundamental para que sigamos juntos em uma realidade desafiadora.

Bem-vindas e bem-vindos.

**Mariana Resegue**

DIRETORA EXECUTIVA C DE CULTURA

**Eduardo Carvalho**

DIRETOR DA OUTRA ONDA CONTEÚDO





Rio Tarumã Açú, afluente do rio Negro é visto durante  
seca severa em Manaus, Amazonas © Bruno Kelly

# SUMÁRIO EXECUTIVO

**E**ntre junho e setembro de 2024, o C de Cultura e a Outra Onda Conteúdo, em parceria técnica com o Instituto Veredas, realizaram uma imersão nos documentos e nas iniciativas que apontam caminhos para a efetiva integração das agendas de Cultura e Clima. O percurso metodológico está descrito no Apêndice 1 deste documento e um glossário de conceitos-chave está disponível no Apêndice 2.

Abaixo, apresentamos os principais achados desta imersão:

## Entendendo o desafio

- Na relação entre cultura e clima, é essencial reconhecer que tanto as mudanças climáticas afetam as expressões culturais e ameaçam a preservação do patrimônio natural e cultural, quanto as práticas e políticas culturais oferecem caminhos para uma ação climática participativa e vinculada aos territórios.
- Eventos climáticos extremos têm atingido, cada vez mais, o Brasil, com registros de incêndios florestais de grandes proporções, secas, ondas de calor e enchentes. O setor cultural é impactado de forma drástica por esses eventos, os quais interrompem por largos períodos as atividades culturais e criativas e promovem a insegurança econômica de trabalhadores e trabalhadoras da cultura.
- Apesar de muitos artistas e organizações culturais já estarem conectados a pautas ambientais, boa parte das políticas culturais ainda não fomentam a ação climática de forma sistêmica e efetiva, para além de algumas poucas experiências em nível local.

**O contexto de mudanças climáticas demanda a construção de uma governança cultural para a agenda climática, envolvendo fazedores de cultura, povos indígenas, comunidades tradicionais e detentores de bens culturais, de modo a gerir efetivamente os riscos de desastres para o patrimônio cultural e natural e promover a garantia do pleno exercício dos direitos culturais.**



## Agindo para integrar cultura e clima

- Dentre as estratégias de fortalecimento de uma governança integrada, está a formulação de Planos de Ação para Enfrentamento das Mudanças Climáticas, que abrangem desde a escala federal até o nível local, com o estabelecimento de programas intergovernamentais de gestão de riscos ao patrimônio cultural material e imaterial, construídos a partir da participação ativa das comunidades. Para tanto, pode ser necessário o estabelecimento de órgãos governamentais que integrem formalmente cultura e clima.
- Na maioria dos países, especialmente no Sul Global, é inexistente ou incipiente o investimento em planos e programas que integrem cultura, clima e desenvolvimento sustentável. A falta de recursos financeiros para ações de monitoramento e a baixa disponibilidade de equipes para implementação são algumas barreiras identificadas no âmbito das políticas públicas.
- Há um papel relevante a ser desempenhado pelos municípios no alinhamento dos pactos e políticas com as necessidades dos territórios. Todavia, há poucos incentivos políticos e financeiros para o nível municipal protagonizar tais esforços, além de um possível desconhecimento sobre a relevância do tema (e sua sinergia com a pauta climática) por parte dos gestores públicos.

**Para passar do discurso à prática, é essencial o mapeamento e o registro de aprendizados de iniciativas locais e internacionais que possam ser adaptadas aos diversos contextos brasileiros. Modelos inovadores de financiamento das práticas de integração de cultura e clima devem ser um esforço colaborativo entre governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil envolvidas no investimento social privado.**

- Os principais instrumentos e os pactos de integração de cultura e clima são mantidos, em boa parte, por coalizões da sociedade civil, com baixa perspectiva atual de institucionalização em políticas públicas.
- No âmbito do setor privado, as empresas e os grandes festivais têm importante papel a cumprir na conscientização e na adoção de medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas, mas ainda apresentam baixo engajamento nessas iniciativas e discursos mais contundentes do que as práticas em si.
- As expressões culturais têm a capacidade de mobilização coletiva e transformação do imaginário social para o combate e a resiliência às mudanças climáticas, por meio de obras, iniciativas, espaços e pro-



cessos que mobilizam a sensibilidade e a cognição. É essencial, no entanto, combater a banalização da pauta ou a transformação da ação climática em um produto comercial com baixo impacto de transformação real.

**As expressões culturais voltadas à ação climática devem ser multiplicadas em debates e espaços comunitários, com ênfase nas relações de poder envolvidas e nos impactos específicos no cotidiano das pessoas e dos seus territórios, visando à mobilização de ações concretas.**

### **Impulsionando os marcos internacionais e nacionais**

- Atos internacionais, como o Acordo de Paris (2015) sobre a crise climática e a Declaração MONDIACULT (2022) da UNESCO, têm impulsionado o debate internacional sobre esses temas.
- O Brasil tem, hoje, protagonismo no Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima. O país pode aproveitar as janelas de oportunidade abertas pela presidência do G20 em 2024 e por sediar a COP30, em 2025, para adotar medidas mais robustas em relação à pauta de cultura e clima, ancoradas em consensos internacionais.

### **Adotando uma lente de equidade**

- Os impactos das mudanças climáticas são distribuídos de forma desigual pelo mundo, afetando de forma desproporcional países do Sul Global, os povos indígenas e as comunidades tradicionais, além de agravar a exclusão social de mulheres, meninas e pessoas negras, inclusive no que diz respeito ao usufruto da cultura.
- As práticas culturais de povos indígenas e comunidades tradicionais desempenham um importante papel na gestão ecológica dos territórios e na conservação da biodiversidade. A incorporação de saberes originários propicia novas abordagens e tecnologias para o enfrentamento da crise climática. Porém, é essencial não adotar uma conduta exploratória, resguardando o nível de exposição e assegurando o protagonismo das lideranças comunitárias nos espaços de participação.

**Saberes de populações tradicionais e periféricas necessitam de alavancagem para ocupar o centro do debate, favorecendo a criação colaborativa de soluções nas comunidades e internalizando conceitos como o de justiça climática e racismo ambiental para enfrentar os desafios.**





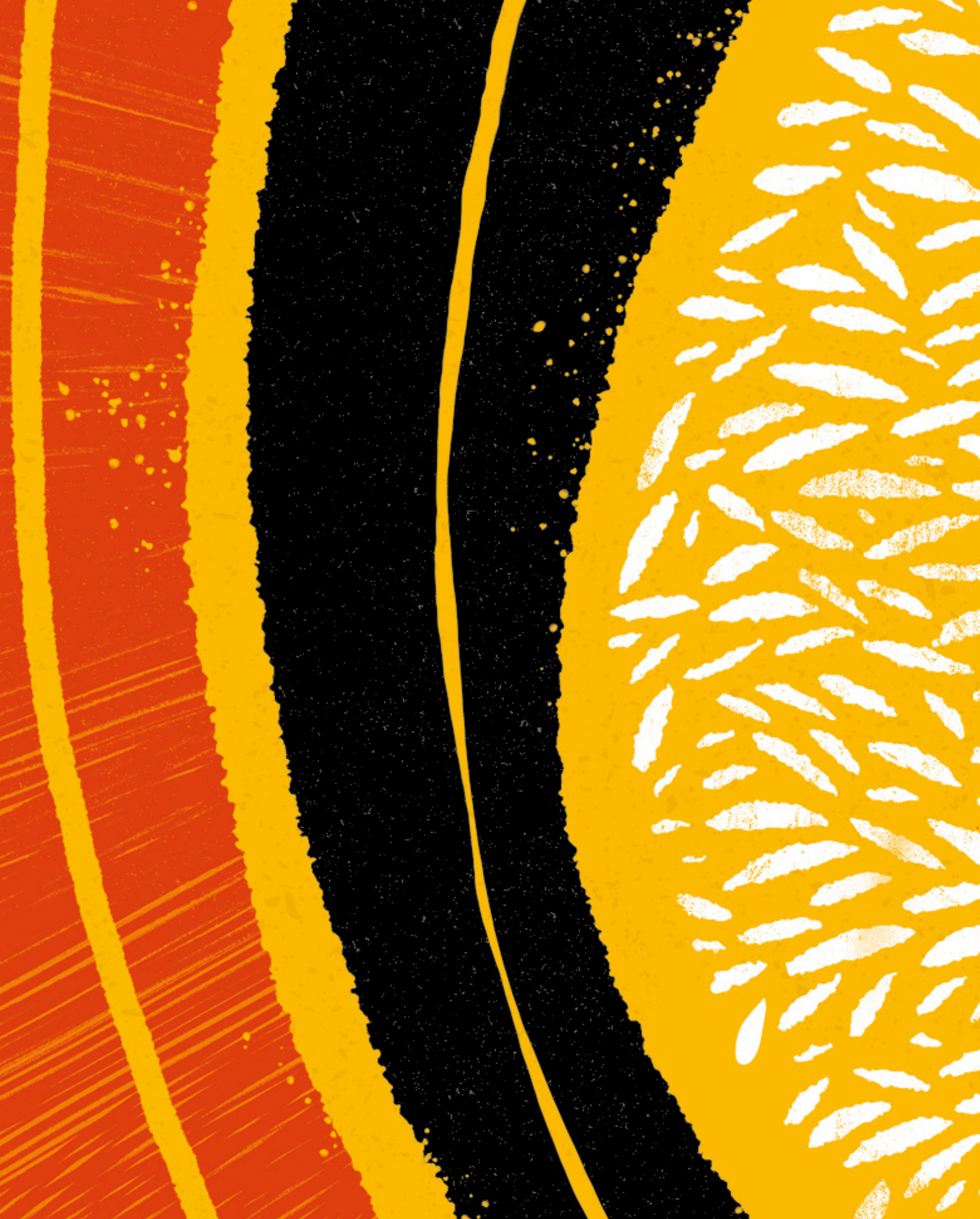




**INTEGRANDO  
AS AGENDAS  
DE CULTURA  
E CLIMA:**

**RESUMO DE  
EVIDÊNCIAS**





# A crise climática como ameaça à preservação do patrimônio cultural e à proteção dos direitos e das expressões culturais

**N**a interface com o clima, é comum que o conceito de cultura seja abordado a partir diversos conceitos<sup>1</sup> e três concepções principais:

**1.** como herança cultural e patrimônio imaterial, mobilizando práticas simbólicas, saberes, expressões, celebrações, linguagens, dentre outros atributos transmitidos de geração para geração em determinada sociedade;

**2.** como patrimônio material, na forma de obras, estruturas e espaços com valor etnográfico, histórico ou artístico;

**3.** como manifestação cultural, geralmente referenciando atividades artísticas que ajudam a significar as vivências em sociedade.

Os crescentes impactos das mudanças climáticas apresentam um cenário de emergência que tem sido descrito como “crise climática”<sup>4</sup>. Estima-se que entre **3,3 e 3,6 bilhões de pessoas, mais de 50% da população mundial, estão vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas**<sup>5</sup> e que há uma perda global de **12% do Produto Interno Bruto (PIB) a cada 1°C de aumento da temperatura relacionado ao aquecimento global**<sup>6</sup>.

“Se você ainda vive a cultura de um povo que não perdeu a memória de fazer parte da natureza, você é herdeiro disso, não precisa resgatá-la, mas se você passou por essa experiência urbana intensa, de virar um consumidor do planeta, a dificuldade de fazer o caminho de volta deve ser muito maior.”

**AILTON KRENAK**

*A vida não é útil*

- <sup>1</sup> O Apêndice 2 deste documento traz um glossário de tópicos-chave para as agendas de cultura e clima.
- <sup>2</sup> Group of Friends of Culture-Based Climate Action. Emirates Declaration on Cultural-based Climate Action, 2023. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/65789ec6b4318b54f27afa6e/1702403782880/>
- <sup>3</sup> UNFCCC Group of Friends of Culture-Based Climate Action Launch at UNGA 2023, 2023. Disponível em: [https://www.ellet.gr/wp-content/uploads/Concept-Note\\_GFCBCA-2023.pdf](https://www.ellet.gr/wp-content/uploads/Concept-Note_GFCBCA-2023.pdf)
- <sup>4</sup> Ripple, W. et al. World Scientists' Warning of a Climate Emergency, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/biosci/biz088>
- <sup>5</sup> ICOMOS/BRASIL. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL, 2022. Disponível em: <https://www.icomos.org.br/single-post/mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-e-patrim%C3%B4nio-cultural>
- <sup>6</sup> Purton, M. Climate crisis costs the world 12% in GDP for every 1°C temperature rise, and other nature and climate stories you need to read this week, 2024. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2024/06/nature-climate-news-global-warming-hurricanes/>



- 7 Southeast Asian Cultural Heritage Alliance. Cultural Wisdom for Climate Action Learning from Southeast Asia, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rY3LZDi8fLYECBorZZhyAWQ3d3-kNVSif/view?ts=65251467>
- 8 Nonada Jornalismo. Nonada cria editoria sobre Clima e Cultura e lança revista temática, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/01/nonada-cria-editoria-sobre-clima-e-cultura-e-lanca-revista-tematica/>
- 9 Louback, A. (Org.) Quem precisa de Justiça Climática no Brasil?, 2022. Disponível em: [https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/08/Quem\\_precisa\\_de\\_justica\\_climatica-DIGITAL.pdf](https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/08/Quem_precisa_de_justica_climatica-DIGITAL.pdf)
- 10 Meneguelli, N. Artistas de rua lutam para continuar seu trabalho em meio à crise climática. Nonada Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/04/artistas-de-rua-lutam-para-continuar-seu-trabalho-em-meio-a-crise-climatica/>
- 11 Group of Friends of Culture-Based Climate Action. Emirates Declaration on Cultural-based Climate Action, 2023. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/65789ec6b4318b54f27afa6e/1702403782880/>
- 12 Além, L. Cultura e clima – parte II: Como a cultura afeta as mudanças climáticas?, 2021. Disponível em: <https://institutodea.com/artigo/cultura-e-clima-parte-ii-como-cultura-afeta-as-mudancas-climaticas/>
- 13 Choi, Y.; Khalifa, M.; Eltahir, E. North–South Disparity in Impact of Climate Change on “Outdoor Days”, 2024. Disponível em: <https://journals.ametsoc.org/view/journals/clim/37/12/JCLI-D-23-0346.1.xml>
- 14 Choi, Y.; Khalifa, M.; Eltahir, E. North–South Disparity in Impact of Climate Change on “Outdoor Days”, 2024. Disponível em: <https://journals.ametsoc.org/view/journals/clim/37/12/JCLI-D-23-0346.1.xml>
- 15 Angula, M.; Menjolo, E. Gender, culture and climate change in rural Namibia. Journal for Studies in Humanities and Social Sciences, 2014. Disponível em: <https://journals.unam.edu.na/index.php/JSHSS/article/view/980>
- 16 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Cultural e Ações Climáticas, 2023. Disponível: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciclo-de-dialogos-patrimonio-cultural-e-acoes-climaticas>

Os grupos que vêm pautando a integração conceitual e prática entre cultura e clima alertam sobre os grandes riscos que as mudanças climáticas oferecem a atividades e bens culturais, bem como apontam as potencialidades de incorporar saberes tradicionais e manifestações artísticas na agenda de conscientização e ação climática<sup>7</sup>.

**Com o aquecimento global e as demais repercussões da mudança do clima, o setor cultural já sente as consequências dos eventos climáticos e meteorológicos extremos.** Dentre os efeitos, estão a destruição de cidades e prédios históricos considerados patrimônio cultural, a insegurança laboral de artistas e trabalhadores(as) das indústrias culturais e criativas<sup>8</sup>, bem como a restrição da fruição e da criação cultural por populações marginalizadas<sup>9</sup>. É comum, por exemplo, que atividades culturais sejam canceladas ou realocadas face a condições climáticas adversas, o que afeta não só o público e os(as) artistas, mas toda a cadeia produtiva que sustenta esse fazer<sup>10</sup>. A crise climática oferece riscos tanto ao patrimônio cultural material (estruturas, territórios) quanto ao patrimônio cultural imaterial (valores, costumes, memórias, autenticidade), ameaças que podem interromper a transmissão intergeracional de práticas socio-culturais, violando direitos culturais de povos e comunidades e limitando drasticamente a diversidade cultural<sup>11</sup>.

**Pesquisas recentes já demonstram que o Sul Global será afetado de forma desproporcional pelas mudanças climáticas e pelo projeto de desenvolvimento global<sup>12</sup>, de modo a reduzir drasticamente o número de dias ao ar livre que a população poderá usufruir<sup>13</sup>.** Também são mais afetadas as mulheres e as comunidades indígenas e ribeirinhas, as quais tipicamente realizam cuidados de manutenção e preservação ambiental sem a devida remuneração, tampouco são priorizadas em instâncias e mecanismos de participação política para integração das agendas cultural e climática. As disparidades de gênero e de raça são comumente aprofundadas nos contextos de crise climática<sup>14</sup>, afetando a forma como mulheres, meninas e pessoas negras transmitem valores e exercem seu direito à cultura<sup>15</sup>.

**No Brasil, existem patrimônios culturais como edificações, centros históricos, ruínas e sítios arqueológicos, bem como manifestações culturais vinculadas a povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, ciganos, extrativistas e comunidades tradicionais diversas, que estão em risco devido às mudanças climáticas.**

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO NACIONAL<sup>16</sup>



**Rosana Paulino. Peixe. Da série Mangue, 2023.**

A pintura faz parte da série Mangue, que pensa a árvore-mulher como uma mulher ancestral e arquetípica.

**A degradação e a poluição do solo e das águas, fomentadas por grupos economicamente privilegiados, alteram a interação do território com a população que produz cultura a partir dele, afetando especialmente as comunidades mais periféricas e vulneráveis<sup>17</sup>.** Os povos indígenas, por exemplo, não só cultivam seus saberes tradicionais na relação com a terra, mas promovem a preservação geracional de culturas, ecossistemas e biomas. Em 2018, **estimava-se que 370 milhões de indígenas no mundo (5% da população mundial) ocupavam mais de 25% da terra disponível, mantendo estáveis 80% da biodiversidade de fauna e flora global<sup>18</sup>.** **Povos indígenas e comunidades locais são responsáveis pela gestão de 42% dos territórios em boas condições ecológicas e 36% das áreas-chave de biodiversidade existentes no mundo<sup>19</sup>.** No entanto, a luta pelo reconhecimento do território desses povos ainda persiste sem que haja uma compreensão ampliada de que a proteção dessas culturas é mais do que a manutenção de um acervo linguístico, cultural e artístico, é também a manutenção da biodiversidade global, tão essencial para a estabilidade climática. Entretanto, o reconhecimento do papel de povos e comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade ainda carece de mecanismos formais. No caso brasileiro, por exemplo, 87% dos registros no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético não identificam o conhecimento tradicional associado ao item da biodiversidade cadastrado<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Southeast Asian Cultural Heritage Alliance. Cultural Wisdom for Climate Action Learning from Southeast Asia, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rY3LZDi8fLYECBorZZhyAWQ3d3-kNVSj/view?ts=65251467>

<sup>18</sup> Raygorodetsky, G. Populações indígenas defendem a biodiversidade do planeta, mas estão em perigo, 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2018/11/populacoes-indigenas-defesa-biodiversidade-planeta-conservacao-equador-amazonia-perigo-especies>

<sup>19</sup> International Union for Conservation of Nature (IUCN). The State of Indigenous Peoples' and Local Communities' Lands and Territories, 2021. Disponível em: [https://wwfint.awsassets.panda.org/downloads/report\\_the\\_state\\_of\\_the\\_indigenous\\_peoples\\_and\\_local\\_communities\\_lands\\_and\\_territor.pdf](https://wwfint.awsassets.panda.org/downloads/report_the_state_of_the_indigenous_peoples_and_local_communities_lands_and_territor.pdf)

<sup>20</sup> Instituto Escolhas. Monitoramento do uso dos conhecimentos tradicionais: como o Brasil pode avançar nessa agenda? Sumário Executivo. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://escolhas.org/wp-content/uploads/2023/10/Sumario-CTA.pdf>



# TERRAS DAS CULTURAS

## Transição Climática Sankofa e Big Ben

Por Diosmar Filho

Os movimentos dos territórios nos colocam em encontros que nos move para encontros e nos conecta em encontros. É uma forma **Sankofa**, pensamento filosófico milenar africano de vivermos os tempos do vivido, do que vivemos e do que ainda poderemos viver.

Essa forma filosófica de pensar os tempos nos escapa se o tempo está limitado aos espaços que foram cronometrados na forma universal do *Great Bell*, mundialmente conhecido como **Big Ben**, relógio erguido em 10 de abril de 1858, na torre do parlamento britânico na cidade de Londres (Inglaterra).

O tempo *Sankofa* tem como princípio a volta ao conhecimento do passado por ser o futuro. Já o tempo do *Big Ben* compreende o tempo como a partida do último trem e a espera pelo próximo. Pensar *Sankofa* está no entendimento que chegamos ao século XXI, buscando respostas nas terras dos Povos Tupi e Guarani, para a forma diaspórica africana, o *Quilombo*<sup>2</sup>. Uma dimensão de vida nas terras em culturas insubmissas à sociedade cultural *Big Ben*, que só consegue entender mudanças em consensos que mantenham sua memória viva como princípio, diante de todas as demais formas de não consumir as terras. Os quilombos nos deram, no presente, as condições de mover-nos em tempos como nunca visto. Porém, esses tempos precisam ser parte dos movimentos que salvem as humanidades diante do mundo em pleno aquecimento, com ondas de calor extremos nas cidades e com os rios secando nas florestas.

Em 2007, o Mestre Jaime Cupertino<sup>3</sup>, do Território Quilombola de Vazante (Seabra-Bahia), conceituou os crimes de racismo ambiental contra as populações e os territórios quilombolas da Chapada Diamantina de **“As águas não têm cor”**. Para o Mestre, a água é incolor. No entanto, ganha cor pelos crimes que, nos últimos 524 anos, se estabeleceram nas terras pelas culturas que cronometram as vidas em *Big Ben*.

Os tempos de encontros comprovam que estamos sobrevivendo numa trajetória rumo à descarbonização, mas nos mantemos no processo histórico de capitanear os elementos naturais, como o ar e a luz solar, como fonte do capital. É a natureza sendo recurso da carbonização do *Big Ben*, mesmo que a ideia seja descarbonizar. Dessa forma, reestabelecem-se as escalas raciais no espaço global e o apagamento do Sankofa, a memória da Terra.



**Diosmar Filho** é geógrafo, doutorando e mestre em Geografia. Pesquisador e coordenador da Associação de Pesquisa Iyaleta, da Linha de Pesquisa “Desigualdades e Mudanças Climáticas” e da pesquisa “Adaptação Climática: uma intersecção Brasil 2030”. Professor e autor de materiais sobre ordenamento territorial, territórios quilombolas, desigualdades, racismo ambiental e mudanças climáticas.

<sup>1</sup> “Sankofa” é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Representa a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. (Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/Sankofa.pdf> Acesso em: 01.09.2024)

<sup>2</sup> Do quimbundo “o vocábulo kilombo no século (nos séculos XVI – XVII) tem uma dupla conotação: uma toponímia e outra, ideológica. Eram assim também designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e as feiras e os mercados de Kasanji, Mpungo-a-Ndongo, da Matamba e do Kongo. (Nei Lopes, 2012, p.213).

<sup>3</sup> Seu Jaime Cupertino que faz passagem em 03 de outubro de 2023, aos 80 anos e foi sepultado na Território Quilombola de Vazante.

**Em diversos países, os incêndios florestais cada vez mais frequentes, por um lado, pressionam as economias locais, reduzindo a produtividade e o turismo e aumentando os gastos emergenciais, por outro, ameaçam as comunidades tradicionais**<sup>21,22</sup>. Tais incêndios, bem como en-

chentes e estiagens que vêm ocorrendo com maior frequência e intensidade, afetam as culturas estabelecidas nos locais atingidos, impedindo expressões culturais e interrompendo fluxos de comunicação. Esses fenômenos podem, inclusive, forçar a migração de comunidades inteiras, ferindo a relação de pertencimento e fazendo desaparecer idiomas no processo de desterritorialização<sup>23</sup>. Em alguns locais, comunidades tradicionais são estabelecidas como “guardiões da floresta”, que protegem não só o meio ambiente, mas também as expressões culturais locais. Na Tailândia, essa política foi institucionalizada e chamada de *Mae Cham Model*, produzindo resultados positivos de restabelecimento da floresta e de nascente de rios desde sua implementação, em 2019.

**Nos últimos anos, o Brasil vem acumulando diversos eventos climáticos adversos, que atingiram 93% dos municípios e forçaram milhões de pessoas a deixarem suas casas**<sup>24,25</sup>. De 2020 a 2022, o desmatamento e os incêndios florestais devastaram biomas como a Floresta Amazônica e o Pantanal, reconhecidos como patrimônios naturais da humanidade. Entre 2021 e 2022, cidades históricas brasileiras como Petrópolis/RJ, Paraty/RJ, Ouro Preto/MG e Recife/PE foram diretamente impactadas por altos índices pluviométricos. A recente enchente de maio de 2024, no Rio Grande do Sul, considerada a maior catástrofe climática da história do estado, provocou danos em 478 dos 497 municípios e resultou em 182 mortes confirmadas, impactando vida e rotina de 2,398 milhões de pessoas (22,04% da população do Rio Grande do Sul), obrigando mais de 626 mil pessoas a abandonar suas casas de forma temporária ou definitiva<sup>26</sup>.

**No meio rural e urbano, são sentidos os efeitos da confluência de crises climáticas, ambientais, hídricas, políticas e sanitárias.** O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) indicou que, atualmente, o Brasil sofre com ondas de calor extremo durante 53 dias por ano, com tendência de piora. As ondas de calor extremo impactam fortemente pessoas que realizam trabalhos a céu aberto, como artistas de rua, especialmente nas grandes cidades, que enfrentam condições de insalubridade relacionadas às altas temperaturas, pois tais territórios não foram planejados para a mitigação e adaptação climática<sup>27</sup>.

21 Southeast Asian Cultural Heritage Alliance. Cultural Wisdom for Climate Action Learning from Southeast Asia, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rY3LZDi8fLYECBorZZhyAWQ3d3-kNvSi/view?ts=65251467>

22 Além, L. Cultura e clima – parte I: Como as mudanças climáticas afetam a cultura?, 2021. Disponível em: <https://institutodea.com/artigo/cultura-e-clima-parte-i-como-as-mudancas-climaticas-afetam-cultura/>

23 Além, L. Cultura e clima – parte I: Como as mudanças climáticas afetam a cultura?, 2021. Disponível em: <https://institutodea.com/artigo/cultura-e-clima-parte-i-como-as-mudancas-climaticas-afetam-cultura/>

24 ICOMOS/BRASIL. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL, 2022. Disponível em: <https://www.icomos.org.br/single-post/mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-e-patrim%C3%B4nio-cultural>

25 Confederação Nacional dos Municípios. Desastres em 47% dos Municípios forçaram mais de 4,2 milhões a deixarem suas casas nos últimos 10 anos, 2023. Disponível em: <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/desastres-em-47-dos-municipios-forcaram-mais-de-4-2-milhoes-a-deixarem-suas-casas-nos-ultimos-10-anos>

26 Agência Brasil. Número de mortos por causa das chuvas no RS sobe para 182, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/numero-de-mortos-por-causa-das-chuvas-no-rs-sobe-para-182>

27 Meneguelli, N. Artistas de rua lutam para continuar seu trabalho em meio à crise climática. Nonada Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/04/artistas-de-rua-lutam-para-continuar-seu-trabalho-em-meio-a-crise-climatica/>



# ENCHENTES DE 2024 NO RIO GRANDE DO SUL: IMPACTOS E RESPOSTAS PERANTE O SETOR CULTURAL

- <sup>28</sup> Stabile, A. et al. Guaíba recebeu quase metade do volume de água de Itaipu em uma semana de chuvas, aponta instituto da UFRGS, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/05/10/guaiba-recebeu-quase-metade-do-volume-de-agua-de-itaipu-em-uma-semana-de-chuvas-aponta-instituto-da-ufrgs.ghtml>
- <sup>29</sup> Gloria, R. Como a maior catástrofe socioambiental do RS impacta a cadeia do Livro e Leitura. Nonada Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/05/como-a-maior-catastrofe-socioambiental-do-rs-impacta-a-cadeia-do-livro-e-leitura/>
- <sup>30</sup> Bobsin, R. A crise na cultura em meio à catástrofe climática, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/a-crise-na-cultura-em-meio-a-catastrofe-climatica/>
- <sup>31</sup> Hammes, C. Câmara Temática de Economia Criativa e Cultura debate efeitos das enchentes para o setor, 2024. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/camara-tematica-de-economia-criativa-e-cultura-debate-efeitos-das-enchentes-para-o-setor>
- <sup>32</sup> Seganfredo, T.; Gloria, R. Ouvimos relatos de fazedores da cultura impactados pelo desastre climático no RS. Nonada Jornalismo, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/05/ouvimos-relatos-de-fazedores-da-cultura-impactados-pelo-desastre-climatico-no-rs/>
- <sup>33</sup> Matinal Jornalismo et al. Relatório de prejuízos ao setor cultura - Enchentes de maio de 2024, 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/wp-content/uploads/2024/05/relatorio-enchente-cultura-atualizado-15maio.pdf>

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi afetado pela pior enchente da sua história. Entre 27 de abril e 2 de maio, diversas cidades receberam volumes de chuva entre 300mm e 700mm, correspondendo a um terço da média anual de chuvas. As chuvas levaram 14,2 trilhões de litros de água para o lago Guaíba, que cerca a capital Porto Alegre, e elevaram a altura do lago em 5,35m, marca superior às barreiras de contenção instaladas, provocando inundações nas cidades da região metropolitana que atingiram residências, comércios, indústrias, equipamentos públicos, estradas, trilhos de metrô e o aeroporto<sup>28</sup>.

**Museus, casas de espetáculos, teatros e sedes de coletivos artísticos foram severamente afetados pela inundação.** A destruição dos espaços físicos se soma a perdas de figurinos, equipamentos, mobiliário, obras, memórias e acervos históricos do trabalho desenvolvido ao longo de anos. Parcerias foram firmadas para iniciar os trabalhos de restauração necessários, que também precisarão se dedicar à recuperação de patrimônios históricos e prédios tombados. Também foram registradas perdas em aldeias indígenas e em lavouras onde são coletados insumos para a produção artística desses povos.

**A cadeia do livro e leitura também foi uma das diretamente afetadas<sup>29</sup>.** No município de Canoas, a Biblioteca Comunitária Dilan Camargo, voltada para a literatura infantil e juvenil, com acervo em torno de 4 mil livros, foi totalmente destruída. Em Porto Alegre, espaços culturais comunitários e bibliotecas tiveram perda total, somando-se às perdas de estoque registradas por livreiros e editoras<sup>30</sup>. Em todo o estado, bibliotecas públicas foram afetadas e o calendário editorial do estado, incluindo a Feira do Livro de Porto Alegre e o Festival Internacional Literário de Gramado, foi comprometido.

**Em um primeiro levantamento, o Governo estadual identificou danos em 56 bibliotecas, 47 museus, 51 casas de cultura e centros culturais, 51 Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), 25 clubes comunitários e sociedades recreativas culturais, 11 teatros e 8 salas de música e de bandas marciais, entre outros<sup>31</sup>.** Foram desproporcionalmente afetados os coletivos periféricos da Região das Ilhas de Porto Alegre, que é formada por 16 ilhas no Delta do Jacuí, que já sofriam com desafios de infraestrutura e enchentes recorrentes e, agora, denunciam a inércia do poder público em promover soluções sustentáveis<sup>32</sup>. Além disso, uma enquête<sup>33</sup> realizada pela Matinal Jornalismo, Voz

Cultural, Festipoa Literária e Instituto de Cultura da PUCRS<sup>34</sup>, que obteve 1357 respostas de profissionais da cultura até maio de 2024, demonstra que 99,3% dos respondentes tiveram suas atividades prejudicadas, sendo que 81,7% desses profissionais têm a cultura como sua única fonte de renda.

**Enquanto outras crises apresentaram padrões de retomada econômica na forma de V ou W, ou seja, com o pior momento ocorrendo de forma pontual e a melhora acontecendo em seguida, a previsão é que a retomada do setor cultural no RS ocorra na forma de U, indicando uma recuperação econômica mais lenta<sup>35</sup>.** O setor cultural, assim como outros segmentos da economia, depende da reconstrução dos espaços de trabalho e da infraestrutura urbana para retomar suas atividades. Diversos profissionais da cultura são autônomos e ainda estavam vivenciando um processo de recuperação da pandemia quando as indústrias culturais e criativas foram as primeiras a serem afetadas e as últimas a retornar. Tal processo tende a se repetir em desastres climáticos, em especial para profissionais envolvidos nos bastidores da produção cultural.

**A curto prazo, alguns estabelecimentos culturais foram utilizados como abrigo e centro de doações. Além disso, o Conselho Estadual de Cultura do RS e a Secretaria de Cultura do Estado (Sedac)<sup>36</sup> estipularam ações emergenciais de curto a longo prazo.** Dentre elas estão: a criação de um comitê de crise envolvendo diferentes entes do sistema público; mapeamento da situação de bens culturais e acervos; flexibilização de prazos de editais, execução de projetos e prestação de contas; uso de verbas para premiações ou criação de novos editais; adiantamento dos recursos da Lei Paulo Gustavo; estabelecimento de parcerias com bancos e organismos internacionais para apoio à reconstrução; contratação de profissionais para preservação de acervos; conexão de trabalhadores da cultura do estado com oportunidades de trabalho a nível nacional<sup>37</sup>; assim como a restauração de espaços do patrimônio público.

**Já o Ministério da Cultura (MinC) anunciou uma série de ações, que vão desde a priorização de propostas oriundas do RS em editais até o estabelecimento de um Comitê de Governança para propor políticas públicas de recuperação<sup>38</sup>.** Foram estabelecidas bolsas aliadas a cursos de curta duração para agentes culturais, bem como apoio financeiro a todos os Pontos de Cultura, Pontos de Memória, Bibliotecas Comunitárias, Pontos de Leitura, Escolas Livres e Comunidades Quilombolas. Para grupos, espaços e eventos nas áreas de Artes Visuais, Circo, Dança, Música e Teatro, também foram oferecidas bolsas de criação, desenvolvimento artístico, intercâmbio e circulação. Linhas de crédito emergenciais e suspensão de prazos de editais foram aliadas à criação da Rouanet RS, que visa atender 889 projetos cadastrados aptos a captar até R\$ 1,5 bilhão, incluindo 50 Planos Anuais ou Plurianuais de organizações culturais. Um dos maiores diferenciais deste programa é que o MinC está sendo ativo em mobilizar empresas para a realização dos investimentos, de sorte que o esforço de captação por parte das iniciativas pode ser facilitado<sup>39</sup>.

<sup>34</sup> Kiefer, L. Sem renda e com perdas materiais, profissionais da cultura apontam falta de perspectiva após enchentes no RS, 2024. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/reportagens-rogerlerina/sem-renda-e-com-perdas-materiais-profissionais-da-cultura-apontam-falta-de-perspectiva-apos-enchentes-no-rs/>

<sup>35</sup> Bobsin, R. A crise na cultura em meio à catástrofe climática, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/a-crise-na-cultura-em-meio-a-catastrofe-climatica/>

<sup>36</sup> Ascom Sedac. Estado monitora situação de instituições culturais afetadas pela enchente em Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/estado-monitora-situacao-de-instituicoes-culturais-afetadas-pela-enchente-em-porto-alegre>

<sup>37</sup> Ascom Sedac. Lançada plataforma para conectar profissionais de cultura do Estado ao mercado nacional, 2024. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/lançada-plataforma-para-conectar-profissionais-de-cultura-do-estado-ao-mercado-nacional>

<sup>38</sup> Ministério da Cultura. Retomada Cultural RS, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/retomadaculturais>

<sup>39</sup> Ministério da Cultura. Entenda como funciona a Rouanet RS, lançada para auxiliar o setor cultural do estado atingido por enchentes, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/entenda-como-funciona-a-rouanet-rs-lancada-para-auxiliar-o-setor-cultural-do-estado-atingido-por-enchentes>





Pescador é visto durante o manejo do pirarucu na RESEX do Médio Juruá, Amazonas.  
© Bruno Kelly

**Para abordar as diversas crises que assolam os territórios e impactam o patrimônio cultural, há ações concretas que o poder público pode empreender, as quais serão detalhadas nas próximas seções.** As principais ações recomendadas para o poder público consistem em medidas para coibir o desmatamento e os incêndios, realizar escuta e busca ativa de povos indígenas e comunidades tradicionais na construção de soluções e nos processos de licenciamento ambiental de obras de infraestrutura, institucionalizar mecanismos de reconhecimento e proteção de referenciais culturais como patrimônio cultural e realizar diagnósticos dos impactos das mudanças climáticas sobre o patrimônio cultural<sup>40</sup>. É importante abordar a adaptação às mudanças climáticas por meio de uma “mudança transformadora” nas práticas atuais, focadas em soluções culturais desenvolvidas junto com as comunidades, tais como técnicas agrícolas, políticas públicas e mecanismos de financiamento voltados para o clima<sup>41</sup>.

**O Brasil possui imensa riqueza cultural, com variadas expressões artísticas<sup>42</sup>, mas os efeitos climáticos e ambientais são vivenciados e significados de forma discrepante por distintas comunidades, regiões e gerações<sup>43</sup>.** Até o final de 2023, estimativas destacavam que, no país, 7,8 milhões de pessoas estavam empregadas em postos relacionados à economia criativa, 63% destas em empregos formais<sup>44</sup>. A pandemia, que já havia afetado profundamente o setor, se soma agora à ameaça real de perda de patrimônios culturais, com prejuízos expressivos para a memória, a história e a economia do país. Assim, para promover a mitigação e adaptação às mudanças do clima, é urgente incluir na pauta do poder público a necessidade de constituir uma governança cultural para a agenda climática, envolvendo fazedores de cultura, povos indígenas, comunidades tradicionais e detentores de bens culturais, de modo a impulsionar um curso de ação voltado à gestão de riscos de desastres para o patrimônio cultural, bem como à garantia intergeracional do pleno exercício dos direitos culturais.

- <sup>40</sup> Costa, M.A.; Silva, L.P. Mudanças climáticas e patrimônio cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais no Pantanal, 2021. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1349>
- <sup>41</sup> Pisor, A et al. Climate change adaptation needs a science of culture, 2023. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2022.0390>
- <sup>42</sup> Mazurana, J. Dias, E.; Laureano, L.C. Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, 2016. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Livro-povos-e-comunidades-tradicionais-do-pampa.pdf>
- <sup>43</sup> Rocha, Y.; Jesus, T. A crise climática também é uma crise cultural: Reflexões sobre a COP28 em Dubai, 2023. Disponível em: <https://peoplespalaceprojects.org.uk/pt/a-crise-climatica-e-tambem-uma-crise-cultural/>
- <sup>44</sup> Fundação Itaú. Economia criativa ganhou cerca de 7,8 milhões de novos trabalhadores em 2023, 2024. Disponível em: <https://www.fundacaoaitau.org.br/noticias/noticias/economia-criativa-registrou-287-mil-novos-postos-de-trabalho-em-2023->

# POR QUE A CULTURA É IMPORTANTE NAS AÇÕES CONTRA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS?

Por Shirley Krenak

Quando me perguntam sobre a cultura do meu povo, sobre a luta do meu povo Krenak, eu sempre respondo que, se estamos resilientes, é pela pujança de nossa cultura. E, quando digo isso, não quero que vocês entendam que se trata de uma cultura cheia de objetos materiais, mas uma cultura que cultua sua ancestralidade, que sabe os caminhos percorridos pelos nossos antepassados e sua importante relação com a mãe-terra. Diferentemente dos não-indígenas, meu povo Krenak e minha cultura não segmenta o mundo para dizer o que é “humano” e o que é “recurso dos humanos”.

Isso sempre marcou minha ação no movimento indígena, desde meus 13 anos de idade. Se, para alguns, os problemas que vivemos hoje com a emergência climática decorrem das nossas próprias ações, o que estão chamando de “antropoceno”, para mim, trata-se de uma situação um pouco mais complexa: um total desequilíbrio e desrespeito com a cultura dos povos indígenas. E esse desrespeito tem suas consequências. Os povos nativos desta terra produziram regimes culturais dos mais variados, mitos que contam nossas origens e várias histórias antigas. Aprendi muito dessas histórias na beira do Watu, contadas por meu pai. A cultura dos povos indígenas forja o modo como nos colocamos em relação de reciprocidade com muitas das entidades que os não-indígenas tratam com desprezo e, hoje, sofremos as consequências dessas ações.



**Shirley Krenak** é ativista e escritora. Atualmente coordena o Instituto Shirley Krenak, é autora do livro “A onça protetora” e coordena também o projeto “Sons que Curam”. É doutora honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e uma das fundadoras da ANMIGA – Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade.

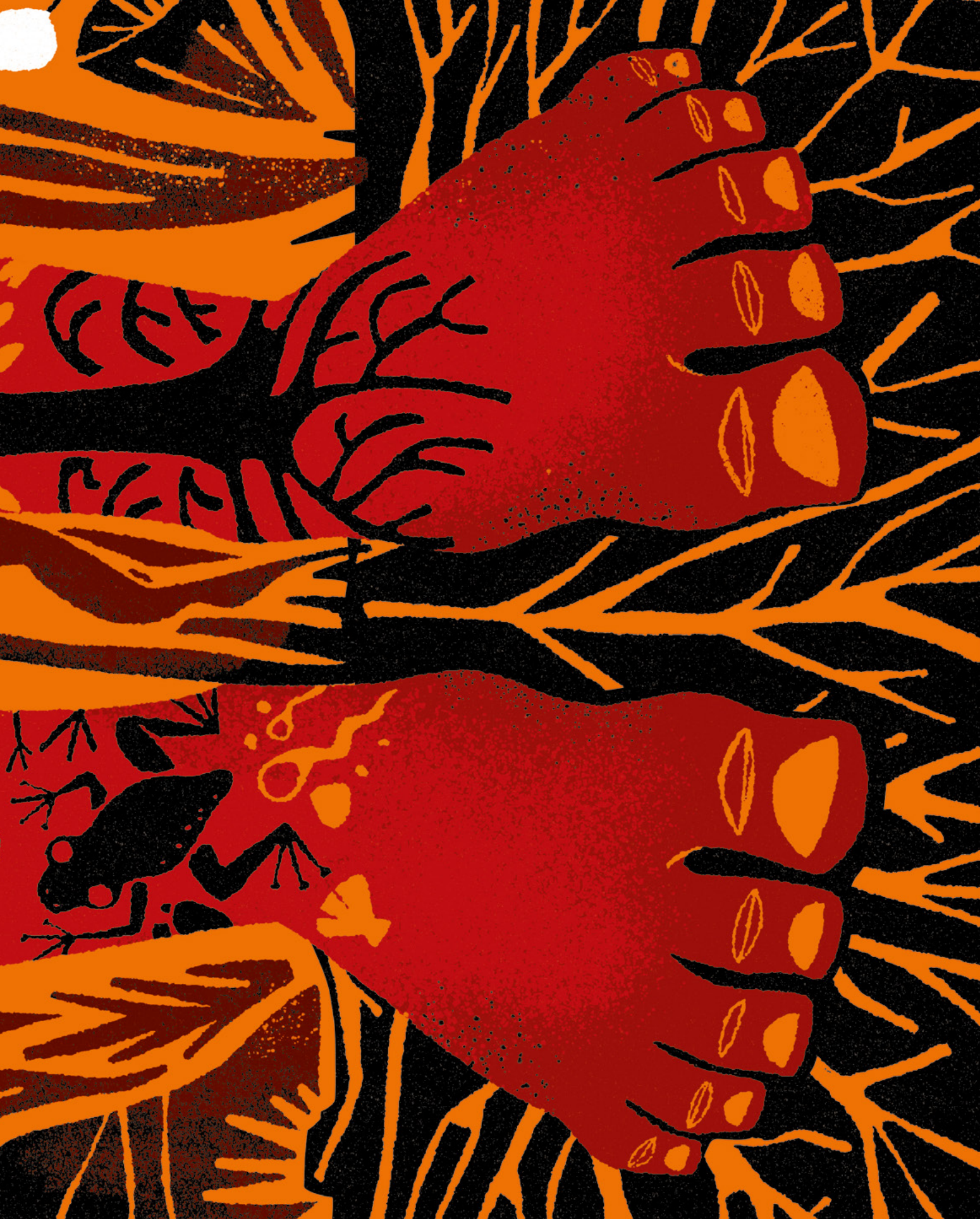
Por isso, ao ser provocada a pensar sobre essa relação entre a crise climática e os aspectos da cultura, sempre me perguntava por qual razão o conhecimento não-indígena ainda insiste em observar aspectos da cultura de um povo como “místico” ou “folclórico”? A cultura é o espírito que anima tudo. As mudanças climáticas são apenas a consequência de um espírito atacado, dilacerado. É um sintoma cuja causa precisa ser combatida.

O que eu noto é existir um regime de equívocos no trato da emergência climática. O primeiro, se hierarquiza os diferentes saberes na tentativa de reversão de um quadro de desrespeito à Mãe-terra, ocasionado por uma parcela muito pequena dos existentes. Em segundo lugar, a cultura dos não-indígenas realmente acredita que ela, sozinha, sobreviverá. Pura arrogância. Por isso, nessa breve reflexão, deixo apenas uma pergunta: que tipo de adubo todos nós gostaríamos de ser para a Mãe-terra?













# OS SETORES CULTURAIS E CRIATIVOS ENQUANTO IMPORTANTE ATIVO PARA PROMOVER UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E INCLUSIVO

Por Trinidad Zaldívar Peralta



**Trinidad Zaldívar**, PhD, é Chefe da Unidade de Criatividade e Cultura no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). É especialista nas Indústrias Criativas e Culturais e tem um trabalho focado em impulsionar a agenda de políticas públicas para o setor na América Latina e Caribe, bem como aumentar a conscientização sobre o impacto significativo do setor.

**“Os setores culturais e criativos são um ativo importante para promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo.”**

Os setores criativos geralmente são vistos como separados do trabalho de desenvolvimento, mas no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), os setores culturais e criativos (CCI) são reconhecidos como um ativo importante para promover o desenvolvimento sustentável e inclusivo na América Latina e no Caribe (ALC). As ICCs promovem a coesão social, preservam o patrimônio cultural e geram oportunidades econômicas, aproveitando a diversidade da região para construir identidade e pertencimento. Mais importante do que isso, elas impulsionam o crescimento econômico e a transformação social, tornando-as essenciais para a agenda de desenvolvimento mais ampla.

O BID está comprometido com a integração da cultura e do desenvolvimento nas Américas. Ao colocar a cultura e a criatividade no centro das conversas sobre desenvolvimento, o poder transformador das CCIs como agentes de mudança é enfatizado. A cultura deve ser considerada na tomada de decisões em todos os setores, seja no planejamento urbano, no projeto de saúde, na prevenção da violência juvenil ou na mitigação da mudança climática.

A nova Estratégia Institucional do BID reforça sua meta de abordar as vulnerabilidades da região e, ao mesmo tempo, desbloquear seu potencial. As CCIs

não apenas impulsionam a inovação econômica, mas também apoiam a sustentabilidade ambiental. Ao promover tecnologias verdes e práticas resistentes ao clima, as CCIs podem contribuir significativamente para um futuro de baixo carbono.

A América Latina e o Caribe abrigam vastos recursos naturais essenciais para os esforços ambientais globais. Por exemplo, a Amazônia absorve 25% do CO<sub>2</sub> capturado pela terra, ao passo que a região é líder em energia limpa, derivando 30% de sua energia a partir de fontes renováveis. Esses recursos são vitais para a transição global verde, com a região detendo dois terços do lítio e 38% do cobre do mundo.

O BID prevê um futuro alinhado com o Acordo de Paris, visando emissões líquidas zero, resiliência e um resultado positivo para a natureza. A mudança climática, no entanto, ameaça as expressões culturais, deslocando comunidades e afetando o conhecimento indígena. No entanto, as práticas culturais, especialmente o conhecimento indígena, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de estratégias climáticas sustentáveis. Com reformas e investimentos adequados, os setores culturais e criativos podem ajudar a proteger a biodiversidade, reduzir a pobreza e promover o crescimento sustentável.



# O ciclo de impacto entre políticas climáticas e práticas culturais

**A** pesar de muitos artistas e organizações culturais já estarem conectados às pautas ambientais, boa parte das políticas culturais ainda não fomentam a ação climática<sup>45</sup> ou estão integradas apenas implicitamente, com uma articulação mais efetiva sendo observada antes em nível local do que nacional<sup>46</sup>. Ao analisar os relatórios de progresso no âmbito dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) em diferentes países, a iniciativa Culture 21 identificou baixo nível de engajamento de iniciativas culturais com o ODS 13, referente à ação contra a mudança global do clima, destacando alguns temas relevantes para essa integração<sup>47</sup>:

- Monitoramento dos impactos de deslocamentos para acesso à cultura.
- Disponibilidade de espaços e equipamentos culturais que possam ser acessados a pé.
- Incorporação da ação climática em programas culturais.
- Inclusão da atividade cultural como estratégia central nos planos climáticos.
- Desenvolvimento de estratégias de ação climática culturalmente responsáveis.
- Promoção de intercâmbios culturais para a solidariedade na ação climática.
- Iniciativas voltadas à mudança cultural e comportamental.

**Há algumas ferramentas disponíveis para avaliar a integração de políticas e planos de ação climática com a agenda cultural.** Por exemplo, a Climate Heritage Network desenvolveu, em 2020, o projeto “Patrimônio Cultural no Planejamento Climático” (HiCLIP)<sup>48</sup>, uma ferramenta metodológica para analisar a inclusão do patrimônio e dos recursos culturais em planos climáticos (tanto de adaptação como de mitigação) e identificar o estado atual das lacunas políticas e as melhores práticas para abordar as dimensões culturais das alterações climáticas. A ferramenta considera três dimensões: a operacionalização da cultura e do patrimônio cultural no planejamento climático; o planejamento das ações climáticas propriamente ditas; e os mecanismos de governança e planejamento, conforme a seguir:

<sup>45</sup> UNESCO. Reshaping cultural policies - Addressing culture as a global public good, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380474>

<sup>46</sup> Julie's Bicycle; British Council. Culture: The Missing Link to Climate Action, 2021. Disponível em: <https://julesbicycle.com/wp-content/uploads/2022/01/Climate-Connection-Report.pdf>

<sup>47</sup> Culture 21. Culture in the Localization of the 2030 Agenda: An Analysis of Voluntary Local Reviews, 2021. Disponível em: [https://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/en/af\\_culture2030goal\\_2021\\_2.pdf](https://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/en/af_culture2030goal_2021_2.pdf)

<sup>48</sup> Guzman, P.; Daly, C. Cultural Heritage in Climate Planning; The HiCLIP Pilot Project for Understanding the Integration of Culture into Climate Action. A report on the Climate Heritage Network WG4 HiCLIP project, 2021. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af53c3d77baf39f985b024/1672434637884/HiCLIP-FINAL-REPORT.pdf>

## DIMENSÃO 1

Operacionalização do patrimônio cultural

### a) Tipo de referência

1. Direta
2. Indireta

### b) Categorias de patrimônio cultural no planejamento climático

1. Material
2. Imaterial
3. Ambos

### c) Tipos de valores associados

1. Simbólico
2. Histórico
3. Artísticos
4. Estético
5. Etnológico
6. Antropológico
7. Científico
8. Significado social
9. Significado religioso
10. Outros

## DIMENSÃO 2

Contexto das ações e da política climática

### a) Foco do patrimônio cultural em relação ao planejamento climático

1. Mitigação
2. Adaptação
3. Vulnerável às mudanças climáticas

### b) Contexto

1. Urbano
2. Rural

## DIMENSÃO 3

Tratamento de governança

### a) Governança

1. Setor-chave
2. Setor menor
3. Mencionado, mas não de uma forma significativa

### b) Integração horizontal

1. Cultura como um setor independente
2. Cultura como um setor integrado
3. Cultura como um setor de governança principal

### c) Integração vertical

1. Estratégia
2. Operacionalização
3. Monitoramento

**FONTE:** Traduzido e adaptado de Guzman; Daly, 2021.

**A análise piloto de planos e políticas climáticas de oito países (São Vicente e Granadinas, Colômbia, Camarões, Escócia, Nova Zelândia, Austrália, Nigéria e Estados Unidos) concluiu que o setor cultural raramente é incluído nesses documentos<sup>49</sup>.**

Os recursos culturais, especialmente o patrimônio, estão mais integrados aos planos e políticas climáticas. No entanto, tal integração consiste principalmente em reconhecê-los em discursos normativos, ou seja, na formulação de “como as coisas deveriam ser” e não em ações concretas. Foram, ainda, identificados os seguintes temas nos quais recursos culturais foram integrados ao planejamento climático:

<sup>49</sup> Guzman, P.; Daly, C. Cultural Heritage in Climate Planning; The HiCLIP Pilot Project for Understanding the Integration of Culture into Climate Action. A report on the Climate Heritage Network WG4 HiCLIP project, 2021. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af53c3d77baf39f985b024/1672434637884/HiCLIP-FINAL-REPORT.pdf>



- **Redução de resíduos**, incluindo o desenvolvimento de soluções para redução da emissão de gás carbônico e de ações de conscientização/educação da população.
- **Reconhecimento de valores culturais, espirituais e religiosos**, com a incorporação da perspectiva de florestas como sistemas socioecológicos, identificando as relações entre a biodiversidade e as comunidades indígenas.
- **Engajamento da comunidade** para ajudar a mapear riscos climáticos, a imprimir símbolos culturais no planejamento urbano e a promover educação ambiental por meio da arte.
- **Aprimoramento do ordenamento jurídico**, especialmente no que tange à criação de normativas para preservação de terras indígenas e de patrimônio material e imaterial.
- **Fortalecimento da eficiência energética** em prédios históricos, museus e localidades reconhecidas enquanto patrimônio cultural.
- **Realização de pesquisas** para cobrir lacunas de conhecimento sobre os efeitos das mudanças climáticas junto a povos indígenas, sobre modelos preditivos de perdas e danos ao patrimônio cultural e sobre resiliência cultural ao clima.
- **Promoção de justiça e equidade** por meio de parcerias, colaborações e escuta ativa de grupos historicamente e culturalmente marginalizados, bem como pela aplicação de ferramentas que verificam as consequências de mudanças climáticas junto a comunidades vulnerabilizadas.
- **Desenvolvimento social** por meio de abordagens integrativas que reconheçam o papel dos recursos culturais de pequenas comunidades no turismo, na agricultura e em outros setores.
- **Avaliação de risco e de vulnerabilidade** do patrimônio cultural frente a ameaças advindas dos efeitos da mudança do clima.
- **Identificação de possíveis impactos em atividades tradicionais**, ao reconhecer que mudanças climáticas podem ameaçar a coesão social promovida por práticas de interação com o meio ambiente transmitidas transgeracionalmente (por exemplo, a pesca).
- **Desenvolvimento de capacidades** para compreensão e implementação de ações de preservação, adaptação e monitoramento.
- **Comunicação sobre mudanças climáticas** por meio do uso de expressões culturais que apoiem a conscientização e a mobilização social.
- **Avaliação e monitoramento sistemático de riscos ambientais e seus impactos no patrimônio natural** de importância para comunidades indígenas e no patrimônio cultural material e imaterial.
- **Conservação ambiental** pelo reconhecimento de valores e práticas culturais de proteção ambiental e manejo da terra na colaboração entre agências governamentais e comunidades locais.

- **Conservação do patrimônio cultural** por meio do reconhecimento do papel de povos indígenas na preservação do meio ambiente, do registro de produtos naturais tradicionais e da manutenção de edificações históricas.
- **Desenvolvimento de planos com diretrizes explícitas sobre como o patrimônio cultural deve ser preservado e protegido** face às mudanças climáticas.
- **Utilização de metodologias e referenciais específicos que integram cultura e meio ambiente**, tais como: (1) Práticas de resiliência climática (FAO/ Nações Unidas<sup>50</sup>); (2) Sistemas Socioecológicos<sup>51</sup>; (3) Ecossistemas e Bem-estar Humano (*Millennium Ecosystem Assessment*)<sup>52</sup>; (4) Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade<sup>53</sup>; (5) Acordos de Cancun de 2011<sup>54</sup>; bem como as abordagens de conservação baseadas no habitat e as abordagens holísticas baseadas no território.

## Gestão de Riscos de Desastres para o Patrimônio Mundial

O Manual “Gestão de riscos de desastres para o Patrimônio Mundial”<sup>55</sup>, publicado em 2010 pelo Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO e organismos consultivos (ICCROM, ICOMOS e UICN), apresenta métodos de identificação de riscos e estratégias de prevenção e resposta para a proteção do patrimônio cultural em frente a desastres, de modo a subsidiar a tomada de decisão de organizações locais e governos e promover a proteção ao patrimônio cultural em meio à crise climática.

Ainda, a literatura internacional apresenta roteiros estruturados de preparação e resposta a desastres pelo setor cultural e apoio a artistas em situações de crise coletiva, como os guias “Essential Guidelines for Arts Responders Organizing in the Aftermath of Disaster”<sup>56</sup> e “Emergency Preparedness Mississippi Arts Commission”<sup>57</sup>, que podem apoiar a tomada de decisão na gestão e na produção cultural.

- <sup>50</sup> Alvar-Beltrán, J. et al. Climate Resilient Practices: typology and guiding material for climate risk screening, 2021. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/d5d89fe4-3cc1-45dc-9b55-c8a780c00918/content>
- <sup>51</sup> Ostrom, E. A general framework for analyzing sustainability of social-ecological systems, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1172133>
- <sup>52</sup> Millennium Ecosystem Assessment. Ecosystems and human well-being, 2005. Disponível em: [https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/8768/Ecosystem\\_and\\_human\\_well\\_being\\_a\\_framework\\_for\\_assessment.pdf?sequence=3&amp%3BisAllowed=pdf?sequence=3&amp%3BisAllowed=](https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/8768/Ecosystem_and_human_well_being_a_framework_for_assessment.pdf?sequence=3&amp%3BisAllowed=pdf?sequence=3&amp%3BisAllowed=)
- <sup>53</sup> Sukhdev, P. et al. The economics of ecosystems and biodiversity: mainstreaming the economics of nature: a synthesis of the approach, conclusions and recommendations of TEEB, 2010. Disponível em: <https://www.teebweb.org/wp-content/uploads/Study%20and%20Reports/Reports/Synthesis%20report/TEEB%20Synthesis%20Report%202010.pdf>
- <sup>54</sup> United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC). Convention of the Conference of the Parties on its sixteenth session, held in Cancun from 29 November to 10 December 2010. 2010. Disponível em: <https://unfccc.int/resource/docs/2010/cop16/eng/07a01.pdf>
- <sup>55</sup> UNESCO; Iphan. Gestão de riscos de desastres para o Patrimônio Mundial, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000231807>
- <sup>56</sup> The National Coalition for Arts Preparedness and Emergency Response. Essential Guidelines for Arts Responders Organizing in the Aftermath of Disaster, 2011. Disponível em: [https://www.americansforthearts.org/sites/default/files/Essential\\_Guidelines\\_for\\_Arts\\_Responders\\_1.pdf](https://www.americansforthearts.org/sites/default/files/Essential_Guidelines_for_Arts_Responders_1.pdf)
- <sup>57</sup> Mississippi Arts Commission. Emergency Preparedness, 2016. Disponível em: <https://arts.ms.gov/wp-content/uploads/2016/11/EmergencyPreparednessPlan.pdf>



- 58 ICOMOS/BRASIL. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL, 2022. Disponível em: <https://www.icomos.org.br/single-post/mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-e-patrim%C3%B4nio-cultural>
- 59 Julie's Bicycle; British Council. Culture: The Missing Link to Climate Action, 2021. Disponível em: <https://julesbicycle.com/wp-content/uploads/2022/01/Climate-Connection-Report.pdf>
- 60 Pasko, P.F. Especial: Cultura e Justiça Climática, um debate urgente. Nonada Jornalismo, 2023. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/11/especial-cultura-e-justica-climatica-um-debate-urgente/>
- 61 Creative Industries Pact, 2019. Disponível em: <https://creativeindustriestpact.com/>
- 62 MOIN. Green Filming, S/D. Disponível em: <https://moin-filmfoerderung.de/en/green-filming>
- 63 Ecoprod. Impact study on green production in the film industry, 2014. Disponível em: <https://www.ecoprod.com/en/studies.html>
- 64 Rieger, I. Do greenwashing a medidas mais efetivas, entenda as ações de descarbonização dos festivais de cultura, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/03/do-greenwashing-a-medidas-mais-efetivas-entenda-as-acoes-de-descarbonizacao-dos-festivais-de-cultura/#:~:text=Cada%20vez%20mais%20festivais%20de,de%20conting%C3%Aancia%20para%20impactos%20ambientais.>
- 65 A pegada de carbono representa a quantidade de gases do efeito estufa emitida na atmosfera por alguma atividade humana, que pode ser um produto ou um serviço, ou pelas ações diárias de um habitante. Fonte: National Geographic. O que é a pegada de carbono e como medi-la, 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2022/05/o-que-e-a-pegada-de-carbono-e-como-medi-la>
- 66 Rieger, I. Do greenwashing a medidas mais efetivas, entenda as ações de descarbonização dos festivais de cultura, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/03/do-greenwashing-a-medidas-mais-efetivas-entenda-as-acoes-de-descarbonizacao-dos-festivais-de-cultura/#:~:text=Cada%20vez%20mais%20festivais%20de,de%20conting%C3%Aancia%20para%20impactos%20ambientais.>

**No Brasil, o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) traçou diversas recomendações de integração das agendas de cultura e clima**<sup>58</sup>. Recomenda, por exemplo, a geração de Planos Nacionais de Ação relacionados às Mudanças Climáticas, desde a escala federal até a escala local, que possam coordenar as singularidades de cada território que compõe o país desde uma visão integrada e holística. Também destaca a necessidade de estabelecimento de Programas governamentais e intergovernamentais de Gestão de Riscos do Patrimônio Cultural Material e Imaterial, construídos a partir de expertises e da ação participativa das comunidades, mediante plataformas colaborativas e interoperáveis. Um desafio, nesse sentido, é a falta de órgãos governamentais que integrem formalmente cultura e clima<sup>59</sup>.

**Ao passo que muitas das vozes engajadas com a pauta ambiental reconhecem o papel a ser desempenhado pela cultura na preservação do meio ambiente, há uma análise de que é incipiente, no Brasil, o debate sobre a importância da neutralização dos efeitos adversos dos eventos e das produções culturais no meio ambiente**<sup>60</sup>. A produção de um mega-filme, por exemplo, gera, em média, 2,840 toneladas de CO<sub>2</sub> - o equivalente ao absorvido por 3.709 hectares de floresta em um ano. Cientes da necessária readequação de suas operações e estratégias, as indústrias de cinema e televisão desenvolveram um pacto de adesão voluntária a um conjunto de objetivos climáticos, o chamado *Creative Industries Pact for Sustainable Action*<sup>61</sup>, no qual os signatários são encorajados a relatar as consequências ambientais de sua cadeia produtiva, além de adotar medidas mais sustentáveis. Outras práticas de destaque na produção audiovisual são o estabelecimento de parâmetros ecológicos de produção audiovisual, a distribuição de um selo de produção audiovisual “verde” e um checklist de “narrativa verde” nos roteiros de produção audiovisual<sup>62</sup>.

**Embora as indústrias culturais e criativas sejam disruptivas em criar soluções e tecer laços integrativos, há uma lacuna de desenho institucional que as impede de controlar e fiscalizar as próprias medidas.** Algumas produções culturais adotam a figura do(a) “supervisor(a) verde”, ou seja, uma pessoa responsável por acompanhar decisões de sustentabilidade em filmes ou eventos<sup>63</sup>. Grandes festivais<sup>64</sup> também têm cada vez mais publicizado seus esforços de redução dos danos ao ambiente, em especial na diminuição da pegada de carbono<sup>65</sup> e na gestão dos resíduos produzidos. No entanto, algumas das iniciativas de sustentabilidade de eventos culturais estão sendo categorizadas como *greenwashing*<sup>66</sup>, expressão que indica quando “práticas verdes” são discursivamente utilizadas como estratégia de publicidade de empresas e iniciativas, em detrimento de serem empreendidas de forma a gerarem resultados positivos concretos.

# MEDIDAS EFETIVAS QUE GRANDES EVENTOS E PRODUÇÕES CULTURAIS PODEM ADOPTAR PARA CONTRIBUIR PARA A AGENDA CLIMÁTICA<sup>67,68</sup>

Grandes festivais e editais têm uma responsabilidade crescente em suas práticas, especialmente no contexto das mudanças climáticas. Não se trata apenas de executar projetos culturais, mas de assegurar que existam as condições necessárias para que esses eventos exerçam uma responsabilidade efetiva e promovam uma conscientização genuína. Isso requer ir além das métricas tradicionais, como a quantidade de resíduos gerados ou árvores plantadas, e concentrar-se na transformação dos comportamentos sociais e na criação de novos hábitos que reflitam uma compreensão aprofundada do risco real que a sociedade enfrenta. A inclusão da sustentabilidade nas políticas culturais deve ser encarada não enquanto uma contrapartida ou apenas como uma obrigação ambiental, mas como um instrumento essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e preparada para os desafios climáticos. As medidas indicadas seguem abaixo:

- Estabelecimento de métricas para quantificar, rastrear e relatar o consumo de recursos, emissões de gases e impactos ao meio ambiente por meio da definição de uma linha de base e avaliação do desempenho ao longo do tempo.<sup>69</sup>
- Utilizar *checklists*, como a do *Ecoprod*<sup>70</sup>, para acompanhar medidas que podem ser implementadas em diferentes etapas da produção cultural.
- Implementação de política de gestão de resíduos para evitar desperdício de alimentos e não destinar lixo a aterros.
- Constituição de parcerias com cooperativas de recicladores(as).
- Promoção do uso de transporte público para diminuir a emissão de gases no deslocamento do público, de artistas ou de equipamentos.
- Valorização de trabalhos feitos por comunidades que protegem o bioma local onde o evento ocorre.
- Realização de ações de reflorestamento proporcionais ao impacto do evento.
- Envolvimento de artistas e profissionais da cultura no desenvolvimento de planos de adaptação e resiliência locais.<sup>71</sup>
- Mobilização para adaptação de editais culturais considerando medidas alternativas para ondas de calor ou de chuvas excessivas.

Uma alternativa muito utilizada por grandes eventos é a compra de créditos de carbono, com um crédito representando uma tonelada de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>). Assim, países ou empresas que adotam medidas para reduzir sua emissão de carbono podem vender créditos para aqueles que não possuem opções ou não empreenderam ações necessárias para atingir as metas de redução. No entanto, ambientalistas não recomendam a compra de créditos de carbono como medida, já que representam principalmente uma compensação financeira ao dano causado<sup>72</sup>.

<sup>67</sup> Rieger, I. Do greenwashing a medidas mais efetivas, entenda as ações de descarbonização dos festivais de cultura, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/nonada-greenwashing>

<sup>68</sup> Oliveira, M. E se a cultura fosse estratégia de mobilização para o enfrentamento à crise climática?, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/escoladeativismo-cultura>

<sup>69</sup> Creative Industries Pact, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/creativeindustriespact>

<sup>70</sup> Ecoprod - ECO-PRODUCTION GUIDE for sustainable film and tv production, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/ecoprod-guide>

<sup>71</sup> United Cities and Local Governments; Culture 21. Culture in the Sustainable Development Goals: A Guide for Local Action, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/21culture>

<sup>72</sup> Sandy, M.; Horta, J. Brasil corre para ter mercado de carbono antes da COP30, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3UdRboe>



Solo em momento de seca no Delta do Parnaíba, 2019 © Alex Fisberg

**Em termos de políticas públicas, os exemplos ainda são escassos, mas demonstram a importância de um compromisso institucional com a pauta para atingir resultados de larga escala.** O Ministério da Cultura e da Mídia na Alemanha, por exemplo, se uniu ao Conselho Nacional do Cinema e a financiadores dessa indústria para lançar diretrizes de produção audiovisual verde, oferecendo selos para produções que observem a maior parte dos requerimentos estabelecidos<sup>73</sup>. Outra iniciativa foi promovida pela *Art's Council England*, na Inglaterra, a partir da criação de uma política de financiamento cultural com base em práticas ambientalmente responsáveis. O programa coloca, como requisito para a concessão de dinheiro público, a apresentação de relatórios de mapeamento de impactos ambientais e a adoção de medidas compensatórias sob a perspectiva de uma produção sustentável.

**A introdução da responsabilidade ambiental como um dos princípios para um projeto obter financiamento público parece ser um ponto de diferenciação no exemplo inglês<sup>74</sup>.** Por meio de monitoramento constante, os dados são disponibilizados na forma de relatórios de impacto anuais, fomentando e aprofundando um plano decenal<sup>75</sup> que continuamente reavalia metas, princípios e prioridades. No relatório de 2022-2023, vemos que, desde que o programa de financiamento foi criado, a emissão média de carbono de cada organização financiada diminuiu em 50%. Questões relacionadas à sustentabilidade e mudanças climáticas foram tema de 60% dos projetos apoiados e 94% das empresas financiadas incorporaram práticas sustentáveis como um dos pilares de suas operações empresariais<sup>76</sup>.

<sup>73</sup> MOIN. From green scripts to sustainable production, 2024. Disponível em: <https://moin-filmfoerderung.de/en/green-filming>

<sup>74</sup> Arts Council England. Essential read: Environmental Responsibility, 2021. Disponível em: <https://www.artscouncil.org.uk/blog/essential-read-environmental-responsibility>

<sup>75</sup> Arts Council England. Let's Create - Strategy 2020-2030, 2020. Disponível em: <https://www.artscouncil.org.uk/lets-create/strategy-2020-2030>

<sup>76</sup> Arts Council England. Culture, Climate and Environmental Responsibility: Annual Report 2022 - 23, 2023. Disponível em: <https://www.artscouncil.org.uk/developing-creativity-and-culture/environmental-responsibility/culture-climate-and-environmental-responsibility-report-202223>



# O PROGRAMA AMBIENTAL<sup>77</sup> DO ART'S COUNCIL ENGLAND

No âmbito da política de fomento do Conselho, o Programa Ambiental orienta-se por três objetivos perante as organizações beneficiárias:

1. **Apoio:** diz respeito a auxiliar as organizações beneficiárias no cumprimento de suas exigências de financiamento a partir do desenvolvimento e avaliação de relatórios, políticas e planos de ação ambientais.
2. **Demonstração:** envolve apresentar as efetivas e potenciais mudanças ambientais abrangidas pelo setor cultural e o valor por elas gerado.
3. **Desenvolvimento:** consistindo em qualificar a capacidade do próprio Conselho em apoiar e impulsionar mudanças ambientais positivas.

Para alcançar esses objetivos, o programa é estruturado a partir de seis eixos principais de atuação:

1. **Relatórios ambientais (Environmental Reporting):** consistindo num elemento central do programa, refere-se ao apoio oferecido por meio de ferramentas e assistência técnica às organizações no desenvolvimento de seus relatórios ambientais, os quais envolvem diferentes indicadores (como consumo energético, gasto carbônico e desperdício de alimentos) e sendo adaptado a diferentes formas de expressão artística (como produções musicais, museus, cinema e dança).

2. **Programa central (Core programme):** envolve a realização de ciclos de treinamento (como webinars e eventos) e disponibilização de recursos (como cartilhas e ferramentas digitais) voltadas ao compartilhamento e promoção de boas práticas ambientais, bem como ao desenvolvimento de habilidades para um setor resiliente e de baixo carbono.
3. **Acelerador (Accelerator):** em paralelo ao treinamento mencionado anteriormente, há uma iniciativa de apoio às lideranças que recruta grupos de organizações para promover práticas culturais sustentáveis e compartilhar insights com o setor, com foco em estender e testar ideias inovadoras.
4. **Holofotes (Spotlight):** para estimular a adequação aos critérios do programa, é realizada atuação focada nas organizações responsáveis pelas maiores emissões de carbono no âmbito das entidades beneficiárias, fornecendo suporte às lideranças para reduzir seus impactos ambientais e desenvolver metas de zero emissões líquidas de carbono.
5. **A Cor Verde (The Colour Green):** fazendo a conexão entre os produtores culturais e a sociedade civil, o programa também opera um *podcast* e um programa de treinamento ambiental que aborda questões sobre justiça ambiental e promove o empoderamento de lideranças culturais e artistas negros.

<sup>77</sup> Art's Council England. Environmental Programme, 2024. Disponível em: <https://www.artscouncil.org.uk/developing-creativity-and-culture/environmental-responsibility/environmental-programme>

# A CULTURA COMO PLATAFORMA DE AÇÃO CLIMÁTICA

**É necessário entender as razões e impactos da mudança do clima para combatê-la, e a cultura se apresenta como poderoso meio para fomentar essa consciência**

Por Ana Toni

Por muito tempo, o debate climático representou uma ideia distante para grande parte da população brasileira. Dados, conceitos e termos técnicos pareciam não dialogar com o dia a dia da maioria das cidadãs e cidadãos.

Esse cenário vem mudando. Com intensidade e frequência crescentes, os impactos do aquecimento do planeta se manifestam cotidianamente, sobretudo para as camadas mais vulnerabilizadas da sociedade. Pessoas que sempre sentiram na pele os efeitos de inundações, deslizamentos de terra, secas e ondas de calor conectam, cada vez mais, os fatos aos nomes.

Mas a compreensão da ameaça que a mudança do clima representa à vida humana não precisa, e nem deve, se dar apenas pela dor. É necessário lançar mão de todas as estratégias disponíveis para comunicá-la e mobilizar a sociedade para seu enfrentamento. A cultura se apresenta como uma das mais poderosas plataformas nesse sentido.

Um estudo publicado na revista *Nature* demonstrou que obras de arte baseadas em dados climáticos despertam emoções mais intensas e tendem a gerar maior engajamento do público em relação à pauta na comparação com gráficos e informações técnicas isoladas. Isso sugere que a colaboração entre ciência e cultura pode ser um caminho eficiente para sensibilizar a sociedade sobre o tema. Não à toa, essa associação tem sido reconhecida no



**Ana Toni** é secretária nacional de Mudança do Clima no Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Economista e doutora em Ciência Política. Ana foi diretora executiva do Instituto Clima e Sociedade - ICS, presidente de conselho do Greenpeace Internacional. É integrante da Rede de Mulheres Brasileiras Líderes pela Sustentabilidade.

campo das negociações climáticas internacionais. Desde a 28ª Conferência do Clima da ONU (COP28), em novembro de 2023, está em funcionamento o Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura (GFCBCA, na sigla em inglês), liderado pelos Emirados Árabes Unidos e Brasil, presidentes das COPs 28 e 30, respectivamente.

A iniciativa, conduzida nacionalmente pelo Ministério da Cultura (MinC), destaca não apenas a vulnerabilidade dos sistemas culturais à mudança do clima, mas também o poder da cultura enquanto meio de conscientização social sobre a questão.

No Brasil, inúmeros artistas e ativistas recorrem às expressões culturais para denunciar a crise climática, expondo suas raízes e implicações. Mundano, com projetos como “Cinzas da Floresta” e “Tsunami de Plástico”, é um excepcional exemplo. Além das ruas e museus, muitos deles povoam as redes sociais com imagens, vídeos e conteúdos que provocam reflexão.

A cultura tem o potencial de traduzir informações complexas para narrativas acessíveis, muitas vezes de forma lúdica, transformando mentalidades e comportamentos. É elemento crucial para a qualificação da consciência coletiva sobre a mudança do clima, suas causas e consequências. Coloquemos a cultura no lugar que merece ocupar: como plataforma essencial de ação climática.



**Na Argentina, em 2023, a cultura foi incluída como um dos sete componentes transversais da sua Estratégia Nacional de Ação para o Empoderamento Climático (EnACE)<sup>78</sup>.** Para tanto, o governo argentino fez um levantamento da gestão governamental e cultural do país, as normativas existentes e os estudos de casos locais que podem apontar caminhos para a transversalidade da cultura na agenda climática. Tal levantamento descreve o papel do urbanismo, dos povos tradicionais, do patrimônio cultural e de gestores culturais na integração dessas agendas<sup>79</sup>. Já a detalhada Política Nacional de Cultura até 2030 do Peru<sup>80</sup> destaca a gestão sustentável dos recursos culturais, de forma a permitir a fruição dos seus benefícios para as gerações futuras, bem como a necessidade de se promover educação e pesquisa sobre o tema, bem como a participação responsável e informada do setor privado e da sociedade civil.

**São destacadas, pelo governo argentino, como critérios para boas práticas da gestão do patrimônio cultural a interculturalidade e diversidade cultural, a abordagem de gênero, a participação e organização da comunidade local, a articulação entre os setores público e privado, em diferentes níveis (municipal, estadual, nacional e internacional), o papel das indústrias culturais e do setor do turismo como aliados e o impacto positivo dos planos ou ações de salvaguarda do patrimônio cultural nos modos de vida local, nas práticas culturais e nos ecossistemas, bem como a presença de capacidades, atributos e recursos humanos, sociais, econômicos, naturais, entre outros, favoráveis à adaptação e resiliência climática<sup>81</sup>.**

**Pela própria estrutura de divisão de responsabilidades do Estado, os municípios têm um potencial fundamental e catalisador na promoção de políticas públicas localizadas.** É a esfera municipal que melhor conhece o território, as lideranças locais e também possui concentração administrativa para gerir editais, parques, centros culturais etc. Também é a responsável por elaborar um plano diretor que definirá a maneira com que a cidade será organizada - e se adaptará a um mundo em ebulição climática. As soluções precisam ser eficazes, dinâmicas, plurais e, sobretudo, locais, de acordo com a realidade de cada território.

**Os municípios surgem como um ator fundamental que consegue captar as prioridades e diretrizes nacionais, alinhadas ao debate climático, e adotá-las a nível local, em escala menor, conscientes e**

<sup>78</sup> Gobierno de Argentina. Ministerio de Capital Humano. Ya podés acceder a la publicación "Cultura y cambio climático: Aproximación conceptual y abordaje en el contexto argentino", 2023. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/noticias/ya-podes-acceder-la-publicacion-cultura-y-cambio-climatico-aproximacion-conceptual-y>

<sup>79</sup> Gobierno de Argentina. Cultura y cambio climático - Aproximación conceptual y abordaje en el contexto argentino, 2023. Disponível em: [https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/manual\\_cultura.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/manual_cultura.pdf)

<sup>80</sup> Ministerio da Cultura do Peru. DECRETO SUPREMO Nº 009-2020-MC. POLÍTICA NACIONAL DE CULTURA, 2020. Disponível em: <https://transparencia.cultura.gob.pe/sites/default/files/transparencia/2020/07/decretos-supremos/ds009-2020-mc.pdf>

<sup>81</sup> Gobierno de Argentina. Cultura y cambio climático - Aproximación conceptual y abordaje en el contexto argentino, 2023. Disponível em: [https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/manual\\_cultura.pdf](https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/manual_cultura.pdf)

**atravessadas pela realidade cultural do território.** Uma política pública nacional pode, por exemplo, estimular a adoção de parques urbanos em grandes cidades a fim de criar ilhas de proteção e diminuição da temperatura local, porém uma prefeitura pode colocar em prática um projeto como o do Parque Susana Napolini<sup>82</sup>, em Realengo/RJ, adotando uma extensa área urbana como parque urbano em territórios periféricos, estimulando ocupações artísticas que sensibilizam tanto pela promoção de protagonismo periférico quanto pelo enfrentamento das mudanças climáticas na cidade.

**No Brasil, 88% das emissões de gases do efeito estufa ocorrem em municípios de até 100 mil habitantes - cidades que, geralmente, estão à margem do debate climático e cultural, mais focado nos grandes centros urbanos.** Entender o potencial mobilizador dos municípios é também trazer à tona evidências não tão óbvias de onde estão os grandes centros poluidores e quais são as alternativas mais eficazes para, pelo menos, o rastreamento dos dados. Iniciativas como os “Inventários Municipais de Emissões de Gases de Efeito Estufa”<sup>83</sup>, postos em prática por 13 cidades de pequeno e médio porte brasileiras, estimulam essa centralidade municipal no debate climático. Da mesma forma, o município de Maricá, no estado do Rio de Janeiro, foi a primeira cidade brasileira com mais de 100 mil habitantes a adotar o transporte público coletivo gratuito, construindo uma malha local eficiente e sustentável.

**No entanto, a incipiente institucionalização da agenda política resulta no fato de que boa parte das ações que integram cultura e clima ainda é liderada por organizações da sociedade civil, comunidades diretamente afetadas pelas mudanças climáticas e grupos de pesquisa**<sup>84</sup>. Um dos maiores exemplos é a Climate Heritage Network, que envolve diversos grupos sociais e criou seu Plano de Ação (2022-2024)<sup>85</sup> baseado em uma Teoria da Mudança que prevê que o setor cultural – das artes expressivas ao patrimônio histórico-cultural – pode construir um caminho de justiça climática e baixo carbono. O plano possui dois objetivos centrais, um dedicado a aumentar a qualidade e a quantidade das ações climáticas baseadas na cultura, por meio do estabelecimento de valores comuns, de ferramentas de incidência e de iniciativas de resiliência climática. O outro objetivo é transformar as políticas climáticas, por meio do engajamento de vozes da cultura em eventos internacionais para debater pautas que destacam a sinergia entre cultura e clima, como os impactos do clima, o tema da segurança alimentar e o tema da migração climática, entre outros. O Plano de Ação articula atores sociais diversos (instituições de arte e cultura, poder público, empresas privadas, profissionais, ativistas, cientistas, integrantes de comunidades locais e comunidades indígenas) para a construção de estratégias de promoção das artes e da cultura orientadas para a ação climática a partir dos territórios.

**A sociedade civil, as instituições culturais e o setor privado também impulsionam, em grande medida, a necessária produção de conhecimento sobre o tema.** No Reino Unido<sup>86</sup>, essas organizações se uni-

<sup>82</sup> ArchDaily Brasil. Parque Realengo Susana Napolini, 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/1019057/parque-realengo-susana-napolini-ecomimesis-solucoes-ecologicas>

<sup>83</sup> Pacto de Alcades. Municípios brasileiros de pequeno e médio porte avançam no enfrentamento à crise climática, 2024. Disponível em: <https://pactodealcades-la.org/language/pt/acao-climatica-brasil/>

<sup>84</sup> Nonada Jornalismo. Nonada cria editoria sobre Clima e Cultura e lança revista temática, 2024. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/01/nonada-cria-editoria-sobre-clima-e-cultura-e-lanca-revista-tematica/>

<sup>85</sup> Climate Heritage Network. The Climate Heritage Network 2022-24 Action Plan, 2022. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/633099003c9dec7d5f34db5c/1664129289161/CHN+Action+Plan+Final.pdf>

<sup>86</sup> Raines, K.; Carr, F. Act Green: Understanding audience attitudes towards the role of cultural organisations in tackling the climate emergency, 2022. Disponível em: [https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/supercool-indigo/Act-Green-June-2022-c-Indigo-pointOne.pdf?utm\\_source=Website&utm\\_medium=Download&utm\\_campaign=ActGreen](https://s3-eu-west-1.amazonaws.com/supercool-indigo/Act-Green-June-2022-c-Indigo-pointOne.pdf?utm_source=Website&utm_medium=Download&utm_campaign=ActGreen)



ram para conduzir uma pesquisa com 11.682 pessoas que frequentam espaços culturais no país, questionando sobre sua preocupação com as mudanças climáticas e o papel dos setores culturais e criativos na agenda do clima. A maior parte das pessoas expressou que já fez ou faria mudanças em seus comportamentos individuais e que tinha a expectativa de que os espaços culturais promovessem adaptação de suas produções, edificações e operações para serem mais sustentáveis. As expectativas de mudanças ecologicamente sustentáveis nos espaços culturais foram apresentadas em três eixos:

- (i) produções sustentáveis, como utilização de materiais reutilizados ou reciclados (90% da audiência) e financiamento de origem eticamente coerente com preocupações sociais e ambientais (66% da audiência);
- (ii) edificações sustentáveis, como redução e reciclagem de resíduos (92% da audiência) e edificações com eficiência energética (93% da audiência); e
- (iii) operações sustentáveis, como redução do desperdício de alimentos (81%), redução ou eliminação de embalagens e objetos plásticos descartáveis (91%), alimentação de origem local (73%), bilhetes eletrônicos (78%) e recibos eletrônicos (65%).

Tais resultados foram utilizados por representantes das indústrias culturais e criativas para solicitar financiamento governamental e aprimorar seus planos de integração de cultura e clima, demonstrando como o uso de consultas públicas e dados pode fortalecer a incidência política.

Sementes de murumuru são vistas durante o trabalho de coleta das extrativistas ribeirinhas na RESEX do Médio Juruá no Amazonas.

© Bruno Kelly

**As pessoas entendem que os espaços culturais têm um papel de liderança no enfrentamento às mudanças climáticas, especialmente como facilitadores da troca de informação sobre o que e como fazer.**

ACT GREEN:  
UNDERSTANDING  
AUDIENCE ATTITUDES  
TOWARDS THE  
ROLE OF CULTURAL  
ORGANISATIONS IN  
TACKLING THE CLIMATE  
EMERGENCY, 2022



# A VIRADA CULTURAL PARA A CONSCIENTIZAÇÃO CLIMÁTICA

Por Marcelle Oliveira



**Marcelle Oliveira** é produtora cultural, comunicadora e ativista climática. Atual diretora executiva do Perifalab, co-fundadora da Coalizão O Clima é de Mudança e Jovem Negociadora pelo Clima da Secretaria do Meio Ambiente e Clima do Rio. Pesquisa a interlocução entre práticas culturais e o combate às consequências das mudanças climáticas nas periferias.

Em 2019, o bairro de Realengo, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, utilizou práticas culturais para conscientizar a comunidade sobre a importância de proteger áreas verdes. A luta pela implementação de um parque verde deu frutos em 2024, ano de inauguração do “Parque Susana Napolini”, que integra uma política pública de parques urbanos em territórios periféricos adotada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. A ocupação artístico-cultural denominada “Parquinho Verde” foi uma peça-chave nessa história, mostrando que, assim como em outras iniciativas periféricas, indígenas, quilombolas e ribeirinhas, o saber ancestral, passado de geração em geração, pode adiar o fim do mundo, despertando consciências por meio da cultura.

Para salvaguardar nossa memória, proteger nossos territórios e remediar os impactos das mudanças climáticas, é necessário modificar a forma como entendemos nossa relação com o meio ambiente. O engenheiro ambiental Malcom Ferdinand, que pesquisa a interação entre o colonialismo e as problemáticas ambientais a partir da realidade do Caribe, aponta, no livro *Uma ecologia decolonial* (2022), que existe um “habitar colonial” e que a imposição dele impulsiona um modelo de existência exploratório, pelo qual a destruição determina mudanças radicais em modos de viver locais.

Nós estamos habitando colonialmente, perpetuando uma experiência de esquecimento e desconexão. Pra completar, “longe”, “violento”, “perigoso” e “não tem nada de bom lá” são palavras comumente destinadas

às periferias do Brasil e do mundo, a partir do olhar de quem não convive com o cotidiano delas e, portanto, jamais poderia compreender suas potências. Conectar a pauta cultural com a pauta de mudanças climáticas é compreender que o racismo ambiental aponta a negligência e a necropolítica (Mbembe, 2016) aplicada para com às periferias, seja na alimentação ultraprocessada, na qualidade do ar prejudicada por grandes empresas, no oferecimento inadequado do saneamento ou na baixa oferta de espaços de atividades de educação climática. Somos um mar de gente no concreto e com todos os pertences embaixo da terra ou da água remexida por enchentes e inundações.

O geógrafo Milton Santos (2006) aborda que a construção do conceito de território passa pelas reflexões sobre um “lugar cotidiano compartilhado entre diferentes frentes” e “mutável de acordo com quem o habita”. Sendo assim, abandonar o habitar colonial pode transformar territórios periféricos em plataformas de reconstrução da memória e da identidade coletiva, possibilitando um novo jeito de pensar as cidades, incluindo a periferia na centralidade do debate e agindo de forma rápida para desassorear rios, reflorestar matas ciliares, fomentar hortas comunitárias, instrumentalizar o campo diante dos desafios climáticos e reconectar o meio urbano com os saberes da floresta.

A virada cultural em torno da pauta das mudanças climáticas é uma metodologia possível. As mudanças no clima já apresentam consequências catastró-

ficas que resultam em mortes, com maior expressividade em espaços periféricos. O conceito de “virada cultural”, apresentado por Stuart Hall (1997), é uma análise sobre como nossos consensos sociais ditam nosso modo de vida. Se a cultura é a soma de diferentes formatos de compreensão e classificação, falar de uma “virada cultural” é falar de inovar nossa forma de compreender a linguagem comum, elencando novas prioridades.

Uma virada cultural é uma virada narrativa e abre precedente para pensarmos uma virada ambiental. Nosso país está assumindo um papel de liderança internacional no combate à crise climática. A realização do G20, no Rio de Janeiro, e da COP30, em Belém do Pará, são momentos importantes para mostrarmos enquanto sul global, diante de negociações restritas com os maiores líderes econômicos mundiais, uma agenda interseccional liderada por mulheres negras tanto na pasta de Cultura quanto na pasta de Meio Ambiente e Mudança do Clima.

O conceito de periferia não é somente sobre o espaço geográfico, mas também sobre a unificação de diferentes territórios em torno de desafios comuns. Da Amazônia à Mata Atlântica, as dificuldades de integrar sustentabilidade na prática assombra os fazedores culturais. Não podemos nos contentar com copos eco, ecobag e resíduos sólidos encaminhados para cooperativas sem nomes publicizados. O hoje precisa virar a consciência, de quem produz e de quem consome, impulsionando uma educação climática que promova a construção de uma cultura de risco, entendendo o tamanho do problema que colocamos o nosso problema.

A cultura precisa estar oficialmente dentro da estratégia para o combate à desinformação climática, posicionada legislativamente dentro das políticas ambientais e culturais como uma frente de comunicação massiva. Precisamos combinar que, dos grandes festivais às batalhas de rima locais, as mudanças climáticas devem ser pautadas com seriedade, trazendo informações que podem salvar vidas e mobilizar pessoas. O futuro que queremos precisa incluir leis e práticas sustentáveis no dia a dia, de forma rápida e eficaz, numa onda de conscientização e mobilização cultural, dando suporte aos fazedores culturais para tal, construindo uma nova geração de educadores climáticos e ambientais por meio da arte.



## BIBLIOGRAFIA

- Oliveira, Marcele Maria. Ocupação Parquinho Verde: a cultura como aliada no enfrentamento as consequências das mudanças climáticas nas periferias. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022
- Ailton Krenak - O Amanhã Não Está a Venda
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, 22(2), 15-46, 1997. Recuperado de <https://bit.ly/3hDii2R>
- Periferias no Plural / matéria: <https://www.nexojournal.com.br/o-surgimento-da-identidade-das-periferias-brasileira>

- 87** ITS Rio. Mudanças climáticas na percepção dos brasileiros - 2022, 2023. Disponível em: [https://itsrio.org/wp-content/uploads/2023/06/221715\\_PERCEP%C3%87%C3%83O-SOBRE-QUEIMADAS\\_R3\\_15.03.pdf](https://itsrio.org/wp-content/uploads/2023/06/221715_PERCEP%C3%87%C3%83O-SOBRE-QUEIMADAS_R3_15.03.pdf)
- 88** Em Movimento. Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (JUMA), 2023. Disponível em: [https://oeco.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Relatorio-Pesquisa-Juventudes-Meio-Ambiente-e-Mudancas-Climaticas\\_JUMA\\_2023.pdf](https://oeco.org.br/wp-content/uploads/2023/04/Relatorio-Pesquisa-Juventudes-Meio-Ambiente-e-Mudancas-Climaticas_JUMA_2023.pdf)
- 89** Corbett, J.B.; Clark, B. The arts and humanities in climate change engagement, 2017. Disponível em: <https://oxfordre.com/climate-science/display/10.1093/acrefore/9780190228620.001.0001/acrefore-9780190228620-e-392>
- 90** Rocha, Y.; Jesus, T. A crise climática também é uma crise cultural: Reflexões sobre a COP28 em Dubai, 2023. Disponível em: <https://peoplespalaceprojects.org.uk/pt/a-crise-climatica-e-tambem-uma-crise-cultural/>
- 91** Roosen, L.J.; Klöckner, C.A.; Swim, J.K. Visual art as a way to communicate climate change: a psychological perspective on climate change-related art, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21500894.2017.1375002>
- 92** Climate Heritage Network. The Models of Supporting Climate Action By Local Communities and Indigenous Peoples, S/D. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af55dbdcfeba07f2b0d807/1672435168152/Slides-The-Models-of-Supporting-Climate-Action-by-Local-Communities-and-Indigenous-Peoples\\_WG7\\_1.pdf](https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af55dbdcfeba07f2b0d807/1672435168152/Slides-The-Models-of-Supporting-Climate-Action-by-Local-Communities-and-Indigenous-Peoples_WG7_1.pdf)
- 93** Stella, J.; Araújo, R. Memória, meio ambiente e identidade: reflexões e conexões através do audiovisual, 2024. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-699/151868.pdf>
- 94** Li, N. et al. Artistic representations of data can help bridge the US political divide over climate change, 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s43247-023-00856-9>
- 95** Carvalho, E. THE GLOBAL SOUTH EMERGES. How cultural institutions in South America are using storytelling to call audiences to action in tackling climate change, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003347606-8>
- 96** Carvalho, E. Cultura como ferramenta para a crise climática, 2024.
- 97** Nurmis, J. Visual climate change art 2005–2015: discourse and practice, 2016. Disponível em: <https://wires.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/wcc.400>

## Como a expressão cultural pode promover conscientização, apoiar na comunicação dos riscos e propor soluções relacionadas à crise climática?

**A conscientização sobre as mudanças do clima é um aspecto crítico para a mobilização social.** Em 2022, a pesquisa “Mudanças climáticas na percepção dos brasileiros” identificou que 52% das pessoas escutadas estavam muito preocupadas com a pauta climática, mas a maioria declarou não saber tanto sobre aquecimento global e mudanças climáticas<sup>87</sup>. Já na pesquisa “Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas”, realizada com jovens do Brasil, 80% das pessoas entrevistadas concordaram que estamos vivendo uma crise climática. Todavia, a falta de incentivos e de espaços de participação, bem como a dificuldade de priorizar essa pauta, foram aspectos apontados<sup>88</sup>.

**Produções artísticas, por sua capacidade de mobilização emocional e de transformação do imaginário, têm o potencial de construir estratégias criativas e sensíveis para intervir em barreiras emocionais<sup>89</sup>, culturais<sup>90</sup> e psicológicas que inibem a ação climática**, como vieses cognitivos de minimização do risco, convicções prévias, transferência de responsabilidade ou justificação do *status quo*<sup>91</sup>. No Brasil e mundo afora, há diversos exemplos da cultura enquanto vetor para a conscientização e comunicação mais efetiva sobre a crise climática<sup>92</sup>. Produções audiovisuais, por exemplo, têm sido utilizadas como ferramentas de construção de memórias coletivas sobre o meio ambiente<sup>93</sup>.

**Assim, a arte desempenha um papel pioneiro no engajamento do público na luta contra a crise climática.** Transformando dados científicos em obras de arte, as visualizações artísticas provocam emoções mais fortes e podem influenciar opiniões e ações em favor do clima<sup>94</sup>. A colaboração entre ciência e cultura pode ser uma ferramenta essencial para enfrentar a crise ambiental, com o potencial de se trabalhar narrativas engajantes para o público, como a contação de histórias<sup>95</sup>. Produtores culturais também desempenham um papel político crucial na conscientização climática, podendo usar a arte para promover mudanças sociais e hábitos sustentáveis<sup>96</sup>.

**Realizamos um levantamento inicial de iniciativas por meio das quais diferentes expressões culturais se manifestam como agentes de ação climática, a relação consta no Apêndice 3 deste relatório.** De modo geral, elas representam as seguintes estratégias<sup>97</sup>:



### **Reflexão sobre o presente:**

a partir de diversas produções artísticas como representações e intervenções, para ampliar a percepção e conscientização sobre a questão climática.

### **Preservação de saberes:**

proteção, fortalecimento e transmissão de conhecimentos ancestrais, tradicionais, locais, etc., para informar sobre as mudanças do clima e fomentar soluções climáticas adequadas a contextos específicos.

### **Imaginação de futuros:**

organizada a partir de trabalhos artísticos, trocas de conhecimento ou processos criativos, para a criação de alternativas possíveis à crise climática.

### **Sensibilização e desenho de novas metodologias:**

sozinhas ou aliadas a outras áreas como a comunicação ou a psicologia, para fortalecer ações educativas, de resiliência climática ou de organização política.

### **Construção de espaços coletivos:**

estabelecidos a partir de diferentes frentes de conexão, como distintos segmentos sociais ou áreas de conhecimento e trabalho, orientados à sensibilização, engajamento e mobilização para a ação climática.

Com o advento das mídias sociais, há um crescimento da divulgação da agenda climática por meio da participação de artistas, no entanto, é importante ressaltar que essa estratégia apresenta efeitos ambíguos<sup>98</sup>. Por um lado, pode promover a popularização da temática ambiental e a chamada à ação, com maior pressão política para a mudança. Por outro, pode se estabelecer um processo de banalização do tema, distanciamento de espectadores<sup>99</sup> ou mesmo de “individualização da culpa” pelas mudanças climáticas, reduzindo a ação climática a atos de consumo sustentável e à ostentação de “cidadania ecológica” como marcador de *status*.

Para evitar uma comunicação no estilo emissor-receptor, em que a informação é apenas transmitida para um público passivo, parece ser essencial que a provocação causada pela produção artística seja acompanhada de discussões entre pares nas comunidades, usando exemplos de como a vida cotidiana é afetada pelas mudanças climáticas e destacando possibilidades do território local criar soluções<sup>100</sup>. Reconhecer que qualquer iniciativa cultural só mobilizará ações concretas se estiver profundamente integrada às pessoas, aos valores e aos lugares é um ponto chave destacado na literatura, incluindo a importância de conhecer as relações de poder que operam naquele território, de forma a impedir o agravamento de desigualdades<sup>101</sup>.

<sup>98</sup> Boykoff, M.; Goodman, M.; Littler, J. Charismatic megafauna: The growing power of celebrities and pop culture in climate change campaigns, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236219557\\_Charismatic\\_megafauna\\_The\\_growing\\_power\\_of\\_celebrities\\_and\\_pop\\_culture\\_in\\_climate\\_change\\_campaigns](https://www.researchgate.net/publication/236219557_Charismatic_megafauna_The_growing_power_of_celebrities_and_pop_culture_in_climate_change_campaigns)

<sup>99</sup> Miles, M. Representing nature: art and climate change. *Cultural Geographies*, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1474474009349997>

<sup>100</sup> Burke, M.; Ockwell, D.; Whitmarsh, L. Participatory arts and affective engagement with climate change: The missing link in achieving climate compatible behaviour change?, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959378017309421>

<sup>101</sup> Munshi, D. et al. Centering culture in public engagement on climate change, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17524032.2020.1746680#d1e329>

# CULTURA, NATUREZA E O COMUM: SOLUÇÕES PARA O BEM VIVER NO SUL GLOBAL

Por Georgia Nicolau

Nos últimos anos, meu trabalho tem se concentrado em colocar o comum como uma lente central para repensar nossas relações com o mundo e entre nós. Tanto o Estado quanto o mercado são invenções modernas, mas o que realmente sustenta a vida cotidiana são nossas relações de afeto, cuidado e interdependência. Quando compreendemos a cultura e a natureza como espaços do comum, abrimos portas para soluções inovadoras que estão enraizadas na coletividade, na criatividade e no paradigma do cuidado.

A capacidade humana de criar e cuidar é uma força poderosa e infinita. A criatividade está na base tanto das artes quanto da construção de novas institucionalidades, e é essa capacidade que precisamos ativar para enfrentar os efeitos das mudanças climáticas. No entanto, para criar futuros, precisamos nos situar no passado e no presente e enxergar nossos saberes, nossas memórias, nossas histórias como parte daquilo que vamos precisar ativar para construir novos sentidos.

Como escreve o diplomata e escritor senegalês Birago Diop:



**Georgia Nicolau** é diretora-executiva do Instituto Procomum, ativista e empreendedora social. É fellow da União Europeia no programa de Lideranças Culturais e da London School of Economics no Atlantic Fellows para Igualdade Socioeconômica. Publicou livros e artigos sobre inovação, cultura e transformação social e é co-editora do livro *Sensing Earth*.

**Atente os seus ouvidos  
Mais às coisas que aos Seres  
À voz do Fogo, fique atento,  
Ouça a voz das Águas.  
Ouça através do Vento  
A Savana a soluçar  
É o Sopro dos ancestrais.**

O poema, citado por Luciane Ramos Silva em entrevista a mim para o livro *Sensing Earth: Cultural Quests Across a Heated Globe*, evoca a continuidade de nossa conexão com os ancestrais, revelando o tanto de sabedoria contida em modos de vida afro-indígenas e ancestrais. Sob o paradigma do sucesso e do êxito, esses saberes são frequentemente considerados obsoletos, enquanto em alguns espaços o interesse por eles cresce, como por exemplo no mercado da arte. Contudo, esse interesse muitas vezes carece de escuta e entendimento genuíno, um que seja capaz de promover consciência e transformação. Pensemos: há algo profundamente errado em saber que, neste exato momento, há pessoas no mundo que têm uma relação íntima e simbiótica com seres não-humanos e que estas mesmas pessoas, há pelo menos 500 anos, estão sendo assassinadas e tendo suas terras saqueadas em nome de uma sanha que só leva à concentração de renda, violência e colapso. Pensar a cultura e a natureza como comuns implica refletir sobre nossa relação com a produção de saberes, os recursos e a reprodução da vida. Já sabemos que as

terras habitadas por povos indígenas são as que mais preservam a fauna e a flora e que essa preservação não se deve a uma ausência de impacto, mas a outro tipo de entendimento de si e do mundo. Uma lógica de interdependência não leva ao esgotamento, porque todas as vidas são necessárias para que a vida continue.

A artista Mierle Laderman Ukeles já destacava em 1969, em seu Manifesto for Maintenance Art, “Depois da revolução, quem vai recolher o lixo na segunda-feira de manhã?”. Sua obra nos provoca a pensar sobre o cuidado e o trabalho de manutenção invisível que sustenta a vida. O colapso climático é também o colapso de um sistema que valoriza o sucesso vinculado ao consumo e à produção de bens materiais a qualquer custo, ignorando as práticas de cuidado que sustentam a vida. Precisamos de uma transição para um paradigma de cuidado, que nos chama a cuidar de nós mesmos, dos outros e do planeta.

A experiência de reciprocidade com o mundo natural, como apontado pela cientista Robin Wall Kimmerer, é um exemplo poderoso de como podemos nos reconectar. Em um experimento conduzido em uma plantação de erva-doce americana, a área que prosperou mais foi aquela em que a pesquisadora interagiu com a planta, conversando, oferecendo cuidados. Isso nos lembra que não somos parasitas do planeta; temos algo a oferecer em retorno, mas precisamos reaprender e exercitar práticas de reciprocidade e convivialidade.

Se existem chances de agir para produzir um futuro para todos, elas residem na compreensão da cultura e da natureza como comum. E é a partir dessa chave que devemos olhar para a cultura e a natureza como espaços de reciprocidade e interdependência, promovendo estratégias de bem viver que emergem da sabedoria coletiva e da criatividade. No evento SulxSul, co-organizado pelo Instituto Procomum, exploramos — com organizações e ativistas de 15 países do Sul Global — protótipos de colaboração entre organizações com expertises e saberes diferentes. Os resultados

passam por ideias de produção de cultura, sentido, colaboração, conhecimento e mobilização social. Projetos como a Biblioteca de Histórias Climáticas, que busca promover a memória, a ancestralidade e a valorização das nossas diversidades de cosmovisão, apoiando as comunidades a produzirem conteúdo próprio sobre suas experiências com a crise climática. Outro exemplo é o projeto Saberes Ancestrais como Estratégia para a Justiça Climática, que destaca a importância da escuta coletiva dos conhecimentos tradicionais como uma ferramenta essencial para enfrentar a desconexão entre as narrativas globais e os saberes locais.

Não é fácil, é uma disputa política mais do que qualquer coisa, mas é fundamental afirmar a cultura como espaço essencial de produção de conhecimento, sentido e experimentação — que são justamente o que estamos precisando neste momento. É tudo nosso e de todos nós, seres vivos e não vivos, e precisamos arriscar mais, apostando na nossa capacidade de imaginar e criar juntas, fazer o futuro com nossas mãos, mentes, corpos e espíritos em comunhão.

## REFERÊNCIAS

- Krenak, Ailton – Ideias para Adiar o Fim do Mundo (2019)
- Diop, Birago – Souffles (1947), poema “Les morts ne sont pas morts”
- Nicolau, Georgia; Dietachmair, Philipp; Gielen, Pascal (Eds.) – Sensing Earth: Cultural Quests Across a Heated Globe (2023)
- Ukeles, Mierle Laderman – Manifesto for Maintenance Art 1969!
- Toro, Bernardo – Educar para a Cidadania (2013)
- Kimmerer, Robin Wall – Contribuição no livro Lumbung Stories, publicado como parte da Documenta Fifteen (2022)
- SulxSul – Site do evento SulxSul, organizado pelo Instituto Procomum: <https://www.institutoprocomum.org/sulxsul>



# A CULTURA NA RESILIÊNCIA PÓS-DESASTRES

Na ocorrência de um desastre climático - como um furacão ou uma enchente - os esforços dos setores público e privado se direcionam para o salvamento e abrigo das pessoas atingidas. Sendo assim, a categoria de “serviços essenciais” surge para diferenciar aqueles serviços que devem ser prontamente restabelecidos (por meio de financiamentos excepcionais, flexibilizações burocráticas e legislativas, etc.) de forma a garantir condições mínimas de segurança e habitabilidade nas áreas afetadas e aqueles que podem ser normalizados quando do apaziguamento do desastre. A cultura e a arte, em geral, são delegadas a esse segundo plano, seja em desastres mais agudos - como a enchente que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024 - ou mais persistentes - como a crise da COVID-19.

**Durante o furacão Sandy, que atingiu a cidade de Nova Iorque em 2012, a ONG Art and Democracy passou a compreender que artistas podem ser incluídos na categoria de “primeiros respondentes” a um desastre<sup>102</sup>.** A ONG estruturou uma programação cultural para pessoas abrigadas, muitas delas idosas, proporcionando a apresentação de filmes, a realização de oficinas de tricô, a experimentação com diferentes artes e atividades de escrita. Desde então, a ONG está dedicada a pensar soluções que possam ser rapidamente erguidas em qualquer abrigo emergencial, movimentando tanto as pessoas atingidas, quanto uma economia que, diante de qualquer impasse social ou ambiental, é brutalmente atingida por seu caráter supostamente não-essencial. Em conexão com artistas do Norte do Japão, de Nova Orleans e da Austrália, todos atingidos por desastres climáticos, o coletivo vem compartilhar experiências de como ajudar pessoas a recuperar sua estabilidade e a apoiar suas comunidades.

**Após as enchentes de maio de 2024 em Porto Alegre e região, o Museu do Hip Hop, localizado em uma área menos afetada da cidade, interrompeu suas atividades normais e passou a atuar como centro de coleta de doativos.** Considerado uma grande conquista do movimento negro, como o primeiro museu dedicado à cultura hip hop da América Latina, a instituição está diretamente vinculada a algumas das populações mais atingidas pelo desastre, sabidamente compostas por pessoas negras. Dessa forma, sua articulação comunitária dispôs como um poderoso agente de mobilização e solidariedade. Entre as ações realizadas pela instituição, estão campanhas online de arrecadação, eventos para mobilização com a participação de artistas visuais e musicais da cena gaúcha, a construção de um banco de currículos de profissionais da cultura hip hop e a arrecadação de mais de 250 toneladas de alimentos para desabrigados<sup>103</sup>.

<sup>102</sup> Spayde, J. How artists help communities heal after disasters, 2013. Disponível em: <https://forecastpublicart.org/how-artists-help-communities-heal-after-disasters/>

<sup>103</sup> Barros, D.; Messalla, C. Museu do Hip Hop arrecada mais de 250 toneladas de alimentos para desabrigados em Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2024/06/04/museu-do-hip-hop-arrecada-tres-toneladas-de-alimentos-para-desabrigados-em-porto-alegre>



Queimada é vista em área de floresta amazônica próximo a Porto Velho, Rondônia. © Bruno Kelly













## Potencialidades e barreiras para a conciliação entre as agendas políticas e sociais de cultura e clima

**A**s indústrias culturais e criativas podem desempenhar um papel-chave na constituição de uma matriz de desenvolvimento sustentável a partir das especificidades sociais, ambientais e econômicas que capturam em suas manifestações. Em boa parte dos países, especialmente do Sul Global, embora a cultura seja mencionada em planos e programas de desenvolvimento sustentável e de clima, a proporção de recursos dedicada à operacionalização da área cultural nessas agendas é ínfima<sup>104</sup>. Na região da América Latina, a Colômbia é um exemplo que desponta ao incluir o Pacto pela Proteção e Fomento à Cultura Colombiana e o Desenvolvimento da Economia Laranja como bases do Plano Nacional de Desenvolvimento do país<sup>105</sup>. Nele, o impulso para o desenvolvimento econômico sustentável do setor vem acompanhado de uma nítida missão de preservação do patrimônio cultural.

Uma investigação da organização Julie's Bicycle, em parceria com o British Council, avaliou as políticas culturais em 46 países, dos quais 25 são beneficiários de Assistência Oficial para o Desenvolvimento oferecida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de modo a identificar a relação entre políticas culturais e políticas climáticas<sup>106</sup>. O escopo de política cultural abordado no estudo consistiu em políticas a nível nacional com obrigação legal para fomentar as artes (teatro, música, dança, literatura, artes visuais, e galerias), sem contemplar patrimônio histórico, indústrias criativas ou turismo. O estudo identificou que a maior parte dos órgãos com atribuição legal para desenvolver políticas culturais a nível nacional não considera ter competência legal para endereçar questões ambientais e climáticas (73%), embora uma parcela menor considere ter possibilidade de atuar sobre tais questões (40%). A falta de recursos financeiros e recursos técnicos de apoio para o acompanhamento de ações e a falta de tempo e equipe para a implementação de uma estratégia foram consideradas dentre as principais barreiras para promover a integração entre políticas de cultura e clima. Em relação às atividades orientadas à ação climática envolvendo artistas e organizações culturais, os gestores entrevistados elencaram como prioridades:

<sup>104</sup> Joffe, A. Challenges to Goal 3: Integrate Culture in Sustainable Development Frameworks. Re-Shaping Cultural Policies: advancing creativity for development, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260592>

<sup>105</sup> Chér, L.B.; Peria, P.V.G.; Bresciani, L.P. As políticas de fomento à economia criativa na América Latina: um panorama contemporâneo, 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131743.pdf>

<sup>106</sup> Julie's Bicycle; British Council. Culture: The Missing Link to Climate Action, 2021. Disponível em: <https://julesbicycle.com/wp-content/uploads/2022/01/Climate-Connection-Report.pdf>



92%

**Facilitação de colaborações  
interdisciplinares entre  
artistas e outros atores para a  
ação climática**

84%

**Promoção de  
comportamentos  
sociais favoráveis  
ao meio ambiente**

80%

**Produção cultural centrada  
no tema do clima e do meio  
ambiente**

72%

**Conscientização sobre políticas  
ambientais para compreensão  
ampliada da questão**

68%

**Incentivo à redução  
da pegada de  
carbono**

64%

**Fomento ao desenvolvimento de  
atividades em comunidades em  
adaptação climática**

60%

**Incentivo à redução de outros  
impactos ambientais**

60%

**Conscientização sobre  
a importância da ação  
climática individual**

**Mesmo com a conscientização dos impactos das mudanças climáticas no setor cultural, parece haver grande inércia mesmo entre as empresas que lucram diretamente com a produção de eventos culturais.** No Japão, por exemplo, produtores e empresários do famoso festival da flor de cerejeira, em sua maioria, declararam acreditar no aquecimento global e no seu impacto para o tempo do desabrochar das flores, no entanto, não mencionaram intenção de adotar qualquer medida sistêmica de adaptação, recomendando, em vez disso, soluções individuais de ação climática, como redução do lixo, economia do uso de eletricidade e menor utilização de carros<sup>107</sup>. Assim, a mobilização de financiadores surge como uma demanda crítica para a integração dessas agendas.

<sup>107</sup> Sakurai, R. et al. Culture and climate change: Japanese cherry blossom festivals and stakeholders' knowledge and attitudes about global climate change, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0006320710004271>



Homem é visto enquanto observa queimada em  
área de floresta amazônica em Apuí, Amazonas.  
© Bruno Kelly



# EXEMPLOS DE EDITAIS INTEGRANDO CULTURA E CLIMA<sup>108</sup>

O financiamento da cultura é essencial para promover e preservar a diversidade cultural e o desenvolvimento econômico. Além disso, a interseccionalidade da cultura com as questões climáticas é fundamental para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas e para o fortalecimento da memória e da vida cultural. O Brasil tem um histórico de políticas de financiamento como a Lei Rouanet, criada em 1991, que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura, implementado por meio de mecanismos como o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e incentivos fiscais a projetos culturais. Mais recentemente, além de modernização do próprio regime de fomento à cultura<sup>109</sup>, políticas emergenciais, como a Lei Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo, foram implementadas para mitigar os impactos da pandemia no setor cultural, mobilizando bilhões de reais em recursos. No entanto, é uma lacuna específica a integração de uma perspectiva de sustentabilidade nos modelos de financiamento existentes, bem como a criação de formas inovadoras de financiar a intersecção entre cultura e clima.

Alguns editais pontuais de financiamento no Brasil já promovem a integração das agendas de cultura e clima. Destacamos:

- **Ocupa CCVM – Amazônia em foco 2024 (Centro Cultural Vale Maranhão):** Chamada para artistas nascidos ou residentes nos estados da Amazônia Legal, que reflitam em seus trabalhos o cenário amazônico em sua amplitude e experimentem os limites das linguagens artísticas.



- **E-CO/24 Histórias da Água - Águas Voadoras, Oceanos, Mares, Lagos, Rios e zonas úmidas:** Com o objetivo de promover redes de trabalho colaborativo na América Latina, no Caribe, Guiné Equatorial e Espanha no âmbito da construção de novas narrativas visuais e incentivar novas reflexões sobre os problemas ambientais atuais, a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) e a Fundação VIST lançaram chamada para a conceituação, criação e produção de projetos visuais que serão apresentados no Plataformas E-CO/24: exposições, sites e redes sociais. Especial atenção a temas que identifiquem questões sociais, políticas e culturais sobre a complexidade da atual crise climática, mitologias sobre a água em diferentes comunidades e histórias que falem de realidades hídricas e impactos socioambientais, especialmente os ligados aos universos aquáticos: águas voadoras, oceanos, mares, lagos, rios e áreas úmidas dos países da região.



Jovem é visto em cima da rede de pesca durante o manejo do Pirarucu na RESEX Médio Juruá, Amazonas. © Bruno Kelly

- **Resiliência: Habitar na Emergência Climática:** Essa convocatória oferece uma oportunidade para fotojornalistas e fotógrafos documentais submeterem seus trabalhos para o Foto BSB - III Festival de Fotojornalismo de Brasília. A temática “Resiliência: Habitar na Emergência Climática” abre espaço para ensaios que explorem as diversas perspectivas dentro do tema. Os trabalhos enviados poderão ser selecionados para exposições físicas, projeções, galerias virtuais e mesas de debates incluídas na programação online e presencial do festival.
- **LabVerde** - Plataforma de arte e ecologia na Amazônia Brasileira: Criado por um coletivo de mulheres em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), o projeto articula redes plurais de profissionais e instituições, locais e internacionais. Com ênfase no desenvolvimento de linguagens artísticas sobre o meio ambiente, atua em diversas

frentes, promovendo residências artísticas, palestras, exposições, festivais, workshops e publicações. Para 2024 e 2025, 3 editais de residência vinculados à plataforma foram abertos: 1. Lab.sonora, voltado para a composição musical e produção sonora a partir da escuta sensível dos ambientes e da pesquisa no campo da cultura oral, música ancestral, bioacústica e field recording; 2. Fungi Cosmology, voltado para artistas, cientistas, curadores e antropólogos interessados no desenvolvimento de novos conhecimentos e linguagens a partir da interação, observação e análise das relações simbióticas dos fungos; e 3. Ecologias Especulativas, voltado para artistas visuais, músicos, dançarinos, escritores, designers e outros criativos interessados em se aprofundar nas questões ambientais, os quais devem ter sua pesquisa poética vinculada à natureza e à crise ambiental.

- **Edital de Projetos EUA – Brasil – Combate à Crise Climática:** A Seção de Cultura, Educação e Imprensa da Embaixada e Consulados dos EUA no Brasil lidera a iniciativa “Combate à Crise Climática”, com o objetivo de desenvolver a capacidade de grupos da sociedade civil brasileira que protegem o meio ambiente. Os projetos podem incluir a promoção da conscientização entre os jovens do Brasil sobre a crise climática e estratégias eficazes para mitigar as mudanças climáticas. O foco do edital foi os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

108 Cultura Presente. Editais de Arte e Cultura: emergência climática, 2024. Disponível em: <https://culturapresente.com.br/cultura/>

109 Brasil. Marco Regulatório do Fomento à Cultura, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L14903.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14903.htm)



## Marcos normativos e oportunidades de indução do debate internacional

O Acordo de Paris<sup>110</sup>, assinado em 2015 por 197 países, é reconhecido como um importante marco normativo para o avanço do debate sobre a crise climática na agenda internacional. Ele propiciou o desenvolvimento de uma arquitetura institucional que favoreceu compreender a mudança do clima em sua transversalidade com outros campos. No entanto, mesmo após quase uma década, as iniciativas de países para se abordar a degradação do meio ambiente, as mudanças climáticas e os impactos ambientais a partir da cultura ainda são tímidas<sup>111</sup>. O próprio campo político da cultura demandava avanços normativos e maior coesão dos atos internacionais, os quais foram impulsionados pela Declaração MONDIACULT.

### Declaração MONDIACULT de 2022<sup>112</sup>

**Esta Declaração engaja Ministérios da Cultura de países-membros da UNESCO, trazendo o reconhecimento da necessidade de integração das agendas de cultura e clima para proteção do patrimônio cultural, material e imaterial, bem como das expressões culturais, face aos eventos climáticos extremos e riscos naturais. Os países signatários solicitam, ainda, o desenvolvimento de diretrizes mais nítidas para a integração do debate sobre patrimônio cultural e criatividade à pauta das mudanças climáticas, bem como uma convocatória para se repensar a pegada de carbono do setor cultural.**

**Uma categoria marcante que explicita a importância da Declaração MONDIACULT enquanto marco é o reconhecimento da cultura como um bem público global. Este conceito, com ressonância também no VIII Congresso Ibero-Americano de Cultura, instrumentaliza países ao redor do mundo para reconhecerem o impacto das mudanças climáticas na cultura e assumirem o compromisso de potencializar o papel da cultura na conscientização sobre esse fenômeno e no desenvolvimento de soluções criativas e sustentáveis.**

<sup>110</sup> Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Acordo de Paris, 2015. Disponível em: [https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/acordo-de-paris-e-ndc/arquivos/pdf/acordo\\_paris.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/acordo-de-paris-e-ndc/arquivos/pdf/acordo_paris.pdf)

<sup>111</sup> Cliche, D.; Isar, Y.R. Advancing creativity for development. Re-Shaping Cultural Policies: advancing creativity for development, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260592>

<sup>112</sup> UNESCO. UNESCO World Conference on Cultural Policies and Sustainable Development

**Um dos eixos pelos quais este debate tem sido pautado é o do desenvolvimento sustentável, com os direitos culturais, o patrimônio, a diversidade e a criatividade sendo considerados componentes essenciais**<sup>113</sup>. Na Agenda 2030, proposta pela Organização das Nações Unidas, a questão climática é endereçada junto a políticas intersetoriais, ainda que o tema da cultura surja apenas de forma tímida e transversal<sup>114</sup>. Nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)<sup>115</sup>, agenda da qual o Brasil é signatário, o ODS 2, que aborda a Fome Zero e a Agricultura Sustentável, traz a cultura na meta de utilização dos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais. O ODS 4, de Educação de Qualidade, traz a valorização da diversidade cultural e a contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável nos sistemas educacionais, enquanto o ODS 8 sobre Trabalho Decente e Crescimento Econômico destaca a promoção da cultura e dos produtos locais pelo turismo sustentável. Por fim, a proteção do patrimônio cultural é mencionada no ODS 11, que versa sobre Cidades e Comunidades Sustentáveis. Uma maneira de acompanhar a influência e o papel da cultura para o alcance dos ODS é os TIC (Indicadores Temáticos para a Cultura)<sup>116</sup>, estabelecidos pela UNESCO como referência de valorização de dados em variadas políticas públicas e objetivos de desenvolvimento. São quatro dimensões temáticas transversais, sendo a primeira - e mais importante delas - “meio ambiente e resiliência”, incluindo dentre seus indicadores a questão de adaptação às mudanças climáticas.

**No nível internacional, no entanto, há um reconhecimento de que apenas a menção transversal enfraquece a integração da cultura em uma agenda de desenvolvimento sustentável**<sup>117</sup>. A United Cities and Local Governments lidera a iniciativa Culture 21, que há uma década vem realizando incidência política na campanha Culture 2023 Goal para criação de um ODS específico para a cultura. No último trimestre de 2023, algumas iniciativas parecem ganhar força para impulsionar uma mudança nesse sentido, com o compromisso dos países do BRICS em incorporar o tema da cultura nas suas políticas de desenvolvimento nacional e a Declaração dos líderes do G20 em Nova Déli indicando que a cultura é uma força mobilizadora essencial aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável<sup>118</sup>. A mesma perspectiva foi amparada por países que compõem as Nações Unidas no SDG Summit de 2023, encontro que debate avanços nos ODS. Ainda em 2023, ministros e ministras da Cultura da União Europeia aderiram à Declaração de Cáceres, a qual descreve o papel da cultura na promoção de uma agenda democrática sustentável e se compromete com a criação de um ODS específico para o tema após 2030<sup>119</sup>.

<sup>113</sup> Culture 21. Culture in the Sustainable Development Goals: A Guide for Local Action, 2018. Disponível em: <https://www.agenda21culture.net/advocacy/culture-in-SDGs>

<sup>114</sup> Pasko, P.F. Especial: Cultura e Justiça Climática, um debate urgente. Nonada Jornalismo, 2023. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/11/especial-cultura-e-justica-climatica-um-debate-urgente/>

<sup>115</sup> ONU. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

<sup>116</sup> UNESCO. Indicadores cultura | 2030. Paris : UNESCO, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373570>.

<sup>117</sup> United Cities and Local Governments; Culture 21. CULTURE 2030 GOAL CAMPAIGN APPLAUDS GROWING GOVERNMENT RECOGNITION OF THE ROLE OF CULTURE IN DEVELOPMENT, 2023. Disponível em: [https://culture2030goal.net/sites/default/files/2023-10/EN\\_culture2030goal\\_October2023\\_Declaration.pdf](https://culture2030goal.net/sites/default/files/2023-10/EN_culture2030goal_October2023_Declaration.pdf)

<sup>118</sup> G20 New Delhi Leaders' Declaration, 2023. Disponível em: <https://www.mea.gov.in/Images/CPV/G20-New-Delhi-Leaders-Declaration.pdf>

<sup>119</sup> Ministers of Culture of the European Union. Cáceres Declaration, 2023. Disponível em: <https://spanish-presidency.consilium.europa.eu/media/keantfoc/c%3%A1ceres-declaration.pdf>



- I20** G20 CULTURE MINISTERS' MEETING. KASHI CULTURE PATHWAY, 2023. Disponível em: [https://www.g20.in/content/dam/gtwenty/gtwenty\\_new/document/2--new/G20\\_Culture\\_Ministers\\_Meeting\\_Outcome\\_Document\\_and\\_Chairs\\_summary.pdf](https://www.g20.in/content/dam/gtwenty/gtwenty_new/document/2--new/G20_Culture_Ministers_Meeting_Outcome_Document_and_Chairs_summary.pdf)
- I21** Chamada Global para colocar o Patrimônio Cultural, as Artes e os Setores Criativos no coração da Ação Climática, 2023. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/654ad18fd2a1f930372f9016/1699402127329/JWD\\_Portugu%C3%AAAs.pdf](https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/654ad18fd2a1f930372f9016/1699402127329/JWD_Portugu%C3%AAAs.pdf)
- I22** Rocha, Y.; Jesus, T. A crise climática também é uma crise cultural: Reflexões sobre a COP28 em Dubai, 2023. Disponível em: <https://peoplespalaceprojects.org.uk/pt/a-crise-climatica-e-tambem-uma-crise-cultural/>
- I23** Redação MediaTalks. Ecos da COP28 | Cultura ganha força como instrumento de mobilização para a luta climática, 2023. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2023/12/27/na-cop28-cultura-ganha-forca-como-instrumento-de-mobilizacao-na-luta-climatica/>
- I24** UNFCCC Group of Friends of Culture-Based Climate Action Launch at UNGA 2023, 2023. Disponível em: [https://www.ellet.gr/wp-content/uploads/Concept-Note\\_GFCBCA-2023.pdf](https://www.ellet.gr/wp-content/uploads/Concept-Note_GFCBCA-2023.pdf)
- I25** Ministério da Cultura. COP28: Ministra da Cultura lança Coalizão internacional para promover ação climática baseada na cultura, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/centrais-de-conteudo/sala-de-imprensa/pautas-e-releases-1/cop28-ministra-da-cultura-lanca-coalizao-internacional-para-promover-acao-climatica-baseada-na-cultura#:~:text=Co%2Dpresidido%20pelos%20Emirados%20C3%81rabes,o%20reconhecimento%20da%20cultura%20como>
- I26** Markam, A. COP28 Took Steps Toward Safeguarding Cultural Heritage from Climate Change, 2024. Disponível em: <https://blog.ucsusa.org/adam-markham/cop28-took-steps-toward-safeguarding-cultural-heritage-from-climate-change/>

**O Kashi Culture Pathway, documento resultante do encontro de Ministérios da Cultura no G20 em Nova Déli, destaca a necessidade de um “diálogo contínuo e a troca de conhecimentos sobre a ação climática em todo o fluxo de trabalho da cultura como uma questão transversal crítica que luta pela sustentabilidade ambiental, nomeadamente unindo esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural mundial do impacto das alterações climáticas”<sup>I20</sup>.**

**Em setembro de 2023, durante o encontro da Cúpula do Patrimônio Cultural Europeu, diversas organizações assinaram a Chamada Global para colocar o Patrimônio Cultural, as Artes e os Setores Criativos no coração da Ação Climática<sup>I21</sup>.** A Chamada destaca o potencial da integração de vozes culturais na política climática internacional para ampliar as possibilidades do patrimônio local, bem como o poder transformador da cultura. Ao reunir membros de governos, organizações da sociedade civil, academia, fazedores(as) de cultura e setor privado, a Chamada visa um esforço conjunto para que, na COP31, em 2026, existam recomendações concretas para uma ação climática baseada na cultura.

**Já na COP28<sup>I22</sup>, realizada nos Emirados Árabes em 2023, os temas de artes e cultura tiveram maior destaque<sup>I23</sup>, com a criação do Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima<sup>I24</sup>, co-presidido pelo Brasil<sup>I25</sup>.** A intenção desta coalizão é coordenar ações locais e regionais de reconhecimento da importância da cultura na adaptação e mitigação das mudanças climáticas, bem como avançar o debate das COP na promoção de uma ação conjunta de cultura e clima e promover o engajamento de atores-chave para a revisão dos planos e das políticas nacionais de adaptação no âmbito da cultura e do clima. Também nesta edição, o patrimônio cultural ganhou maior relevância no contexto da criação do Fundo de Perdas e Danos<sup>I26</sup>, que tem como objetivo prover apoio financeiro a países em desenvolvimento na recuperação, reconstrução e reabilitação frente aos impactos das mudanças climáticas. Sua nova versão passa a dar conta não apenas de danos monetários, mas também de perdas e danos não econômicos, o que inclui diferentes tipos de patrimônio material e imaterial.

**Embora na COP27, no Egito, o termo “Patrimônio Cultural” tenha sido incluído nas declarações oficiais sobre “Perdas e Danos” e “Adaptação”, foi na COP28 que, pela primeira vez, o patrimônio cultural foi reconhecido como um tema central, sendo incluído com um dos sete pontos temáticos da Framework for the Global Goal on Adaptation. A iniciativa foi um dos principais acordos da conferência e, no âmbito cultural, propôs o desenvolvimento de estratégias adaptativas para preservar práticas e patrimônios culturais, além do desenho de infraestruturas resilientes, baseadas em sistemas de conhecimentos de comunidades tradicionais e locais e de povos indígenas<sup>127</sup>.**

Em 2024, a assinatura do Manifesto de Braga<sup>128</sup> pelas prefeituras das Cidades Criativas da UNESCO afirma a relevância da integração da cultura enquanto um objetivo específico na agenda de desenvolvimento das Nações Unidas pós-2030. Além disso, as prefeituras se comprometeram a proteger o patrimônio cultural material e imaterial, a promover práticas orientadas para a cultura que abordam ameaças ambientais e a fortalecer a resiliência cultural face às alterações climáticas. Dessa forma, é possível verificar que, paulatinamente, o debate da integração da cultura à agenda do desenvolvimento sustentável vem progressivamente se aproximando da integração entre cultura e clima, com países assumindo compromissos cada vez mais concretos para viabilização de ações compartilhadas. Contudo, para a orientação da atuação dos entes signatários, as metas devem ser claras e vinculativas, propiciando uma atuação monitorada.

No Brasil, há alguns esforços de tornar a cultura mais presente na agenda climática. O ICOMOS/BRASIL<sup>129</sup>, por meio da interlocução com o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e outras organizações do ecossistema compartilhado entre cultura e clima, promove iniciativas de mapeamento de especialistas, metodologias e recomendações comuns. A Unesp e a UnB, em projeto conjunto, desenvolveram a proposta do chamado ODS 19 - Arte, Cultura e Comunicação<sup>130</sup>. O objetivo central deste ODS seria “assegurar a pluralidade e liberdade cultural, a democratização da arte e a comunicação inclusiva para todos e todas”, de modo a valorizar o impacto da manifestação artística na consolidação de uma perspectiva sustentável.

<sup>127</sup> UNFCCC. Conference of the Parties serving as the meeting of the Parties to the Paris Agreement (CMA), 2023. Disponível em: <https://unfccc.int/documents/636123>

<sup>128</sup> UNESCO Creative Cities. Declaration of Braga, 2024. Disponível em: [https://articles.unesco.org/sites/default/files/medias/fichiers/2024/07/Braga%20Manifesto\\_0.pdf](https://articles.unesco.org/sites/default/files/medias/fichiers/2024/07/Braga%20Manifesto_0.pdf)

<sup>129</sup> ICOMOS/BRASIL. MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL, 2022. Disponível em: <https://www.icomos.org.br/single-post/mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-e-patrim%C3%B4nio-cultural>

<sup>130</sup> Cabral, R.; Gehre, T. Guia Agenda 2030 - Integrando ODS, Educação e Sociedade, 2020. Disponível em: [https://www.guiaagenda2030.org/\\_files/ugd/9d6116\\_6a17e1773a19464684cab3197d92d3](https://www.guiaagenda2030.org/_files/ugd/9d6116_6a17e1773a19464684cab3197d92d3)

# DIÁLOGOS GOVERNAMENTAIS DE INTEGRAÇÃO DE CULTURA E CLIMA NO BRASIL<sup>131</sup>



Em outubro de 2023, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Comitê Científico sobre Mudanças Climáticas e Patrimônio do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Brasil (ICOMOS/BRASIL) realizaram seis Diálogos sobre Patrimônio Cultural e Ações Climáticas, organizados com foco em biomas específicos, com os objetivos de:

- Registrar, de forma participativa, o cenário do patrimônio cultural de cada região, analisando os principais riscos que o afetam e que poderão afetá-los.
- Identificar as fragilidades diante dos efeitos das mudanças climáticas, bem como boas práticas e ações possíveis a curto, médio e longo prazo.
- Mobilizar os principais parceiros a serem acionados para garantir a preservação e a salvaguarda desses bens culturais, promovendo ações de sensibilização e capacitação ligadas ao tema.
- Produzir dados e estudos com vistas a fortalecer políticas públicas e ações de enfrentamento.

Embora os objetivos sejam comuns a todos os biomas, a especificidade de cada um exige a articulação de estratégias e soluções conectadas às suas demandas e características que não são sempre as mesmas. As evidências encontradas podem conectar essas demandas às políticas públicas necessárias.

<sup>131</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Cultural e Ações Climáticas, 2023. Disponível: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciclo-de-dialogos-patrimonio-cultural-e-acoes-climaticas>



**Entre 2024 e 2025, o Brasil tem duas oportunidades de integração das pautas, com a presidência do G20 em 2024 e como a sede da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30) em 2025**<sup>132</sup>. Para a reunião do G20, o Brasil estabeleceu o Grupo de Trabalho de Cultura, que tem como meta fomentar iniciativas voltadas ao aproveitamento do potencial transformador da cultura na sociedade, bem como refletir sobre seu impacto na economia e no desenvolvimento sustentável e inclusivo<sup>133</sup>. A integração entre políticas culturais e ambientais e a preservação do patrimônio cultural têm sido destacadas como ações-chave que o Grupo de Trabalho deve desenvolver. O Grupo se organiza a partir de quatro eixos de trabalho: diversidade cultural e inclusão social; cultura, ambiente digital e direitos autorais; economia criativa e desenvolvimento econômico sustentável; e preservação, salvaguarda e promoção do patrimônio cultural e da memória. Além disso, o Brasil sustenta um compromisso transversal com a promoção dos direitos e das expressões culturais dos povos originários, das pessoas afrodescendentes, das comunidades tradicionais e grupos vulneráveis<sup>134</sup>.

**Destaca-se que são muitos os braços de encontro proporcionados pelo G20, acontecendo em caráter complementar à Cúpula de Líderes.** A integração entre cultura e clima vem sendo abordada nessas agendas, como o Seminário de Políticas para a Economia Criativa, realizado na plataforma do G20 + Iberoamérica. Ou mesmo o G20 Social, criado com o objetivo de aumentar a participação de atores não-governamentais nas cúpulas de políticas públicas. O mapeamento do campo e dos atores sociais interessados, previamente à realização de eventos dessa magnitude, pode ser uma estratégia para a ampliação e condução desses debates em coalizões e organizações interessadas no atravessamento entre cultura e clima. A criação de pavilhões e espaços autogeridos, já que o modelo proposto pela ONU é bastante desigual e dificultoso de implementar consensos, pode ampliar ainda mais as pontes entre os atores.

**As pautas reivindicadas na COP28 seguem ativas para a reunião da COP30 no Brasil, que deve realizar um balanço dos avanços possíveis até 2025.** Ressalta-se, no entanto, que levantamentos com participantes de reuniões prévias da COP indicam que é necessário aprimorar os espaços seguros de diálogo, a integração da diversidade de saberes e a promoção do empoderamento jovem, pois os debates ainda são percebidos como hostis e de baixa inclusão de países em desenvolvimento<sup>135</sup>.

<sup>132</sup> Brasil. Presidência da República. Rumo à COP 30, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cop28/cop-30-no-brasil>

<sup>133</sup> Brasil. Trilha de Sherpas - Cultura, 2024. Disponível em: <https://www.g20.org/pt-br/trilhas/trilha-de-sherpas/cultura>

<sup>134</sup> G20 Brasil. Cultura é pilar do desenvolvimento e conscientização climática, diz ministra, 2024. Disponível em: <https://www.g20.org/pt-br/noticias/cultura-e-pilar-do-desenvolvimento-e-conscientizacao-climatica-diz-ministra>

<sup>135</sup> Wamsler, C. et al. Enabling new mindsets and transformative skills for negotiating and activating climate action: Lessons from UNFCCC conferences of the parties, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1462901120304706>

# A COP30 PRECISA DE UMA VITÓRIA POLÍTICA PARA A CULTURA

Por Andrew Potts



**Andrew Potts** é o diretor da Comunidade de Prática para o projeto Preserving Legacies, consultor de ação climática e patrimônio na Europa Nostra e consultor de políticas climáticas. Potts faz parte do Comitê Consultivo de Especialistas do Conselho Consultivo de Preservação Histórica dos Estados Unidos e tem se concentrado em cultura e mudança climática desde 2015.

Para colocar o mundo no caminho certo para cumprir as metas do Acordo de Paris, a COP30 precisa entregar uma vitória política para a cultura e o clima, desbloqueando o poder da ação climática baseada na cultura para ajudar as pessoas a imaginar e construir futuros mais justos, resilientes e de baixo carbono.

Quase 10 anos após a adoção do Acordo de Paris, o mundo continua perigosamente fora do curso para cumprir suas metas. A janela para “manter a meta de 1,5°C viva”<sup>1</sup> está se fechando. As limitações são, em parte, resultantes de um sistema global de planejamento, políticas públicas e financiamento climático dominado por sistemas de conhecimento ocidentais e por formas tecnocráticas de modelagem e análises de custo-benefício. Questões sistêmicas ou contestadas são frequentemente ignoradas pelos formuladores de políticas, incluindo as origens históricas das mudanças climáticas antropogênicas (como colonialismo e imperialismo) e os facilitadores socioculturais da ação climática.

Inverter esse paradigma falho é o objetivo da “Chamada Global para Colocar o Patrimônio Cultural, as Artes e as Indústrias Criativas no Centro da Ação Climática”, uma campanha de advocacy lançada em 2023 por milhares de defensores da cultura em todo o mundo.

A Chamada Global pede às autoridades climáticas que tomem uma decisão política para lançar um processo que resulte na incorporação das dimensões socioculturais em todo o trabalho técnico, científico e estratégico da agência climática da ONU, conhecida como UNFCCC. Esse reconhecimento do valor da ação climática baseada na cultura para a política climática

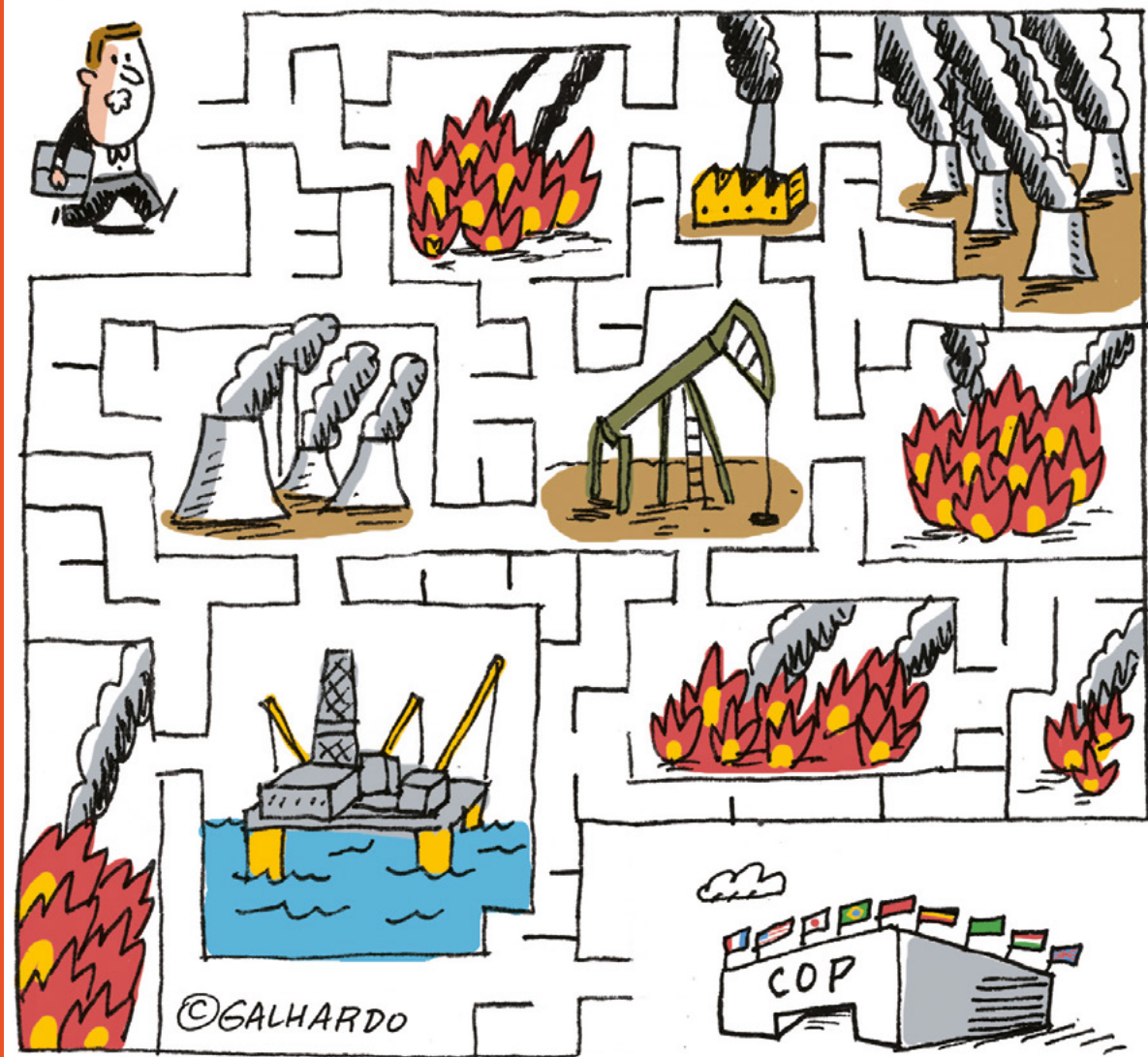
internacional, por sua vez, informaria as políticas climáticas nacionais e ajudaria a direcionar mais recursos para artistas, profissionais criativos e defensores do patrimônio cultural que estão na linha de frente das ações climáticas.

Mas o tempo para alcançar esses resultados está se esgotando. O extraordinário contexto cultural do Brasil, combinado com sua posição geopolítica única no mundo, faz da COP30 a melhor – e a última – chance para alcançar esses objetivos a tempo de acelerar a ação climática nesta década crítica de 2030. Para manter essa esperança viva, é crucial que o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima se alinhem com o Ministério da Cultura e tomem as decisões necessárias na COP29 para apoiar a adoção de uma decisão política sobre cultura e ação climática na COP30 — algo que ainda não foi acordado.

A menos que a lacuna cultural na ação climática seja preenchida, as respostas continuarão a falhar. A COP30, impulsionada pelo poderoso setor cultural do Brasil, tem a chance de ser lembrada como o momento onde o mundo finalmente colocou o patrimônio cultural, as artes e o setor criativo no coração da ação climática — mas apenas se agirmos agora para convencer os tomadores de decisão.

<sup>1</sup> A campanha ‘Keep 1,5°C Alive’, da Organização Meteorológica Mundial, estabelece uma meta de limitação do aquecimento global. Conheça mais: <https://wmo.int/media/news/keep-15deg-alive>

# AJUDE O CIENTISTA CHEGAR NA CONFERÊNCIA DO CLIMA

















## Equidade e inclusão social na integração das agendas de cultura e clima

**D**e modo a promover a verdadeira inclusão de diferentes vozes na construção de agenda compartilhada entre cultura e clima, é necessário superar a dicotomia entre o pessimismo radical e o otimismo tecnológico<sup>136</sup> que apenas dissemina achados e previsões das pesquisas científicas<sup>137</sup>. Por meio da mobilização das artes e da cultura durante todo o processo de construção de soluções climáticas, é possível superar um estágio de passividade e resignação, abrindo caminho para saberes tradicionais e para a criatividade das comunidades locais. No entanto, há desafios marcantes em institucionalizar a participação social, dar visibilidade ao protagonismo dos povos e buscar formas de remunerar o compartilhamento de conhecimento tradicional na co-criação de soluções<sup>138</sup>.

**Países ao redor do mundo têm trabalhado em incorporar saberes originários e comunitários nas soluções de preservação e adaptação climática<sup>139</sup>, compreendendo esses saberes como tecnologias sociais, ao mesmo tempo que protegem as comunidades que as transmitem.** Por exemplo, Myanmar e Tailândia realizaram parcerias com povos originários para desenvolverem modelos sustentáveis, como o *Mae Chaem Model*<sup>140</sup> de preservação florestal, e manterem “santuários” de biodiversidade, atuando como freios naturais às mudanças climáticas ao mesmo tempo que preservam elementos naturais de grande importância cultural. Para ampliar a fruição da cultura, o Vietnã desenvolve comunidades rurais sustentáveis, erguidas sob o conceito de *arquitetura da felicidade*. Nesses espaços, os materiais são reutilizáveis e trabalhados pela própria comunidade e as zonas comunitárias são amplas e orientadas pelas demandas de cultura e lazer da população. A Indonésia também tem incorporado elementos culturais no processo de transferência de sua capital da cidade de Jacarta, exposta ao aumento do nível do mar, para Nusantara. A premissa dos grupos envolvidos nessa complexa transição é de que esta cidade seja um reflexo sociocultural das tradições da Indonésia, bem como seja um marco como cidade-sustentável, por meio da preservação da natureza, da celebração da diversidade e da promoção do bem-viver.

<sup>136</sup> Smith, J.; Tyszczyk, R.; Butler, R. Culture and climate change: Narratives, 2014. Disponível em: <https://oro.open.ac.uk/42589/1/NARRATIVES.pdf>

<sup>137</sup> Tyszczyk, R.; Smith, J. Culture and climate change scenarios: the role and potential of the arts and humanities in responding to the ‘1.5 degrees target’, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877343517301057>

<sup>138</sup> Frank, M. Como reconhecer e remunerar o conhecimento tradicional por trás de produtos e pesquisas?, 2024. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2024/02/como-reconhecer-e-remunerar-o-conhecimento-tradicional-por-tras-de-produtos-e-pesquisas/>

<sup>139</sup> Southeast Asian Cultural Heritage Alliance. Cultural Wisdom for Climate Action Learning from Southeast Asia, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rY3LZDi8fLYECBorZZhyAWQ3d3-kNvSi/view?ts=65251467>

<sup>140</sup> University of York; Chiang Mai University. The Mae Chaem Model: A new blueprint for sustainable rural development in northern Thailand?, 2019. Disponível em: <https://www.york.ac.uk/media/yes/yesinew2018/sustainablefood/The%20Mae%20Chaem%20Model-%20A%20new%20blueprint%20for%20sustainable%20rural%20development%20in%20northern%20Thailand.pdf>

# REFLORESTAR MENTES PARA NOVAS POSTURAS ECOLÓGICAS.

Por Naine Terena

Um grande ponto de discussão acerca das ações para a contenção das mudanças climáticas surge em torno das ações governamentais para esse tema. É necessário que essas ações não sejam apenas mediadoras das atividades consideradas predatórias, mas que sejam pensadas para se aplicar efetivamente em diferentes camadas de atuação, desde o controle das indústrias-tecnologias que avançam na vegetação brasileira até a manutenção das nossas subjetividades, das relações sociais que têm cada vez mais sido dominadas pela economia do acúmulo de riquezas liderada por uma pequena parcela de pessoas, o que estimula inúmeros adoecimentos na população mais fragilizada pelo impacto das mudanças climáticas. Mudança climática é também mudança sociocultural e de saúde física e mental.

A economia do acúmulo de riquezas advém das relações de consumo excludente, onde a exploração de recursos naturais, relacionada à exploração e exclusão humana, desumaniza as noções culturais de coletividade e subjetividades. Nesse sentido, o movimento indígena brasileiro tem insistido em 'reflorestar mentes' a fim de que os povos indígenas sejam escutados a partir de seus saberes e tecnologias e possam incorporá-los em prol do bem viver coletivo e individual.

Da parte do Estado brasileiro, é preciso urgentemente realizar a escuta ativa para a implementação de políticas culturais que realmente atendam as demandas dos povos indígenas, garantindo a participação e controle social e a segurança cultural-física-territorial. Tal ação é um caminho para que se evite o 'fatiamento' dos saberes e modo de vida dos povos, em especial daqueles que vivem nos aldeamentos (rurais e urbanos) e aplicam no cotidiano o zelo das ações coletivas, comunitaristas e princípios cosmológicos baseados no equilíbrio homem-natureza [ainda que afetados

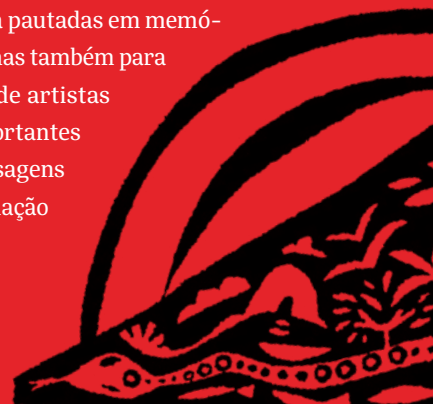


**Naine Terena** é doutora em educação e mulher do povo Terena, é pesquisadora, professora universitária, curadora e artista educadora e fundadora do Oráculo comunicação. Foi diretora de Educação e formação artística no Ministério da Cultura e atualmente coordena o Projeto de Pesquisa Museu-lab de Arte, Ciência e Tecnologia.

pelas relações de consumo, incorporadas a partir dos atravessamentos do modo de vida dos não indígenas].

Nesta caminhada de pesquisa-ação no campo das artes indígenas, mercado e estética no contemporâneo, tenho me deparado com muitos modos de se fazer arte indígena, quase sempre atrelados ao caráter comunitarista, muito comum entre os povos indígenas. Dos muitos exemplos que tenho observado, está o coletivo indígena Mahku, com artistas Huni Kui do Acre, o Coletivo Kokir, atrelado a povos do sul do Brasil, em especial os Kaingang, e também o Centro de referência Afro-indígena no Rio Grande do sul. O que esses coletivos/redes trazem em comum é o pensamento cosmológico indígena sobre o bem viver, pautado no equilíbrio entre todos os mundos e entes que os habitam. As manifestações estéticas desses movimentos são maneiras de dialogar entre si e também com os não indígenas. Eles praticam ações político-comunitárias capazes de atender às demandas coletivas de sobrevivência física e cultural, seja em áreas rurais ou nas cidades. É a arte-cultura como mobilizadora de cotidianos.

Essa menção é feita como um breve exemplo de maneiras de se relacionar arte, conhecimento indígena e organização social, a fim de colaborar para a co-criação de possibilidades de cidades, bairros, comunidades fortes, com relações de vizinhança pautadas em memórias de paisagens em comum, mas também para apontar o quanto a presença de artistas e de fazeres culturais são importantes para a manutenção dessas paisagens coletivas e vividas entre a população de maneira geral.



**A incorporação da perspectiva de Bem Viver, oriunda dos povos originários, nas legislações de países como Equador e Bolívia demonstra uma alternativa ecocêntrica de governança**<sup>141</sup>. A Constituição Equatoriana de 2008 contempla o bem viver não apenas como direito, mas como princípio e alternativa à ideia ocidental de desenvolvimento<sup>142</sup>. Assim, a ideia de uma convivência harmoniosa entre todas as formas de vida se converte na afirmação do direito a uma vida digna para todos os seres, inclusive a natureza ela própria, rompendo com uma noção mais individualista de prosperidade<sup>143</sup>. A Constituição é operacionalizada por meio de Planos Nacionais para o Bem Viver<sup>144</sup>. Na Bolívia, com a instituição do Estado Plurinacional em 2009, foi assegurada a Autonomia Indígena em locais como o município de Charagua, que se tornou Autonomia Guarani Charagua Iyambae em 2017<sup>145</sup>. Com a transição, o povo Guarani passa a institucionalizar suas estruturas e instâncias de decisão, orientadas por uma democracia comunitária do Bem Viver, que garante a salvaguarda do território e do meio ambiente<sup>146</sup>.

**O conhecimento tradicional fortalece a resiliência ao fornecer tecnologias e soluções que foram testadas ao longo do tempo, enfatizando a baixa emissão de carbono e adotando abordagens circulares e regenerativas em todos os setores, abrangendo desde o ambiente construído até o natural, incluindo agricultura, energia e preservação de habitats e comunidades.**

CHAMADA GLOBAL PARA COLOCAR O PATRIMÔNIO CULTURAL, AS ARTES E OS SETORES CRIATIVOS NO CORAÇÃO DA AÇÃO CLIMÁTICA, 2023<sup>147</sup>

**A valorização dos recursos comunitários, que constituem a identidade cultural de cada território, também é fomentada por meio de técnicas de Arquitetura Vernacular**<sup>148</sup>. Esse método busca uma alternativa culturalmente e ambientalmente sustentável à indústria da construção civil, responsável por cerca de 40% das emissões de gás carbônico globais e por promover um consumo de mais de dois bilhões de galões de água por ano<sup>149</sup>. A Arquitetura Vernacular é orientada: a) pela efetividade frente às condições climáticas locais e pela adaptabilidade; b) a responder às necessidades da comunidade; c) a ser um reflexo cultural do território no qual será utilizada; e d) pela utilização de materiais e técnicas locais.

**Os saberes da periferia de grandes cidades também precisam ser alavancados, movimento impulsionado por meio da mobilização da sociedade civil.** A Coalizão COP das Baixadas<sup>150</sup>, por exemplo, vem pautando

- <sup>141</sup> Osório, V. O Bem Viver a partir de suas institucionalizações, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/38926>
- <sup>142</sup> Da Cruz, M. O Constitucionalismo Pluralista do Bem Viver: a reação latino-americana ao paradoxo do desenvolvimento, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15983>
- <sup>143</sup> Rodrigues, S.; Rodrigues, E. O direito socio-ambiental ao bem viver no contexto do constitucionalismo latino-americano: caminhos para o redimensionamento da ideia de dignidade e para a proteção da vida em geral, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/juris/article/view/6338>
- <sup>144</sup> Silva, F. COMUNALISMO NAS REFUNDAÇÕES ANDINAS DO SÉCULO XXI O sumak kawsay/suma qamaña, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wxKbGBzXkbLLFfnBxC4HSz/#>
- <sup>145</sup> Pereira, P. Autonomia Indígena no Estado Plurinacional Boliviano: o caso de Charagua Iyambae, 2022. Disponível em: [https://www.conferenciadlaco.org/programa/resumen\\_ponencia.php?&ponencia=Conf-1-3784-33941&d=&h=&ca=&sede=9](https://www.conferenciadlaco.org/programa/resumen_ponencia.php?&ponencia=Conf-1-3784-33941&d=&h=&ca=&sede=9)
- <sup>146</sup> Tamburini, L. Governança indígena e conservação dos bens comuns na Bolívia, 2023. Disponível em: <https://debatesindigenas.org/pt/2023/09/01/governanca-indigena-e-conservacao-dos-bens-comuns-na-bolivia/>
- <sup>147</sup> Chamada Global para colocar o Patrimônio Cultural, as Artes e os Setores Criativos no coração da Ação Climática, 2023. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/654ad18fd2a1f930372f9016/1699402127329/JWD\\_Portugu%C3%AAs.pdf](https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/654ad18fd2a1f930372f9016/1699402127329/JWD_Portugu%C3%AAs.pdf)
- <sup>148</sup> Southeast Asian Cultural Heritage Alliance. Cultural Wisdom for Climate Action Learning from Southeast Asia, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rY3LZDi8fLYECoBorZZhyAWQ3d3-kNVSi/view?ts=65251467>
- <sup>149</sup> Architecture 2030. WHY THE BUILT ENVIRONMENT?, 2017. Disponível em: <https://www.architecture2030.org/why-the-built-environment/>
- <sup>150</sup> Brandão, R. Criador do Gueto HUB, Jean Ferreira alia cultura à Justiça Climática no Pará, 2023. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/06/criador-da-cop-das-baixas-jean-ferreira-alia-cultura-a-justica-climatica-no-para/>



**151** Mazurana, J. Dias, E.; Laureano, L.C. Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, 2016. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Livro-povos-e-comunidades-tradicionais-do-pampa.pdf>

a integração de saberes ancestrais no debate de justiça climática, integrando as periferias do Norte do Brasil. Já foram realizadas duas edições independentes do encontro, mobilizadas por coletivos amazônicos. Embora produzam movimentos nos territórios, tais debates dificilmente chegam à gestão pública. No nível da política institucional, apesar da existência do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil, que engloba, entre outros, os povos indígenas, quilombolas, de terreiro e ciganos<sup>151</sup>, não há uma vinculação explícita das recomendações às políticas de cultura e clima.

## PONTOS E PONTÕES DE CULTURA <sup>152</sup>

Instituídos a partir da Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), consistindo na política de base comunitária do Sistema Nacional de Cultura (SNC), os Pontos e Pontões de Cultura constituem os principais mecanismos para o reconhecimento, fomento e articulação de iniciativas culturais já desenvolvidas por comunidades, grupos e redes de colaboração. Os Pontos de Cultura são organizações da sociedade civil ou coletivos que desenvolvem e articulam atividades culturais em suas comunidades, enquanto os Pontões são entidades que atuam na articulação dessas iniciativas a partir de redes territoriais, identitárias e temáticas.

No contexto dos 20 anos do Cultura Viva e 10 anos da instituição formal de sua Política, em abril de 2024, foi batida a marca dos 5 mil Pontos de Cultura na Plataforma da Rede Cultura Viva, reconhecendo iniciativas de todas as regiões do país e com foco na expansão da rede a partir das culturas populares, tradicionais, de matriz africana, indígenas e também do Hip-Hop.

Com a retomada da PNCV, além de passar a contar com investimentos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), foi lançado em, 2023, o Edital de Fomento aos Pontões de Cultura, selecionando 42 novos Pontões, sendo 27 de atuação territorial e 15 de atuação temática, incluindo redes voltadas a culturas indígenas, comunidades tradicionais de matriz africana e cultura alimentar. O Edital ainda indica, dentre os objetivos do Pontão de Culturas Indígenas, a promoção de uma cultura de sustentabilidade, envolvendo, por exemplo estratégias de sensibilização ao tema da emergência climática.

**152** AgênciaGov. Brasil alcança a marca de 5 mil Pontos de Cultura, 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202404/brasil-alcanca-a-marca-de-5-mil-pontos-de-cultura-1>



Detalhe da mão de um ribeirinho confeccionado artesanato em uma comunidade no rio Negro, próximo a Manaus, Amazonas. © Bruno Kelly

**Mulheres, meninas e pessoas negras também são especialmente atingidas em contextos de desastres no exercício do seu direito à cultura, devido a diversas barreiras sociais, econômicas e estruturais que se intensificam em momentos de crise<sup>153</sup>.** A perda de infraestrutura cultural, como bibliotecas, centros comunitários e espaços de arte, impacta diretamente o acesso a recursos culturais e educacionais, fato agravado pela discriminação e pelos estereótipos de gênero que dificultam o reconhecimento e a valorização de suas contribuições culturais. O racismo ambiental também desempenha um papel fundamental na marginalização das pessoas negras, negando-lhes o acesso pleno à cidade, limitando os recursos essenciais para o exercício de sua cidadania e do usufruto da cultura<sup>154</sup>. Portanto, é crucial adotar uma abordagem sensível ao gênero e antirracista na gestão de desastres e na reconstrução cultural para assegurar que todos os membros da sociedade possam plenamente exercer seu direito à cultura, mesmo em situações adversas.

<sup>153</sup> United Nations. Report of the Special Rapporteur in the field of cultural rights, Karima Bennoune, 2020. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/831612?v=pdf>

<sup>154</sup> MALOCA. Racismo Ambiental: onde está nkisi?, 2021. Disponível em: <https://divulga.unila.edu.br/maloca/wp-content/uploads/sites/28/2024/03/CADERNO-MALOCA-3-1.pdf>

# JUSTIÇA CLIMÁTICA E DIREITOS DAS MULHERES NA CADEIA DA MODA

Por Eloisa Artuso



**Eloisa Artuso** trabalha com pesquisa, projetos, estratégias e educação com foco em justiça climática e direitos das mulheres na indústria da moda. É cofundadora do Instituto Febre, onde atua como diretora executiva. É também palestrante, professora de design sustentável e colunista da Carta Capital e do Design Ativista/Mídia Ninja.

A nossa cultura de consumo está, sem dúvida, consumindo o planeta. A indústria da moda, que é altamente criticada por seus excessos, abusos de direitos humanos e esgotamento ambiental, luta para dar respostas às suas contribuições para a tripla crise planetária: mudanças climáticas, perda da biodiversidade e poluição. A cada ano, o setor emite de 2-8% dos gases de efeito de estufa do mundo, mas ainda assim não é incluído, com sua devida responsabilidade, em uma agenda para a mitigação e adaptação de seus impactos.

Sabemos que a crise climática não é justa, portanto, é preciso reconhecer que gênero está intimamente ligado ao clima. As mulheres têm sido as mais afetadas e as trabalhadoras da indústria da moda, por sua vez, estarão cada vez mais suscetíveis a impactos do clima. Mulheres enfrentam fenômenos como a insegurança alimentar, em combinação com outros fatores, e têm meios limitados para se adaptar a estes desafios. Compreender a crise climática sob uma perspectiva não só de gênero, mas também sociocultural nos ajuda a entender as vulnerabilidades específicas e traçar estratégias que possam alcançar as mulheres ao longo da indústria da moda.

Da produção de fibras à imensa quantidade de resíduos têxteis produzidos no mundo, a indústria se mostra um sistema que produz excessivamente para atender estimativas de crescimento e lucro que não

cabem em um planeta de recursos finitos. O problema está no modelo de negócio, que é antiecológico. Para lidarmos de forma justa com a crise do clima, é importante que haja uma revisão e propostas de matrizes socioeconômicas alternativas que sejam capazes de fortalecer a capacidade de desenvolvimento local sustentável e preservar biomas e culturas dentro do sistema da moda.

Estudos que olham para alternativas ao sistema produtivo hegemônico da moda apontam para o papel e o espaço ocupado pelas mulheres em suas comunidades como um importante passo, se quisermos falar de produção justa com comércio de matérias-primas e produtos que garantam segurança alimentar, manutenção dos biomas locais e equidade. Maior igualdade econômica, de gênero e racial na indústria da moda é vital para lidarmos com a crise do clima. Podemos aprender muito com saberes e práticas que demonstram a riqueza cultural, a diversidade de habilidades, as relações estabelecidas com a natureza local, que podem envolver desde a produção familiar de algodão agroecológico ou da borracha natural, que vêm regenerando territórios e mantendo as florestas em pé, passando pela produção de rendas e diversos trabalhos manuais que encontram na oralidade a preservação de suas tradições, passadas de geração em geração.



**O uso de plataformas digitais para propiciar a participação social e a formação de redes e comunidades ainda é relativamente incipiente, mas pode ser uma alternativa viável para promover a escuta de vozes diversas.** A Plataformas, por exemplo, propõe facilitar a organização de assembleias, conferências e processos visando ao ativismo ambiental, além de tecer uma rede maleável de organizações. Outras iniciativas, como os laboratórios de inovação cidadã - a exemplo do Lab ProComum -, buscam fornecer mecanismos para o impulsionamento de organizações e iniciativas sociais, por meio da colaboração, partilha de conhecimentos e a experimentação. Espaços como esses, além de serem catalisadores por si só, ajudam na construção de um ambiente cada vez mais dinâmico e aberto à auto-organização para a adaptação e conscientização às mudanças climáticas.

**A Climate Heritage Network<sup>155</sup> destaca que todos e todas podem realizar ações de comunicação, incidência política e defesa do patrimônio cultural.** Para tanto, a organização desenvolveu um guia que oferece dicas de como dialogar com diferentes públicos, bem como termos-chave que chamam mais a atenção de determinados grupos. Ao dialogar com tomadores(as) de decisão em políticas públicas, o guia indica que o foco pode ser em temas como os benefícios da emissão zero de gás carbônico e da reconstrução resiliente após desastres, sempre amparados por dados empíricos. Já para os membros da comunidade, os destaques são o fortalecimento do direito à cultura, o resgate de saberes comunitários e o conhecimento sobre economia circular. O guia também indica sete etapas de um ciclo de ação:

<sup>155</sup> Climate Heritage Network. Communicating Climate Action, 2024. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af57642a28983f252907f2/1672435559478/Communicating-Climate-Action-Advocacy-Guide\\_final\\_1.pdf](https://static1.squarespace.com/static/62fbf293c4912c5514ac3b2a/t/63af57642a28983f252907f2/1672435559478/Communicating-Climate-Action-Advocacy-Guide_final_1.pdf)

<p><b>ETAPA 1</b> <b>Identifique e analise o problema</b></p>	<p><b>ETAPA 2</b> <b>Defina seu objetivo</b></p>	<p><b>ETAPA 3</b> <b>Identifique o público e os tomadores de decisão</b></p>	<p><b>ETAPA 4</b> <b>Defina sua mensagem principal e suas demandas</b></p>
<p>Qual problema você deseja resolver?</p>	<p>O que você quer alcançar?</p>	<p>Quem você quer influenciar?</p>	<p>Qual é o foco da sua incidência?  Que ação você deseja que seu público execute após a conversa?</p>
<p><b>ETAPA 5</b> <b>Defina seu cronograma</b></p>	<p><b>ETAPA 6</b> <b>Avalie recursos, escolha táticas e implemente</b></p>		<p><b>ETAPA 7</b> <b>Monitore, avalie e compartilhe</b></p>
<p>Quando você deve fazer isso?  Existem datas, eventos ou oportunidades de envolvimento importantes a serem considerados?</p>	<p>Como você vai fazer isso?  Que informações você precisa coletar para construir um argumento de defesa de direitos bem-sucedido?</p>		<p>Como você medirá o sucesso?</p>

**Em termos de indicadores de avaliação de processo e resultado das ações de incidência, são destacados:** a) aumento do diálogo social entre atores-chave sobre o tema (criação de espaços de diálogo, conselhos, comissões, redes); b) ampliação da cobertura midiática sobre o tema; c) conscientização e mudanças de opinião de lideranças políticas ou cidadãos; d) ampliação de conhecimentos e habilidades sobre o tema, contextualizando os impactos do clima na localidade onde o indivíduo vive e como é possível prever soluções coletivas para o problema; e e) convites para novas oportunidades de incidência política. Assim, quanto maior o empenho em ampliar a participação social e monitorar suas repercussões, mais chances de diversificar a tomada de decisão política na integração das agendas de cultura e clima.

**Fomentar o diálogo entre as agendas de cultura e clima com uma lente de equidade é fundamental para garantir um desenvolvimento sustentável e inclusivo.** Ao incorporar a equidade nessas agendas, asseguramos que todas as vozes e perspectivas, especialmente das comunidades mais vulneráveis e marginalizadas, sejam consideradas e respeitadas. Isso promove justiça social, reduz desigualdades e assegura que os benefícios das políticas culturais e ambientais sejam distribuídos de maneira justa. Além disso, uma abordagem equitativa fortalece a resiliência das comunidades, capacitando-as a enfrentar os desafios climáticos e culturais de maneira mais eficaz e colaborativa.

**Observamos avanços significativos na narrativa e nos consensos relacionados à integração das agendas de cultura e clima.** Discursos de gestores(as) e de representantes da sociedade civil têm cada vez mais reconhecido a importância de considerar fatores culturais e climáticos de maneira integrada e justa. No entanto, apesar desse progresso no nível retórico, ainda enfrentamos uma carência de ações concretas e de institucionalização política que realmente promovam a transformação necessária. A implementação efetiva dessas agendas exige mais do que palavras; requer compromissos políticos firmes, financiamento estratégico direcionado tanto para o nível governamental quanto comunitário e estruturas institucionais robustas que possam transformar a retórica em realidade. Sem essas ações tangíveis, a integração plena das agendas de cultura e clima com uma lente de equidade continuará ocorrendo de forma pontual, sem alcançar o potencial benefício sistêmico.

► Pescador é visto em sua canoa enquanto manuseia tarrafa durante fim de tarde no rio Tumbira, afluente do rio Negro em Iranduba, Amazonas © Bruno Kelly

# RECOMENDAÇÕES

Durante a sessão de aprimoramento sobre esta pesquisa, realizada em agosto de 2024 com a presença de diversos atores-chave da interface cultura e clima, algumas recomendações foram destacadas:



**Intercâmbio entre a territorialidade da cultura e a territorialidade da ação climática, por meio do reconhecimento dos biomas:** Experiências e conhecimentos culturais específicos de cada território são mais familiares às políticas culturais e podem ser direcionadas também para a construção de políticas climáticas adequadas a cada lugar. Para que isso aconteça, órgãos como o IPHAN, o IBRAM e a Fundação Palmares podem auxiliar na documentação, transmissão e sistematização de saberes em tecnologias, de modo a evitar exposição e pressão excessiva das comunidades locais. Gestores e sociedade civil podem desenhar suas ações e políticas de ação climática baseada na cultura partir das especificidades dos biomas brasileiros (Amazônia – sem negligenciar a

“urbe amazônica”, parte urbana da Amazônia, onde os saberes tradicionais também estão presentes –, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal), considerando que o clima impacta de formas distintas as diferentes manifestações ambientais no território.

**Construção de uma agenda de adaptação climática que seja também uma agenda de cultura, com desenho e acompanhamento de metas compartilhadas:** Os setores culturais podem ser incluídos nas agendas nacional e internacional de adaptação climática por meio de dois principais pontos: 1. Incorporação de perspectivas culturais e equipamentos de cultura à gestão de desastres e prevenção de eventos climáticos extremos; e 2. Salvaguarda dos trabalhadores da cultura. Atores sociais, sociedade

civil e profissionais da cultura podem ser melhor orientados para a ação climática a partir de metas claras e tangíveis para o direcionamento de seus esforços. Com essas metas, podem ser desenvolvidos mecanismos de monitoramento e avaliação.

**Estabelecimento de equipamentos culturais e pontos de cultura como espaços de acolhimento:** Ambientes como museus, bibliotecas, centros culturais e demais espaços dedicados à cultura podem ser equipados e preparados para tornarem-se pontos de apoio e acolhimento durante a emergência climática. Esse caráter pode se traduzir na capacidade desses espaços e de suas atividades de serem produtores e/ou transmissores de conhecimento e ações educativas sobre ação climática, ou mesmo operan-



do como espaços de acolhimento a populações vulnerabilizadas, uma vez que tendem a ser ambientes mais convidativos que aqueles comumente utilizados como abrigos.

### **Intersecção entre o financiamento cultural e climático:**

É importante que os financiamentos e editais direcionados à cultura levem em conta a ação climática para seleção de beneficiados, e vice-versa. Recomenda-se a criação de um fundo específico para mobilização de ações que envolvam a intersecção de arte-cultura-meio ambiente-educação-saúde. No campo da cultura, os financiadores podem considerar medidas como redução de emissões de carbono, ações de combate ao racismo ambiental e outras práticas de compromisso socioambientais. No campo do clima, os programas e editais podem ser orientados e colocarem como protagonistas as próprias comunidades locais e tradicionais que articulam questões de cultura e clima em seu território e cotidiano, para além dos financiamentos já direcionados aos povos indígenas.

### **Formação e capacitação de líderes comunitários e gestores culturais:**

Líderes comunitários e agentes culturais podem ser atores com grande capacidade de mobilização e incidência em seus territórios. É importante garantir que esses atores tenham ferramentas de comunicação e recursos de conhecimento sobre a emergência climática para que possam apoiar o desenvolvimento de ações de adaptação cli-

mática baseadas no território e nas pessoas. Esses atores podem ser compreendidos como uma rede que tem a cultura como pilar de enfrentamento, capaz de transmitir conhecimento, construir respostas táticas e fomentar novos agentes e lideranças. Da mesma forma, gestores culturais comunitários podem ser formados para integrar conhecimentos tradicionais, científicos e técnicos. Dessa forma, reduz-se a dependência de aparatos exógenos aos conhecimentos e redes locais para o desenvolvimento de soluções, propiciando arranjos mais horizontais de seleção, articulação e financiamento desses projetos.

### **Promoção de uma diversidade de vozes a partir da articulação de atores da sociedade civil que representam grupos historicamente vulnerabilizados:**

Para tanto, pode ser útil mapear iniciativas locais de participação das periferias e facilitar que as demandas sejam

incorporadas nas recomendações políticas nacionais sobre o tema. Também se recomenda acionar instituições que trabalham com Povos e Comunidades Tradicionais, como indígenas, ribeirinhos e quilombolas, mesmo fora do circuito das ações culturais, pensando a conexão e a acessibilidade desses grupos aos momentos de debate e tomada de decisão, a exemplo do [Conexão Povos da Floresta](#). Plataformas para a participação social, como a [Plantaformas](#), podem apoiar a organização local e a incidência em políticas públicas e eventos como G20 e COP30. Por fim, faz-se necessário estabelecer programas específicos que fomentem a democracia criativa entre jovens indígenas, quilombolas e mulheres, com a finalidade de fortalecer suas existências e aprendizados, ao mesmo tempo em que se oferece apoio e respaldo para a garantia de um bem viver.

**Diante da urgência da crise climática e do potencial da cultura de cultivar saberes locais, criar soluções contextualizadas e promover sensibilização para a tomada de ação, é imperativo que governos, organizações da sociedade civil, empresas e a academia unam esforços para integrar essas agendas.** A falta de financiamento para iniciativas que promovam essa sinergia é um obstáculo que não pode mais ser ignorado, e há diversos caminhos possíveis para adotar medidas que protejam o clima e preservem as culturas locais. Neste documento, são listadas oportunidades para ação concreta, bem como a necessidade de adotarmos uma lente de equidade para enfrentar os efeitos das injustiças ambientais. Como país, o Brasil está posicionado estrategicamente para alavancar este debate e promover exemplos que inspirem iniciativas globais. O futuro depende da nossa capacidade de reconhecer o valor dessas conexões e investir na construção de um mundo mais criativo, sustentável e justo.

# ENTREVISTA COM MÁRCIO TAVARES, SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL



**Márcio Tavares** é Secretário Executivo do Ministério da Cultura do Brasil, doutor em Arte e mestre em História. Historiador, curador de arte e gestor cultural, tem trajetória acadêmica e profissional voltada à pesquisa da arte na América Latina, à materialização da memória, ao audiovisual, à museologia e às políticas culturais.

**Entrevista concedida em 10/10/2024 ao C de Cultura e Outra Onda Conteúdo para compor o presente relatório.**

## **I. Como as formas de expressão cultural podem promover a conscientização, apoiar na comunicação dos riscos e propor soluções relacionadas à crise climática?**

Evidentemente, a diversidade de expressões culturais no Brasil têm muito a contribuir não apenas para a conscientização a respeito da agenda climática, mas também com saberes e fazeres que propõem uma transformação da relação entre o ser humano e a natureza. Por um lado, temos as linguagens artísticas, como as artes visuais, o cinema e a música, que possuem um potencial gigantesco de contribuir ativamente para a conscientização sobre a preservação do meio ambiente e o engajamento da sociedade na superação da emergência climática.

Por outro lado, temos as comunidades tradicionais, os povos originários e quilombolas, que promovem outras formas de vida, baseadas na preservação da natureza. O próprio conceito de “bem viver”, difundido sobretudo por comunidades indígenas, aponta uma outra visão de desenvolvimento que não está calcada na exploração dos bens naturais, das florestas, das águas ou na poluição. Parafraseando Ailton Krenak, acredito que esses povos já nos ensinam a buscar formas de “adiar o fim do mundo”, mas também nos ensinam a enxergar um outro mundo possível.





## 2. Na sua visão, quais são os pontos de convergência e divergência entre as agendas políticas e sociais de Cultura e Clima? E quais são as potencialidades e barreiras para a conciliação dessas duas agendas?

Quando abordamos uma agenda mais ampla, que envolve diversas organizações e ministérios, destacamos, em especial, a contribuição que a cultura pode oferecer na dimensão da prevenção das crises climáticas, ao promover outras formas de pensar e se relacionar com o planeta. No entanto, essa pauta é geralmente subjugada pelas urgências dos eventos climáticos extremos — como queimadas, enchentes, tufões, entre outros — que exigem resposta imediata dos órgãos governamentais. Assim, temos direcionado nossa atuação cada vez mais para a articulação com diferentes setores, para ampliar também o debate sobre a contribuição das diversidades culturais presentes no Brasil para as políticas de desenvolvimento, visando à superação das desigualdades e à preservação do meio ambiente.

No âmbito da cultura, é necessário assumir um maior protagonismo, fomentando essa discussão em diversos fóruns e espaços. É exatamente isso que temos feito no Ministério, seja por meio da participação na COP, com o Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura<sup>1</sup>, seja propondo a inclusão da agenda cultural e climática no G20. Assim, ao estruturar mesas de discussão em que diversos agentes possam se reunir para tratar do papel da cultura na prevenção, resiliência e superação de eventos climáticos extremos, esperamos construir uma governança nacional e global muito mais efetiva no enfrentamento da atual emergência climática.

## 3. Quando a gente fala de desenvolvimento social, a cultura como desenvolvimento social, é realmente importante ressaltar que os mecanismos de fomento à cultura tratam exatamente isso. De que forma os atuais mecanismos e políticas culturais podem contribuir para o enfrentamento dos efeitos das mudanças climáticas?

Não tenho dúvidas de que as políticas culturais desempenham um papel crucial na discussão sobre a emergência climática. Sem uma política ativa de fomento, comunidades tradicionais, povos originários e quilombolas não têm garantia de alcançar a sustentabilidade, que deve vir por meio de suas próprias expressões e manifestações culturais, e não de atividades predatórias como o garimpo, a exploração das florestas e a poluição das águas. Caso contrário, suas cosmologias correm o risco de serem engolidas pela lógica neoliberal que tem silenciado outras visões e possibilidades de desenvolvimento humano nas últimas décadas.

1. COP28: Ministra da Cultura lança Coalizão Internacional para promover ação climática baseada na cultura. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/centrais-de-conteudo/sala-de-imprensa/avisos-de-pauta/cop28-ministra-da-cultura-lanca-coalizao-internacional-para-promover-acao-climatica-baseada-na-cultura>



Além disso, as políticas também oferecem uma oportunidade concreta de assegurar que a sociedade como um todo possa usufruir dos bens culturais produzidos e, assim, se engajar em temas relacionados à conscientização sobre a emergência climática. Com um financiamento contínuo, temos uma capacidade exponencial de garantir essa realidade em todos os territórios do Brasil.

Em uma terceira perspectiva, temos discutido a criação de protocolos que devem influenciar o desenho, a execução das políticas e o desenvolvimento da economia criativa, com foco na sustentabilidade. Estamos falando de mais de 15 bilhões de reais em fomento direto ou indireto à cultura, gerando desenvolvimento, circuitos econômicos e cadeias produtivas que precisam ser estruturadas com base nesses princípios. As diretrizes da nova etapa da Política Nacional de Economia Criativa<sup>2</sup>, que serão implementadas a partir do próximo ano, buscam promover resiliência para que as comunidades tradicionais tenham condições de sobreviver e se desenvolver, irradiando seu modo de vida, suas manifestações e linguagens artísticas, com produção, fomento, distribuição e circulação adequados.

#### **4. Em relação a esses protocolos, há desdobramentos para contrapartidas ambientais, para reduzir o impacto ambiental e ter mais projetos focados neste tema? Que protocolos estão em desenvolvimento?**

Vamos precisar desenvolver protocolos para o que chamamos de fomento direto e indireto. É essencial garantir que os projetos culturais se tornem cada vez mais sustentáveis, reduzindo o uso de plástico e outros materiais poluentes, especialmente em grandes eventos. Por isso, é fundamental estabelecer protocolos claros para essas iniciativas. No Ministério, já há uma discussão em curso dentro dessa reformulação do fomento e também da construção da política nacional de desenvolvimento da economia criativa, com o objetivo de criar protocolos que assegurem que o rápido crescimento das iniciativas culturais seja acompanhado de uma preocupação ativa e consciente sobre a necessidade de enfrentar a emergência climática global.

#### **5. Que caminhos você considera prioritários para que a gente avance na institucionalização, do ponto de vista do Ministério da Cultura, dos sistemas de conhecimento de povos e comunidades tradicionais?**

No escopo do Sistema Nacional de Cultura<sup>3</sup>, que está sendo regulamentado agora, estamos desenvolvendo um conjunto de sistemas e planos setoriais,



2. Brasil Criativo. MinC lança diretrizes da Política Nacional de Economia Criativa. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minc-lanca-diretrizes-da-politica-nacional-de-economia-criativa-nova-secretaria-tambem-e-anunciada>

3. Portal do Sistema Nacional de Cultura: <http://portalsnc.cultura.gov.br/>

como o Plano Nacional de Cultura, a ser enviado para o Congresso no ano que vem, em que uma das dimensões centrais é a da sustentabilidade. Nesse sentido, estamos desenvolvendo também a Política Nacional e o Plano Nacional para as Culturas Populares e Tradicionais<sup>4</sup>, que busca dar não apenas visibilidade, mas também organizar essas políticas.

Hoje, temos no contexto do governo federal, políticas e estruturas específicas para as comunidades tradicionais, quilombolas e povos originários. Quando discutimos, por exemplo, o desenvolvimento das políticas de ações afirmativas dentro do fomento, tanto da Lei Paulo Gustavo quanto da Aldir Blanc, nós tivemos o acompanhamento do Ministério dos Povos Indígenas e do Ministério da Igualdade Racial nesses debates. Então, no ministério, estamos focando em constituir esses planos também com a participação e o compromisso de diferentes entes federados com as agendas setoriais.

Por fim, no âmbito internacional, temos defendido, desde o ano passado, na carta do G20 e, novamente este ano, no âmbito dos BRICS, da Unesco e em outros fóruns onde participamos ativamente, a criação de um Objetivo de Desenvolvimento Sustentável específico para a cultura. Uma proposta que fortalece a visibilidade dessa pauta em nível global e gera compromissos por parte dos países em garantir a criação de estruturas institucionais, com financiamento e capacidade de atuação. Dessa forma, busca-se assegurar que as cosmologias, os saberes e fazeres das comunidades tradicionais e originárias tenham lugar nas políticas públicas.

## **6. Considerando a reformulação do Sistema Nacional de Cultura, os entes subnacionais são extremamente importantes para a disseminação das políticas. Nesse sentido, na frente de Cultura e Clima, é necessária uma grande formação desses entes subnacionais, principalmente as prefeituras. Como o Ministério se prepara para desenvolver políticas e iniciativas que promovam a integração entre as agendas culturais e climáticas, focadas nesses entes subnacionais?**

O primeiro grande desafio é a formação de gestores especializados em cultura nos municípios. Precisamos cada vez mais de profissionais capacitados, pois a realidade institucional entre os municípios ainda é bastante desigual e isso se reflete na gestão da cultura. Estamos trabalhando para reduzir essas disparidades. Nosso objetivo é pactuar com os entes federados para que parte dos recursos seja investido na formação de gestores, a exemplo da Lei Aldir Blanc, que prevê 5% de seu financiamento — cerca de 150 milhões de reais do governo federal para estados e municípios — para a gestão da lei. Com um corpo de gestão bem informado e capacitado, que compreenda a lógica do sistema, do plano e suas responsabilidades, daremos um grande salto institucional para o conjunto das políticas.

4. Governo elabora Política Nacional para as Culturas Tradicionais e Populares. Disponível em: [https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minicria-grupo-de-trabalho-para-culturas-tradicionais-e-populares#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Cultura%20\(MinC,as%20Culturas%20Tradicionais%20e%20Populares.](https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minicria-grupo-de-trabalho-para-culturas-tradicionais-e-populares#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Cultura%20(MinC,as%20Culturas%20Tradicionais%20e%20Populares.)

Assim, é crucial desenvolver uma plataforma contínua de formação e capacitação para diversos temas dentro dessa agenda de Cultura e Clima, com os saberes e fazeres tradicionais, a Política Nacional de Cultura Viva<sup>5</sup>, além das políticas de patrimônio material e imaterial, também fundamentais para a agenda climática.

Recentemente, no estado do Rio Grande do Sul, tivemos um grande impacto no patrimônio material em diversos municípios. Em decorrência dessa tragédia climática, o governo federal está implementando o maior programa de moradia da história do estado. No entanto, esse processo implica o deslocamento de comunidades, o que também afeta a preservação das manifestações culturais dessas populações. Quando comunidades são transferidas para novos locais, os laços comunitários se transformam e essa mudança deve ser considerada dentro das preocupações com a agenda climática e a preservação cultural.

### **Rede para Mapeamento e Recuperação do Patrimônio Material, Acervos Museais e Arqueológicos e Arquivos no Rio Grande do Sul<sup>6</sup>**

**Um exemplo de atuação para a recuperação de bens culturais atingidos em eventos climáticos. Praticamente todas as bibliotecas, centros, museus e outros equipamentos no Rio Grande do Sul afetados estão sendo recuperados pela Defesa Civil a partir da provocação de um comitê liderado pelo Ministério da Cultura. Ou seja, isto representa um novo agenciamento político, no que podemos chamar de infraestrutura cultural e patrimônio cultural.**

► VER MAIS NO CAP.1 “INTEGRANDO AS AGENDAS DE CULTURA E CLIMA: RESUMO DE EVIDÊNCIAS”

5. O que é a Política Nacional de Cultura Viva? Disponível em: <https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/politica-nacional-de-cultura-viva/o-que-e-a-politica>
6. SOS RS. MinC propõe rede de mapeamento e recuperação do patrimônio material, acervos museais e arquivos para o Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minc-propoe-rede-de-mapeamento-e-recuperacao-do-patrimonio-material-acervos-museais-e-arquivos-para-o-rs>





## **7. Falando em G20, COP 29 e COP 30, quais são as prioridades institucionais do MinC para a agenda de mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável, considerando essas plataformas e o momento histórico que vamos vivenciar?**

O Brasil tem um biênio extremamente rico em termos de protagonismo internacional. Estamos à frente da presidência do G20, dos BRICS e sediando a COP 30, o que nos dá a oportunidade de liderar uma agenda global relevante. Desde o início da preparação para o G20, o governo federal definiu duas prioridades que os ministérios devem seguir, expressas no lema do G20: um mundo justo e um planeta sustentável. De um lado, temos a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza; de outro, instrumentos concretos para enfrentar as mudanças climáticas. Nesse contexto, aceitamos o convite do ministério dos Emirados Árabes Unidos para liderar a criação de um importante instrumento para a agenda global de cultura e clima: o Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura, hoje com mais de cinquenta países participantes.

No que diz respeito à nossa contribuição ativa, destaco as políticas de base comunitária, voltadas para garantir a sustentabilidade das comunidades tradicionais e originárias — uma agenda fundamental que o Brasil oferece ao mundo. Ademais, estamos ampliando a Política Nacional de Cultura Viva a uma escala inédita, com um investimento de 400 milhões de reais por ano, em um ciclo de cinco anos, totalizando quase 2 bilhões de reais. Paralelamente, promovemos o desenvolvimento de uma economia criativa das culturas com uma visão pautada nos princípios da sustentabilidade e atenta à emergência global, conforme delineado na Política Nacional de Economia Criativa.



## Apêndice I Metodologia

Foram realizadas buscas manuais em sites de organizações de referência como o Ministério da Cultura no Brasil, a UNESCO, a Climate Heritage Network, o Art's Council England e o ICOMOS/BRASIL. Também foi realizada uma busca no Google Scholar com os descritores “culture AND climate” de modo a identificar artigos científicos sobre o tema.

Documentos de potencial interesse foram selecionados e as referências desses documentos foram revisadas, identificando novos documentos. Pessoas especialistas também foram consultadas para indicar publicações relevantes.

Ademais, foram revisadas as reportagens do recente Editorial de Cultura e Clima do Nonada Jornalismo: <https://www.nonada.com.br/category/clima-e-cultura/>.

No total, foram incluídas 127 publicações, sendo:

**39**

reportagens

**27**

artigos  
científicos

**23**

documentos  
técnicos

**15**

notas técnicas

**12**

sites

**11**

livros

Foram, ainda, identificados e resumidos 36 conceitos para o Glossário, 38 iniciativas no mapeamento preliminar e 05 editais de financiamento.

Em agosto de 2024, foi realizada uma sessão de aprimoramento com a presença de fazedores(as) de cultura, ativistas ambientais, pesquisadores(as) e gestores(as) das pautas, de modo a identificar iniciativas e recomendações, as quais foram incorporadas a esse documento. Por fim, articulistas foram convidados(as) a escrever textos de opinião destacando tópicos para os quais havia maior lacuna de produção.







Detalhe da mão de um seringueiro é vista na árvore onde trabalha no município de Carauari, Amazonas © Bruno Kelly





## Apêndice 2

# Glossário de termos-chave

**Ação climática:** conjunto de ações de conscientização, resiliência, mitigação e adaptação para o enfrentamento às causas e efeitos das mudanças climáticas.

**Adaptação climática:** de acordo com a Plataforma AdaptaClima, é o conjunto de ajustes em sistemas naturais ou humanos em resposta a estímulos como os das mudanças climáticas, ou seus efeitos, que moderam danos ou exploram oportunidades.

**Bem viver:** conjunto de saberes e práticas, normalmente atribuídos aos povos originários, sobre vivência em harmonia com a natureza e todas as formas de vida. Apresenta-se como alternativa sustentável à ideia ocidental de desenvolvimento.

**Bioma:** recorte geográfico com características específicas em comum (como, por exemplo, clima, solo, relevo, vegetação, fauna, hidrografia, etc.). São seis os biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa.

**Capital (social, ambiental, cultural, econômico):** sinônimo de uma quantidade acumulada de poder e conhecimento a ser investida. Por exemplo, o capital social é o conjunto de relações positivas disponíveis a uma pessoa ou grupo para atingir determinados fins.

**Comunidades extrativistas:** grupo de pessoas, geralmente em um território específico, que se dedicam à extração de produtos da natureza como forma de subsistência econômica.

**Comunidades quilombolas:** comunidades tradicionais historicamente formadas por pessoas escravizadas fugitivas na época da escravidão, cujos saberes e costumes foram transmitidos às gerações seguintes. Passam por um intenso processo de resistência e busca de reconhecimento de suas práticas e territórios.

**Comunidades ribeirinhas:** grupo de pessoas que vivem às margens de rios, geralmente tendo a pesca artesanal como principal forma de subsistência.

**Comunidades tradicionais:** grupo de pessoas com um conjunto de saberes, práticas e vivências específicas, geralmente diferenciadas da cultura dominante.

**Descolonização:** processo de emancipação cultural, epistemológica, social, econômica e política dos territórios colonizados em relação às metrópoles colonizadoras.

**Desenvolvimento sustentável:** processo de transformação harmônico e integrado entre o desenvolvimento econômico, social e institucional e a preservação do meio ambiente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras em atender suas necessidades.

**Edital:** chamada pública que cria conjunto de regras para seleção de interessados para determinado fim (como, por exemplo, um concurso público ou uma chamada para financiamento de atividade cultural).

**Efeito estufa:** fenômeno natural em que determinados gases presentes na atmosfera absorvem parte da radiação emitida pela Terra, mantendo a temperatura do planeta estável. Contudo, o aumento na emissão de gases, como o dióxido de carbono e o metano, relacionados à atividade econômica desenfreada provocam um aumento acelerado da temperatura do planeta, sendo um dos principais responsáveis pela crise climática.

**Governança:** conjunto de mecanismos de liderança, estratégia e controle postos em prática para avaliar, direcionar e monitorar a gestão, com vistas à condução de políticas públicas e à prestação de serviços de interesse da sociedade.

**Greenwashing:** divulgação falsa ou exagerada das medidas que um agente adotou em relação à preservação do meio ambiente e à sustentabilidade, visando a criar uma imagem de comprometimento junto ao público.

**Justiça climática:** princípio pelo qual devem ser pautadas as ações de enfrentamento às mudanças climáticas, identificando que os efeitos da crise climática atingem de maneira desigual comunidades vulneráveis. Dessa forma, busca-se garantir equidade nessas ações.

**Migração climática:** processo forçado de deslocamento (temporário ou permanente) de pessoas de suas residências em função de eventos decorrentes das mudanças climáticas.

**Mitigação da Mudança do Clima:** de acordo com o Ministério do Meio Ambiente, é a intervenção humana para reduzir as emissões por fontes de gases de efeito estufa e fortalecer as remoções por sumidouros de carbono, tais como florestas e oceanos.

**Mudanças climáticas:** alterações de longo prazo nos padrões de temperatura e clima. Podem ser naturais ou em função da atividade humana, como o aumento da emissão de gases do efeito estufa, alterando os padrões do clima e propiciando eventos climáticos extremos.

**Patrimônio cultural:** conjunto de bens portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos que conformam uma sociedade. Esses bens podem ser de natureza material, como monumentos, conjuntos de construções, sítios arqueológicos, ou imaterial, como expressões, saberes e práticas. Geralmente, o reconhecimento de patrimônio cultural carrega consigo uma proteção jurídica maior para sua preservação e transmissão às gerações futuras. A nível global, a UNESCO é a agência da ONU responsável pela listagem e manutenção dos patrimônios culturais globais. No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) é o órgão responsável.

**Pegada de carbono:** medida da quantidade de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, permitindo quantificar o potencial de aumento na temperatura da Terra.

**Periferia:** região afastada do centro (urbano, econômico, geográfico, social, político, etc.), geralmente abrigo populações de baixa renda e mobilizando conhecimentos e práticas específicas. Que está à margem do centro.

**Povos originários:** primeiros habitantes de uma região. Geralmente utilizado para se referir às populações que viviam em um território antes do processo de colonização.

**Racismo Ambiental:** refere-se às injustiças sociais e ambientais que afetam, de maneira implacável, as etnias e populações em situação de vulnerabilidade, as quais são sistematicamente excluídas do processo de tomada de decisão.

**Resiliência climática:** capacidade de indivíduos, comunidades e sistemas ambientais de resistirem, se transformarem e se recuperarem dos efeitos das mudanças climáticas. De acordo com Plataforma AdaptaClima, resiliência é a habilidade de um sistema e suas partes componentes de antecipar, absorver, acomodar ou se recuperar dos efeitos de um evento de risco de maneira tempestiva e eficiente, garantindo a preservação, restauração ou melhoria de suas estruturas básicas e funções essenciais.

**Sociobiodiversidade:** conjunto de relações entre a diversidade biológica e a diversidade sociocultural.

**Sul Global:** grupo de países, não necessariamente situados no Sul geográfico, que sofreram processos de colonização e apresentam desigualdades em sua estrutura econômica e social, atualmente tidos como “em desenvolvimento” ou “subdesenvolvidos”.

**Território:** área delimitada por fronteiras, fixas ou fluidas, envolvendo questões políticas, históricas, econômicas e culturais específicas.





Área de desmatamento legal, substituindo floresta primária para implementação de soja em Belterra/PA, 2016 © Alex Fisberg



## Apêndice 3

# Mapeamento preliminar de iniciativas de integração de cultura e clima

O mapeamento abaixo é um esforço preliminar de documentar iniciativas identificadas na literatura revisada ou indicadas na sessão de aprimoramento. Um levantamento mais completo e atualizado está disponível na plataforma Cultura e Clima.

**Artistas pelo Clima (Nacional – Amazônia):** artistas da Amazônia unidos para denunciar crimes ambientais e incentivar o debate sobre justiça climática. Artistas do Coletivo construíram grandes murais com pixo, grafite e lambe para prestar homenagens e promover conscientização.

**Associação de Mulheres Agroextrativistas - AMA CANTÃO da Área de Proteção Ambiental - APA CANTÃO (Tocantins):** produzem alimentos, medicações tradicionais e artesanato com produtos nativos do cerrado, promovendo reflexões e práticas alinhadas com as cadeias de valor da sociobiodiversidade.

**Biblioteca de Sementes Charlotte (Internacional):** nos Estados Unidos, essa biblioteca promove ações e encontros com a comunidade local para responder às mudanças climáticas, a exemplo do programa de compartilhamento de sementes.

**Centro de Arte e Cultura de Chiang Mai (Internacional):** na Tailândia, este centro cultural promove a comunicação sobre patrimônio cultural como mecanismo de desenvolvimento sustentável por meio de encontros, exposições e oficinas.

**Coalizão da Ilha de Gullah/Geechee (Internacional):** nos Estados Unidos, a coalizão promove a articulação e empoderamento do povo Gullah/Geechee na proteção de seu território e patrimônio cultural, bem como ações de conscientização e incidência política para a agenda climática.

**Climate Heritage Network (Internacional):** Entre outras iniciativas, conduz uma chamada aos governos nacionais (Joint Work Decision on Culture and Climate Action ou Chamada Global para colocar a cultura no centro da ação climática) que governam a UNFCCC e, portanto, a política climática internacional, ao pessoal da UNFCCC e aos órgãos técnicos subsidiários da mesma organização para abordarem conjuntamente questões relacionadas à cultura, incluindo artes e patrimônio – inclusive por meio de workshops e reuniões de especialistas, trabalhando com grupos constituídos por órgãos da UNFCCC, assim como com outras organizações interessadas – a fim de fazer recomendações para consideração e adoção. A People's Palace Projects do Brasil é uma das signatárias fundadoras, junto com o ICOM (Conselho Internacional de Museus), ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), entre outros grandes agentes globais.

**Co-criação de cenários do futuro climático (Internacional):** durante a COP21, realizada em Paris em 2015, o projeto “Culture and Climate Change: Scenarios” promoveu a produção artística de “cenários” de futuro do clima, engajando participantes a elaborar soluções diversas, criativas e congruentes com valores e perspectivas culturais diversas.

**Comitê sobre Mudanças Climáticas e Patrimônio do ICOMOS-BR (Internacional):** Conduz a criação de uma Rede de Patrimônio Climático para a América Latina, com especial participação dos países fronteiriços da Amazônia Legal e do Pantanal - Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

**Conexão Povos da Floresta (Nacional - Amazônia):** maior projeto de conectividade entre povos indígenas, comunidades quilombolas e extrativistas. A proposta começou por mapear quantas comunidades existem nos nove estados amazônicos, com a identificação de 4.537 em 2022, com apenas uma dispondo de internet rápida. Entre 5% e 10% tinham algum tipo de conectividade e eram caras, intermitentes e de baixa velocidade. O projeto pretende ligar em rede, com internet banda larga, mais de 1 milhão de pessoas vivendo em 5 mil comunidades na Amazônia.

**Conferência das Partes - COP (Internacional):** órgão supremo da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC): É uma reunião internacional sobre o clima realizada anualmente pelas Nações Unidas. Os países envolvidos estão empenhados em tomar medidas delineadas num tratado internacional denominado Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC).

**Cultura e clima no Ensino Médio (Internacional):** em Portugal, estudantes do Ensino Médio participaram de dois projetos: um de diálogo e produção artística imersiva, durante um mês, para promoção de comportamentos pró-ambientais; e outro de leitura coletiva de contos curtos de ficção climática. Todos os estudantes reportaram maior aprendizado sobre mudanças climáticas, com reflexividade sobre o tema. Aqueles que se engajaram na criação artística também indicaram maior agência e processo transformativo em relação ao tema.

**Cumplicité theater - Can I Live (Internacional):** uma companhia de teatro internacional com sede em Londres, liderada pelo Diretor Artístico e cofundador Simon McBurney. A Complicité cria obras que fortalecem a interconexão humana, utilizando a cumplicité entre o performer e o público, que está no coração da experiência teatral. A Complicité trabalha em diversas formas de arte, acreditando que teatro, ópera, cinema, rádio, instalações, publicações e artes participativas podem ser espaços para o ato coletivo de imaginação. A Companhia está comprometida em responder à emergência climática e ecológica. É uma das fundadoras do Culture Declares Emergency



e co-preside um grupo de trabalho de Companhias de Teatro em Turnê do Reino Unido para compartilhar as melhores práticas sustentáveis e desenvolver o Theatre Green Book Touring Guidance.

**Eco Hip-Hop (São Paulo):** evento para debater as questões ambientais e a importância da periferia na pauta.

**Educação Climática com a Turma do Pererê (Nacional):** Considerando a educação e as escolas agentes-chaves para a ação climática, a coleção de livros protagonizada por personagens ilustrados pelo cartunista Ziraldo é voltada para crianças no ensino fundamental. Com volumes dedicados a cada um dos 9 anos do currículo, também conta com uma coleção de fascículos sobre os Rios do Brasil, abrangendo as 5 regiões do país a partir de diferentes cursos d'água. Cada volume possui uma versão para estudantes, professores e família. Os cinco principais objetivos da coleção são construir oportunidades de aprendizagem centrada no aluno, estimular transformações nos hábitos dos indivíduos, desenvolver autonomia e habilidades socioemocionais, fomentar iniciativas que promovam maior sustentabilidade e engajar a comunidade escolar no debate e reflexão sobre as mudanças climáticas.

**Espectáculo “Água redonda e comprida” (Rio Grande do Sul):** espetáculo de dança contemporânea que investiga o universo das águas a partir da perspectiva do povo Kaingang, promovendo reflexão sobre as crises hídricas no planeta.

**Exposição Pamuri Pati - Mundo de Transformação (Nacional):** Entre maio e agosto de 2024, a artista, comunicadora e ativista dos direitos indígenas Daiara Tukano realizou sua primeira mostra individual no Rio de Janeiro. Realizada no Museu de Arte do Rio (MAR), a exposição reuniu cerca de 70 obras como a instalação Maloca, que simboliza os acampamentos indígenas no Rio Negro, onde os visitantes podem entrar e ouvir histórias ou o conjunto de quatro pinturas Festa no Céu, que representa aves sagradas para o povo Tukano, que impedem que o sol queime a terra fértil. Compreendendo a importância da retomada da memória ancestral dos povos indígenas no contexto da crise climática, a artista se propõe, com o trabalho, a falar das transformações sociais que podem ser observadas pela ótica do feminino e de seu povo.

**Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA - Goiás):** Completando 25 anos em 2024, o FICA se apresenta como o primeiro festival de cinema a tratar da questão ambiental no país, além de ser um dos pioneiros em todo o mundo, sendo uma referência nacional e internacional. Realizado na cidade de Goiás, dentro do Cine Teatro São Joaquim, o evento se organiza ao redor da exibição de filmes, painéis de debate e atividades formativas, assim como shows e apresentações artísticas. O festival é parte importante do ecossistema de cinema no Estado de Goiás, fomentando profissionais

e redes, além de ter sido relevante no processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Na última edição, realizada em junho de 2024, o tema do evento foi “Tecnologia, Inovação e Mudanças Climáticas”, buscando ampliar o debate sobre o papel da tecnologia na direção de uma economia de baixo carbono, aproximando o festival dos eventos a serem desenvolvidos na COP-30, em 2025.

**Gallery Climate Coalition - GCC (Internacional):** É uma coalizão de organizações de arte ao redor do mundo, tendo como principal objetivo a redução do impacto ambiental do setor artístico. Desenvolvem e orientam boas práticas ambientais para galerias, museus, colecionadores, feiras de arte e artistas em geral, criando mecanismos de orientação e controle para toda a cadeia produtiva.

**Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura - GFCBCA, na sigla em inglês (Internacional):** Lançado na COP28, o grupo tem como meta, segundo a ministra Margareth Menezes, “mobilizar o setor cultural para promover ações que levem a sociedade a refletir sobre as mudanças climáticas e a mudar de comportamento para proteger os recursos naturais”. O grupo é formado pelos seguintes países: Emirados Árabes Unidos, Brasil (co-presidentes), Bahrein, Bulgária, Chipre, República Democrática do Congo, Egito, Alemanha, Gana, Grécia, Iraque, Itália, Jordânia, Kuwait, Líbano, Mali, Malta, Paquistão, Sérvia, Senegal, Seicheles, Espanha, Síria e Uganda.

**Gruta do Kamukuwaká - patrimônio cultural sagrado dos povos Alto-Xinguanos (Mato Grosso):** após terem seus petróglifos destruídos em uma tentativa de apagamento cultural e desapropriação das terras, os povos Piratá e Waujá lideraram uma aliança internacional de artistas e pesquisadores(as) que recriaram os petróglifos digitalmente com base na memória coletiva, construíram um centro cultural e de monitoramento territorial que vai abrigar a réplica dessa gruta, recebendo rituais e produzindo conhecimento sobre mudanças ambientais.

**Iacitá Amazônia Viva - Ponto de Cultura Alimentar (Pará):** espaço que agrega feiras agroecológicas, café da manhã, almoço e refeições baseadas na comida local. Criado a partir do projeto CATA, em 2009, que realizou um mapeamento da cultura alimentar tradicional do estado do Pará, trabalha com cultura alimentar da Amazônia e auxilia o escoamento de parceiros da reforma agrária, agricultura familiar, povos tradicionais e outras comunidades.

**Instituto Lixo Zero (Santa Catarina):** organização da sociedade civil sem fins lucrativos e pioneira na disseminação do conceito Lixo Zero no Brasil. Tem a missão de articular, mobilizar e provocar novas atitudes nas comunidades nacionais e internacionais promovendo a prática do Lixo Zero nos diversos segmentos da sociedade. Representa no Brasil a ZWIA – Zero Waste International Alliance, movimento internacional de organizações que desenvolvem o conceito e princípios Lixo Zero no Mundo.

**Instituto Mapinguari (Nacional – Amazônia):** Organização Não Governamental da Amazônia que realiza ações de defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável da Região. Desde sua fundação, o Instituto busca a consolidação e fortalecimento de Áreas Protegidas, especialmente do Estado do Amapá. Tal estratégia busca a valorização do capital ambiental, cultural e socioeconômico das áreas protegidas e seus habitantes.

**Instituto na Cuia (Pará):** produtora cultural e agência de comunicação construída para jovens divulgadores populares e independentes que acreditam na valorização da cultura amazônica como fio condutor de transformações na sociedade, a partir da democratização da comunicação e do acesso à cultura como forma de emancipação social de territórios e ampliação do espaço cívico na Amazônia. Equipe formada 100% por pessoas LGBTQIAPN+, majoritariamente das periferias de Belém e região metropolitana da capital paraense, desenvolvendo suas discussões principalmente em volta dos temas de direito à livre orientação sexual e identidade de gênero, justiça ambiental, cultura popular e cuidados integrais, de modo a impactar diretamente a juventude periférica da região.

**Instituto Regatão (Nacional - Amazônia):** um coletivo de amazônidas que promove ações e projetos para fortalecer a identidade cultural das Amazônias, reconhecendo que, dentro da extensão territorial da Amazônia brasileira, há e vivem muitas culturas, que divergem em territórios e convergem em ancestralidade. Entende que a cultura é uma ferramenta da proteção territorial e um instrumento poderoso para combater a crise climática. O nome, Regatão, é inspirado em um personagem que outrora cruzava rios e conectava pessoas, numa pequena embarcação, levando insumos e mercadorias de comunidade em comunidade.

**Lab Procomum (Nacional):** O Instituto Procomum tem desenvolvido, em parcerias locais, interlocais e governamentais, designs de metodologias de participação social a partir de laboratórios temáticos de curto e longo prazo, com chamada pública e seleção que prioriza a participação de diferentes saberes e comunidades periféricas e grupos sub-representados para propor soluções a serem levadas à disputa de políticas públicas.

**Mandi (Nacional – Amazônia):** organização da sociedade civil que existe para, a partir das águas amazônicas, convidar pessoas a imaginar outros futuros para as cidades, com uma visão crítica e esperançosa, por meio de experiências educacionais, mobilização social e produção de conhecimento local - com muito diálogo com a diversidade de atores sociais, escuta sempre ativa, valorizando a pluralidade de saberes e fazeres e a construção colaborativa e participativa de soluções e alternativas.



**Museu do Plástico (Internacional):** projeto inventivo que imagina como seria um museu em 2121 que pudesse visitar como o século XXI se organizava ao redor e pelo plástico, algo já superado nessa data imaginada. Diversos artistas sul-africanos desenvolveram painéis 3D que podem ser visitados online, refletindo sobre os comportamentos atuais em relação ao descarte de plásticos.

**Museu Etnográfico de Genebra (Internacional):** na Suíça, este museu promove o compartilhamento dos modos de conhecimento de culturas indígenas pelo mundo voltados à ação climática, em uma perspectiva de descolonização, por meio de exposições, conferências, debates e oficinas.

**Observatório dos Territórios Sustentáveis da Bocaina (Rio de Janeiro):** Criado a partir de uma parceria entre a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT), o Observatório é um espaço tecnopolítico de geração de conhecimento crítico, a partir do diálogo entre saber tradicional e científico, para o desenvolvimento de estratégias que promovam sustentabilidade, saúde e direitos para o bem viver das comunidades tradicionais em seus territórios.

**Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (Internacional):** Por meio do World Heritage Centre, mobiliza a atuação de Estados-membros das Nações Unidas e outros órgãos interessados para mitigar o impacto das mudanças climáticas na cultura global. É a responsável pela classificação dos Patrimônios da Humanidade - lugares de indispensável importância para a humanidade -, atuando para sua preservação e adaptação. Da mesma forma, atua financiando e alavancando projetos de resiliência climática, desenvolvendo guias metodológicos para comunidades e governos.

**Permaculture Gardens of Resilience (Internacional):** no Paquistão, o projeto busca apoiar a construção de jardins de resiliência baseados em permacultura em comunidades rurais. Trabalhando com as mulheres das comunidades em que se instala, o projeto busca não apenas impactá-las com informação, mas transformá-las em guardiãs e disseminadoras desse conhecimento, a partir de suas próprias práticas culturais. Muitas dessas mulheres não sabem ler ou escrever, mas possuem um rico patrimônio cultural vivido, que é traduzido em bordados e canções, para garantir uma transmissão que faça sentido contextualmente.

**Pimp my carroça (Nacional):** associação da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolve iniciativas pelas catadoras e catadores de todo o Brasil por meio do ativismo, mobilização, visibilidade e tecnologias sociais colaborativas e inovadoras para construir um futuro em que as catadoras e os catadores também participem das decisões políticas que afetam suas vidas.

**Plataforma Guar (Bahia):** plataforma de arte e ecologia situada no território do estuário do rio Paraguassu, no Recôncavo Baiano.

**Preserving Legacies - A Future for Our Past (Internacional):** Compreendendo a dificuldade da preservao de paisagens culturais, sítios arqueológicos e construoes históricas frente  acelerao da crise climática, a organizao Heritage Adapts propõe uma soluço comunitária. A partir da expertise do ICOMOS e de seus membros, desenhou uma abordagem que empodera as comunidades locais com o conhecimento científico e as habilidades técnicas para que possam salvaguardar seus espaços de pertencimento. Entre os locais em que o programa atua está o sítio de Petra, na Jordânia e o Estuário de Tijuana, entre o México e os Estados Unidos, conhecido como a última zona pantanosa ainda existente na região.

**Programa das Naoes Unidas para o Meio-Ambiente - PNUMA (Internacional):**  o braço específico das Naoes Unidas para a atuao concreta em projetos para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tendo como base uma abordagem em quatro pontos para a crise climática, ancorada no Acordo de Paris. Essa atuao consiste em: a) providenciar e centralizar informaoes úteis para a tomada de decisão baseada em evidências; b) trabalhar entre setores para a transio da matriz energética baseada em carbono; c) empoderar comunidades para a adaptao e resiliência às mudanças climáticas; d) desenvolver mecanismos sustentáveis de financiamento para esses projetos.

**Quadrilátero Ferrífero (Minas Gerais):** na região que abriga as cidades de Ouro Preto e Congonhas, dois patrimônios culturais de humanidade reconhecidos pela UNESCO, além de diversos prédios históricos, monumentos e sítios arqueológicos, foi desenvolvido um projeto voltado para a preservao do conhecimento. Na iniciativa, cinco organizaoes artísticas locais, incluindo uma comunidade Quilombola, participaram de workshops imersivos. O treinamento permitiu que esses gestores e artistas co-criassem inventários de suas práticas culturais. Esses dados, histórias e conhecimento da cultura local agora estão disponíveis a professores, autoridades locais e influenciadores de políticas públicas.

**Quilombo do Feital (Rio de Janeiro):** a comunidade quilombola vem desenvolvendo aoes de resgate da cultura local e das tradioes quilombolas, como o artesanato, a pesca e a cata de caranguejo.

**Rede Cultura & Clima em foco (Nacional):** espaço virtual de debates e trocas sobre a agenda de cultura e clima, organizado na articulao do PerifaLab com People Places Projects.

**Redes da Maré (Rio de Janeiro):** instituição da sociedade civil que produz conhecimento, elabora projetos e ações na busca pela garantia de políticas públicas efetivas que melhorem a vida dos 140 mil moradores do conjunto de 15 favelas da Maré, incluindo a afirmação de direitos urbanos e socioambientais.

**Safeguarding Sudan's Living Heritage (Internacional):** no Sudão, esta iniciativa busca proteger a herança viva do país a partir de colaboração próxima com as comunidades e documentação dos seus modos de vida. Por meio do aprofundamento nas relações entre cultura, clima e subsistência na região, o projeto tem como objetivo construir um futuro sustentável em um ambiente saudável.

**Solar Cultural da Terra Maria Firmina dos Reis (Maranhão):** Inaugurado em 2019, em São Luís, o espaço surge a partir da necessidade de ter um espaço coletivo para a partilha das conquistas e desafios da Reforma Agrária Popular. Gerido pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), abriga uma unidade do Armazém do Campo, que oferece diversos produtos da reforma agrária, a livraria Expressão Popular, que enfatiza os temas de diálogo entre campo e cidade e da defesa dos trabalhadores, além de sala de reuniões, espaço de leitura e um bar. As atividades desenvolvidas no espaço envolvem exposições de artes, debates, palestras, festivais literários e feiras agroecológicas, sempre enfatizando a questão do combate à fome e da urgência da reforma agrária no Brasil.

**Songs of the Earth (Internacional):** álbum visual lançado durante a COP26 que propicia uma animação narrativa e imersiva acerca das mudanças climáticas, contando a história sob a perspectiva da Terra - uma pedra, apenas, afeiçoada a seus habitantes temporários, os humanos - e de Asha - uma jovem refugiada climática do Bangladesh procurando por seu pai desaparecido nas enchentes no país.

**Tecnobarca (Nacional – Amazônia):** Residência Artística e Festival de Artes itinerante na região Amazônica que utiliza um barco como galeria de arte flutuante, palco de shows, cineclube, ambiente de troca de experiências, vivências entre artistas, pesquisadores e moradores ribeirinhos das comunidades que são visitadas.



**Uma Concertação Pela Amazônia (Nacional – Amazônia):** rede ampla, diversa e plural de pessoas, instituições e empresas formada para buscar soluções para a conservação e o desenvolvimento sustentável do território e a melhoria da qualidade de vida daqueles que vivem nele. A rede realiza encontros temáticos com participação de especialistas e representantes de diferentes setores e organiza Grupos de Trabalho para produzir conhecimento sobre temas específicos. A iniciativa é um desdobramento do projeto Amazônia Possível, movimento do setor empresarial brasileiro criado em 2019 para levar à COP15 (realizada em Madri, Espanha) propostas concretas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia. O movimento foi apoiado pela Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura, Rede Brasil do Pacto Global, Sistema B e Instituto Arapyáú.

**Virada Cultural Amazônia de Pé (Nacional):** movimento nacional, territorialmente descentralizado, para proteger florestas públicas. Realiza eventos e formações em todo o território.

**World Cities Culture Forum (Internacional):** Fundado em 2012, é um fórum cultural de cidades globais com o objetivo de criar uma rede de mais de quarenta cidades criativas a fim de pautar o desenvolvimento sustentável pela cultura. Atua conectando prefeituras, indústrias criativas e setores culturais para criar cidades sustentáveis, inclusivas e prósperas, dando suporte informacional para o desenvolvimento de centros culturais e iniciativas disruptivas no planejamento urbano. Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro são as cidades brasileiras atuando diretamente na rede.





Ribeirinho é visto em sua canoa enquanto atravessa área de igapó no município de Careiro da Várzea, Amazonas  
© Bruno Kelly









REALIZAÇÃO

 **C DE  
CULTURA**

**OUTRA  
ONDA**  
CONTEÚDO

PARCERIA TÉCNICA

 **INSTITUTO  
VEREDAS**